



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO  
CULTURAL**

**ANGÉLICA RODRIGUES DE OLIVEIRA**

**POVOADO LAVANDEIRA: LEVANTAMENTO DE VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS  
DE UM PORTO NO RIO ESTRADA DO SERTÃO BAIANO**

Cachoeira-BA

2023

ANGÉLICA RODRIGUES DE OLIVEIRA

**POVOADO LAVANDEIRA: LEVANTAMENTO DE VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS  
DE UM PORTO NO RIO ESTRADA DO SERTÃO BAIANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, para obtenção do título de Mestra em Arqueologia e Patrimônio Cultural.

Concentração: Arqueologia

Linha 1: populações, ambientes e culturas

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fabiana Comerlato.

Cachoeira-BA

2023

---

O482p Oliveira, Angélica Rodrigues de.

Povoado Lavandeira: levantamento de vestígios arqueológicos de um porto no rio - estrada do sertão baiano / Angélica Rodrigues de Oliveira. Cachoeira, BA, 2023. 193f.:il.

Orientadora: Profª Drª Fabiana Comerlato

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes Humanidades e Letras, Programa de Pós-graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural, 2023.

1. Povoado Lavandeira – Santa Maria da Vitória (BA). 2. Arqueologia da paisagem - Bahia. 3. Arqueologia. I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras. II. Título.

CDD: 930.1

---

Ficha elaborada pela Biblioteca do CAHL - UFRB. Responsável pela  
Elaboração – Juliana Braga (Bibliotecária – CRB-5/ 1396)  
(Os dados para catalogação foram enviados pelo usuário via formulário eletrônico)

**ANGÉLICA RODRIGUES DE OLIVEIRA**

**POVOADO LAVANDEIRA: LEVANTAMENTO DE VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS  
DE UM PORTO NO RIO ESTRADA DO SERTÃO BAIANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, para obtenção do título de Mestre em Arqueologia e Patrimônio Cultural.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Fabiana Comerlato**  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB  
Presidente (Orientadora)

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sarah de Barros Viana Hissa**  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB

---

**Prof. Dr. Roberto Airon Silva**  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN

## **AGRADECIMENTOS**

Trabalho de participação de um coletivo, desde a escolha do tema, a motivação nos pesquisadores de Santa Maria da Vitória-BA, com destaque ao Museólogo Manuel Cruz e o Professor Clodomir Santos de Moraes. Foi nas construções coletivas da academia que a Professora Ana Luisa Ribeiro Carmona sugeriu a inscrição no processo de mestrado. Gratidão!

Também são ao coletivo os meus agradecimentos: para toda a comunidade da Lavandeira, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia-UFRB, ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio-PPGAP, seus professores - homenageio postumamente a Dr<sup>a</sup> Sabrina Damasceno, orientadora na graduação e na vida. Aos colegas que seguraram a minha mão em momentos de dor e, de modo especial, à minha orientadora da pesquisa - Dr<sup>a</sup> Fabiana Comerlato, luz em muitos momentos de desesperança. Em nome de Gilson Silva, agradeço a cada parceria firmada ao longo do trabalho.

Dedico ainda, à MINHA MÃE, Agnélia Mendes de Oliveira, meu exemplo de mulher, de ancestralidade e de solidariedade. Em seus 91 anos de luta, sempre meu farol, minha inspiração diária. Seguiremos juntas na pesquisa da Guerra da Lavandeira e pelas demais trincheiras da vida.

Santa Maria da Vitória-BA, Outubro de 2023.

## RESUMO

O presente trabalho estuda o Povoado Lavandeira, localizado nas coordenadas geográficas 13°22'04.6" S, 44°06'43.5" W, -13.367950, -44.112-74. Um importante entreposto comercial, que serviu como meio de ligação entre o sertão baiano e o rio São Francisco do município de Santa Maria da Vitória-Bahia, em meados do século XIX, destruído num conflito ocorrido em 26 de julho de 1878. A temática ainda não foi alcançada e não há estudo sistemático, sendo pioneira a contribuição desta pesquisa para a região. O povoado sofreu um ataque armado e foi destruído numa guerra entre freguesias do Além São Francisco. A investigação se detém no estudo do fenômeno da Guerra da Lavandeira a partir da análise espacial e paisagística das instalações referentes ao Povoado e do Porto da Lavandeira. A problemática inicial se caracteriza pela busca do entendimento de que categoriza essa guerra, que elementos vestigiais existem no Povoado Lavandeira e quais as implicações da guerra para o local e suas populações. Envidamos a descrição do Povoado para entender sua caracterização ambiental de forma minuciosa, através da pesquisa documental e pesquisa de campo. Utilizamos os aportes teóricos da Arqueologia da Paisagem e da Arqueologia do Conflito, para compreender a Lavandeira e suas representações sociais, as razões de valoração do local pela comunidade, através do estudo do processo de ocupação com realização de caminhamento na área, onde se verificou evidências, além da escuta da comunidade, cujas informações orais foram cruzadas com as probabilidades apontadas na observação em campo, levantamento da área e prospecção, combinando assim os métodos oportunístico e probabilístico como metodologias de análise dessa paisagem e populações. Desse modo, esperamos contribuir para a elaboração do panorama arqueológico do lugar, pois entendemos a paisagem arqueológica como ambiente que, através da ponte entre paisagem e patrimônio, pode-se identificar as transformações desse lugar, brutalmente impactado por um conflito bélico.

**Palavras-chave:** Arqueologia do conflito; Povoado Lavandeira; Arqueologia da paisagem.

## ABSTRACT

The present work studies the Povoado Lavandeira, located at the geographic coordinates 13°22'04.6" S 44°06'43.5" W -13.367950, -44.112-74. An important commercial warehouse, which served as a means of connection between the backlands of Bahia and the São Francisco River in the municipality of Santa Maria da Vitória-Bahia, in the mid-19th century, destroyed in a conflict that occurred on July 26, 1878. The theme still has not been achieved and there is no systematic study, the contribution of this research to the region being pioneering. The town suffered an armed attack and was destroyed in a war between parishes in Além São Francisco. The investigation focuses on the study of the phenomenon of the Lavandeira War based on the spatial and landscape analysis of the installations related to the Village and Porto da Lavandeira. The initial problem is characterized by the search for understanding what categorizes this war, what trace elements exist in Povoado Lavandeira and what the implications of the war are for the place and its populations. We sent a description of the Village to understand its environmental characterization in detail, through documentary research and field research. We use the theoretical contributions of Landscape Archeology and Conflict Archeology, to understand Lavandeira and its social representations, the reasons for valuing the place by the community, through the study of the occupation process with a walk in the area, where evidence was found, in addition to listening to the community, whose oral information was crossed with the probabilities identified in field observation, area survey and prospecting, thus combining opportunistic and probabilistic methods as methodologies for analyzing this landscape and populations. In this way, we hope to contribute to the development of the archaeological panorama of the place, as we understand the archaeological landscape as an environment that, through the bridge between landscape and heritage, can identify the transformations of this place, brutally impacted by a war conflict.

**Keywords:** Conflict archeology; Lavandeira Village; Landscape archaeology.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vista aérea de Santa Maria da Vitória.....	20
Figura 2 - Vista aérea do Porto Lavandeira a partir do rio Corrente.....	21
Figura 3 – MAPA 01: Mapa da Malha Fluvial do rio São Francisco – Bispado da Bahia. .....	22
Figura 4 – MAPA 02: Mapa do Município de Santa Maria da Vitória.....	33
Figura 5 - MAPA 03: Mapa da Rota de Navegação do Rio São Francisco .....	34
Figura 6 - Vapor São Salvador no Baixo São Francisco, Augusto Riedel, 1868. ....	36
Figura 7 - MAPA 04: Mapa da região hidrográfica do Rio São Francisco. ....	38
Figura 8 - Imagem 4: Rio Corrente com vista para o Morro Domingão. ....	39
Figura 9 - BNRJ. Carta Geral da Província da Bahia e das Províncias de Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Sergipe, Alagoas e Pernambuco, com pedaços das Províncias de São Paulo, Goiás, Piauí, Ceará e Paraíba. Carta Geral contendo o traçado das diferentes empresas projectadas com relação à navegação do Alto do rio de São Francisco. ....	48
Figura 10 - MAPA 05: Mapa da Região Oeste da Bahia. ....	50
Figura 11 - Vista da Lavandeira a partir da Ilha.....	55
Figura 12 - Vista aérea do Povoado Lavandeira .....	64
Figura 13 - Vista aérea do Morro e áreas construídas .....	65
Figura 14 - Foto da Sede da fazenda Lavandeira .....	65
Figura 15 - Planta Manual do Povoado Lavandeira .....	67
Figura 16 - Vista aérea de Santa Maria da Vitória.....	68
Figura 17 - Foto Rio Corrente com vista para o Morro Domingão.....	69
Figura 18 - Foto Entrada para a vila de trabalhadores .....	73
Figura 19 - Desenho da área pesquisada .....	74
Figura 20 - Foto da Linha 1 de Caminhamento .....	75
Figura 21 - Foto do Acesso ao povoado pela estrada vicinal.....	76
Figura 22 - Foto do Caminhamento linha 2. ....	77
Figura 23 - Foto do Caminhamento linha 2. ....	78
Figura 24 - Foto varredura da linha 3.....	79
Figura 25 - Desenho 1: Linha de Caminhamento 1.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Figura 26 - Desenho 2: Linha de Caminhamento 2.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Figura 27 - Desenho 3: Linha de Caminhamento 3.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>

Figura 28 - Desenho 4: Linha de Caminhamento 4.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Figura 29 - Foto Prospectando a área da sede desativada.....	81
Figura 30 - Foto do Acesso ao povoado pela estrada vicinal .....	81
Figura 31 - Foto Estrada vicinal e saída para o porto.....	82
Figura 32 - Fotos Antigos proprietários da Lavandeira relatando os conflitos .....	83
Figura 33 - Foto de Marcas de bala nas paredes da sede 1970 .....	86
Figura 34 - Desenho Povoado Lavandeira .....	88
Figura 35 - Foto da área irrigada.....	88
Figura 36 - Foto antigo canal de irrigação.....	89
Figura 37 - Foto do porto arado de trator na área pós enchentes de 2022 .....	91
Figura 38 - Foto de Comunitários mostrando as áreas do conflito à pesquisadora...92	
Figura 39 - Foto Medição das áreas estudadas - medidas do campo de pouso até o rio .....	93
Figura 40 - Foto Porto Lavandeira – setembro 2023.....	98
Figura 41 - Foto da Casa da entrada principal da fazenda Lavandeira – BA 242 – KM 9 .....	99
Figura 42 - Foto da Casa da entrada principal da fazenda Lavandeira.....	100
Figura 43 - Foto Construção de nova casa distante 500 m da casa anterior demolida – setembro 2023 .....	101
Figura 44 - Vista do local da antiga casa da entrada principal e da casa em construção – 2023 .....	101
Figura 45 - Estrada vicinal de acesso à fazenda Lavandeira - BA 242 – KM 10.....	102
Figura 46 - Estrada vicinal – acesso para o Povoado Cuscuzeiro - BA 242 – KM 8 .....	102
Figura 47 - Estrada vicinal – acesso à antiga Vila - BA 242 – KM 9.....	103
Figura 48 - Entrada principal da antiga vila de trabalhadores – BA 242 – KM 9 .....	104
Figura 49 - Entrada principal da antiga vila de trabalhadores – BA 242 – KM 9 .....	105
Figura 50 - Vista da antiga vila de trabalhadores - BA 242 – KM 9.....	106
Figura 51 - Vista frontal do galpão e entrada da Vila de trabalhadores.....	106
Figura 52 - Vista lateral do galpão.....	107
Figura 53 - Vista frontal do galpão localizado na vila de trabalhadores .....	107
Figura 54 - Foto Cantina e área central dos pivôs - BA 242 – KM 12 .....	108
Figura 55 - Foto cantina e área central dos pivôs .....	108

Figura 56 - Início da área do campo de pouso, terminando na cerca limite da fazenda - BA 242 – KM 9 .....	109
Figura 57 - Foto Casa no centro da Vila Lavandeira – 5 m de frente 4m lateral – 3.5m altura – tijolo e telha de cerâmica – dezembro de 2022 – apontada como local da sede destruído no conflito .....	109
Figura 58 - Casa existente no centro da Vila Lavandeira – 5 m de frente 4m lateral – 3.5m altura – tijolo e telha de cerâmica – Dezembro de 2022 – apontada como local da sede destruído no conflito .....	110
Figura 59 - Foto do Local do Lenheiro do vapor.....	111
Figura 60 - Foto antigo do Lenheiro do vapor .....	111
Figura 61 - Foto de Poste localizado no local da Casa existente no centro da Vila Lavandeira apontada como local da primeira sede - destruída no conflito.....	112
Figura 62 - Edificações à mostra da casa derrubada - apontada como local da primeira sede destruído no conflito – setembro de 2023.....	112
Figura 63 - Foto Sede atual da fazenda Lavandeira .....	113
Figura 64 - Vista aérea da Sede atual fazenda Lavandeira .....	113
Figura 65 - Fotografia Curral da fazenda .....	114
Figura 66 - Vista área do Cemitério com destaque para sua UTM.....	114
Figura 67 - Local apontado como o cemitério .....	115
Figura 68 - Foto detalhe da cerca do local apontado como o cemitério .....	116
Figura 69 - Foto da 3ª sede da fazenda – ruína .....	117
Figura 70 - Foto aérea da Lavandeira, em destaque a ruína da segunda sede dos anos 70 .....	117
Figura 71 - Foto Ruína 2ª sede – vista dos fundos.....	118
Figura 72 - Vista aérea de todas as áreas irrigadas da fazenda Lavandeira .....	119
Figura 73 - Tubo do Sistema de irrigação antigo.....	119
Figura 74 - Foto antiga Caixa de água e casa do motor antigo – 50 mil litros.....	120
Figura 75 - Foto Reservatórios de água dos pivôs – setembro 2023.....	120
Figura 76 - Foto Pivô central em funcionamento.....	121
Figura 77 - Foto da Área de irrigação ativa – Foto da Autora - Setembro 2023.....	121
Figura 78 - Foto Cantina e área central dos pivôs.....	123
Figura 79 - Foto Porto Lavandeira.....	123
Figura 80 - Foto Porto Lavandeira – 500m dezembro 2022.....	124
Figura 81 - Foto Porto Lavandeira.....	124

Figura 82 - Foto Porto Lavandeira.....	125
Figura 83 - Foto Sistema de irrigação em construção.....	125
Figura 84 - Foto Pivô central em funcionamento.....	126
Figura 85 - Foto Sistema de irrigação em construção.....	126
Figura 86 - Foto Sistema de irrigação em construção.....	127
Figura 87 - Vista aérea de detalhes sistema de irrigação em construção .....	134
Figura 88 - Vista parcial Lavandeira.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
Figura 89 - Planta manual das linhas de prospecção... <b>Erro! Indicador não definido.</b>	
Figura 90 - <b>Registro da primeira entrevista</b> .....	143

## LISTA DE ABREVIATURAS DE SIGLAS

ALM	Antonio Lisboa de Moraes.
CHESF	Companhia Hidrelétrica do São Francisco.
CPRM	Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais.
CNA	Cadastro Nacional de Arqueologia.
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CNRS	Conselho Nacional de Pesquisa Científica.
CNRS	Centre National de la Recherche Scientifique.
CONICET	Conselho Nacional Argentino de Pesquisa Científica.
DNOCS	Departamento Nacional de Obras Contra as Secas.
FINEP	Financiadora de Estudos e Projetos.
GPS	Sistema de Posicionamento Global.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
IFOCS	Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas
IOCS	Inspetoria de Obras Contra as Secas
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
MAE	Museu de Arqueologia e Etnologia.
PDRS	Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável Serra Geral.
PRONAPA	Projeto Nacional de Pesquisa Arqueológica
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.
UFBA	Universidade Federal da Bahia.
UFOB	Universidade Federal do Oeste da Bahia
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco.
UFRB	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.
USP	Universidade de São Paulo
UTM	Universal Transversa de Mercator
SEI	Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2 POVOADO LAVANDEIRA: UM PORTO NO RIO-ESTRADA DO SERTÃO BAIANO .....</b>	<b>22</b>
2.1 CARACTERIZAÇÃO AMBIENTAL E HISTÓRICA.....	22
2.2 HISTÓRICO DAS PESQUISAS.....	27
<b>3 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS .....</b>	<b>41</b>
3.1 OS CAMINHOS TEÓRICOS DA PESQUISA .....	41
3.2 ARQUEOLOGIA HISTÓRICA.....	41
3.3 ESTUDO DA ARQUEOLOGIA HISTÓRICA NA BACIA DO RIO CORRENTE	45
3.4 ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM.....	53
3.5 ARQUEOLOGIA DO CONFLITO.....	58
3.6 AS ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS .....	60
3.7 PESQUISA DE CAMPO .....	91
<b>4 RESULTADOS DA PESQUISA .....</b>	<b>99</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>135</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>138</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>142</b>

## INTRODUÇÃO

O surgimento desta proposta de trabalho ocorreu a partir da vivência da pesquisadora com uma inquietação de sua comunidade natal, onde se afirma desde sua mais tenra idade ter ocorrido uma guerra no Povoado Lavandeira, a duas léguas distante da sede do município de Santa Maria da Vitória-BA, nos idos do século XIX. Com os conhecimentos apreendidos durante a graduação em Museologia, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, no campus de Cachoeira, o seu retorno para a cidade, em 2019, trouxe outro olhar acerca de sua comunidade, motivando o uso do aprendizado acadêmico em função do patrimônio cultural local. Portanto, dentro desse contexto foi elaborado o projeto de pesquisa intitulado “Povoado Lavandeira: um porto no rio-estrada do sertão baiano”, com a finalidade de compreender o fenômeno Lavandeira a partir de uma pesquisa científica como caminhos para a elaboração de um panorama arqueológico e entendimento desse conflito.

Nosso objetivo é analisar o fenômeno da Guerra da Lavandeira a partir da análise espacial e paisagística das instalações referentes ao Povoado e do Porto de Lavandeira, na Bacia do Rio Corrente, identificando áreas potenciais de registro arqueológico. O rio e a localização espacial que compreendem essa paisagem, aliadas às informações orais e seus indicadores apresentados, foram fundamentais para mediar a análise dessas informações levantadas e cruzadas com os dados da historiografia, da cartografia local e demais informações documentais que embasaram nossa pesquisa arqueológica para realizar o levantamento dos vestígios arqueológicos existentes neste Porto que foi a base da existência de uma vila comercial.

Em razão do recorte temporal, a Arqueologia Histórica é nossa fundamentação maior, por sua teoria e seus métodos próprios e dela partimos para as subáreas da arqueologia que orientam a pesquisa. Nos referendamos em Rosana Najjar Lima, Luiz Claudio Symanski e Paulo Zanettini, Carlos Magno Guimarães, Carlos Etchevarne, Felipe Criado Boado, Ana Lúcia Herberts, Rafael Abreu Souza. Nossos caminhos teóricos orientadores da investigação para uma possível exequibilidade da pesquisa nos levaram a utilizar os autores: Carlos Alberto Costa, Carlos Etchevarne, Felipe Criado Boado, Jaisson Teixeira Lino, Leilane Patricia de Lima, Luiz Claudio P. Symanski, Marcelo Rede, Pedro Paulo Funari, Ricardo González Villaescusa, Richard

John Carman, Solange Bezerra Caldarelli, Tania Andrade Lima Cardoso, dentre outros. O conceito *culturalista* de paisagem, criado do Felipe Criado Boado em 1991, é onde nossa pesquisa encontrou maior respaldo. Partimos do pensamento de que as investigações arqueológicas devem transcender os lugares conhecidos como assentamentos arqueológicos para uma compreensão de paisagem enquanto território, portador de todas as especificidades que a diversidade territorial representa na Paisagem Arqueológica e que ela é meio das inter-relações do ambiente com os seres humanos e todo o meio natural. Fundamentam a dinâmica cultural e os processos sociais. (LEVIS, 1985; KNAPP, 1999; ACUTTO, 1999; CRIADO BOADO, 1991, 1996; BRADLEY, 2000; MORAIS, 2000; ZEDEÑO, 2000; THOMAS, 2003; BANDEIRA, 2006; MIGUEZ, 2006).

A visão da paisagem natural e humana como artefato nos orienta no entendimento desse ambiente (CRIADO BOADO, 1993). A aproximação da arqueologia da paisagem além de apontar ferramentas de compreensão para as transformações ocorridas nessa paisagem e suas modificações, também nos leva a observar a gestão do patrimônio cultural e a desvalorização deste no tocante ao Povoado, entendendo as peculiaridades da área enquanto pertencente a dois biomas —caatinga e cerrado—, localizada na zona de transição, conformada por grutas, lapas e abrigos e local de um conflito que modifica todas as relações sociais com aquele ambiente. Funari (2003) assevera que

A exploração e valorização dos territórios nacionais implicam também num relacionamento particular entre a Arqueologia, a sociedade e os grupos no poder. Trata-se, em geral, da incorporação de monumentos e objetos numa prática de valorização e transformação econômica da paisagem (FUNARI, p. 37, 2003).

A investigação em curso tem como objeto de pesquisa um povoado ribeirinho, localizado num distrito homônimo – a Lavandeira, situado no Oeste Baiano, no município de Santa Maria da Vitória, pertencente à bacia hidrográfica do São Francisco, no território de identidade cultural Bacia do Rio Corrente. Observamos o fenômeno da chamada Guerra da Lavandeira a partir da análise espacial e paisagística das instalações referentes ao Povoado e ao Porto Lavandeira, identificando áreas potenciais de registro arqueológico. O registro arqueológico, para este estudo, compreende “(...) a visibilidade da paisagem criada pelo estudo arqueológico” (CRIADO BOADO, 1991) e “a forma de realizar levantamento dos

artefatos arqueológicos ou vestígios na paisagem natural”. Segundo Laina da Costa Honorato (2009).

A discussão das técnicas para as escolhas da estratégia metodológica para o levantamento de dados se embasou em Ammerman, 1981; Plog, Plog&Wait, 1978; Schiffer, 1979. O povoado foi destruído numa guerra ocorrida há mais de um século e ainda faz parte da memória da comunidade e é o que motiva a pesquisadora a pensar uma prática interpretativa do passado no presente, se debruçando através de uma pesquisa arqueológica num estudo sobre a guerra da Lavandeira. Para tanto, buscamos a capacidade de compreensão desse fenômeno com a finalidade de entender a realidade social a partir do que ainda está aparente nas materialidades do objeto investigado, realizando a análise espacial e paisagística das instalações referentes ao Povoado e do Porto de Lavandeira no contexto do século XIX na Bacia do Corrente, identificando áreas potenciais para o registro arqueológico do Povoado Lavandeira.

Leandro Konder<sup>1</sup> disserta sobre os conflitos políticos ocorridos desde o século XVIII, e que já não havia possibilidade de impedir que eles tomassem as ruas e as camadas populares. Desde a Revolução Francesa “as guerras napoleônicas também mobilizaram as massas populares e os homens do povo foram obrigados a pensar sobre questões políticas que antes eram discutidas apenas por uma elite”. As disputas também motivaram muitas guerras para aquisição do domínio do comércio e da política.

Nos inícios do século XIX, o Povoado Lavandeira foi utilizado como um importante entreposto comercial e via de ligação de toda a região do cerrado baiano com a navegação do rio São Francisco. Era a vila de Santa Maria da Vitória-Bahia, em meados do século XIX e inícios do século XX, ambiente de muita fartura, criação de gado, comércio de produção agrícola e agropecuária, além da existência de atividades de lavras minerais. O cenário nacional do período aponta muitas disputas territoriais e peijas entre diversas freguesias do sertão baiano.

É resultante destas disputas o surgimento dos conflitos ocorridos na Bacia do Rio Corrente, especificamente no Povoado Lavandeira, onde ocorreu a Delenda Lavandeira. O Povoado e a Vila foram devastados. Nossa pesquisa se recorta no território ribeirinho que teve esse impacto e este estudo se debruçou a pesquisar suas

---

<sup>1</sup> O tema pode ser consultado na obra KONDER, Leandro. O que é dialética / Leandro Konder. — São Paulo: Brasiliense, 2008. — (Coleção Primeiros Passos: 23).

motivações com o propósito de elaborar caminhos que levassem à identificação de potenciais pesquisas arqueológicas no município de Santa Maria da Vitória, reunindo elementos que possam dar visibilidade àquela paisagem outrora fundamental para o funcionamento das atividades comerciais do local.

As guerras ocorridas no Além São Francisco e todos os conflitos entre as freguesias localizadas no Oeste da Bahia também nos ajudam na organização das informações da paisagem diagnosticada e nos aproximam do entendimento espacial do Porto Lavandeira e do Povoado homônimo, onde se busca potencialidades que possam subsidiar o registro arqueológico da localidade.

Objetivamos elencar dados no sentido de apoiar um estudo sistemático e contribuir para as pesquisas arqueológicas na região, onde poucos estudos foram realizados no campo da Arqueologia Histórica, ainda que existem muitas possibilidades de investigação, como é o caso da Guerra da Lavandeira, cuja delenda segue no imaginário da comunidade local e não existe um estudo sobre uma guerra que impactou o local e suas populações. Assim, o estudo em questão nos permite o debruçamento sobre o fenômeno da Guerra da Lavandeira, para realizar a categorização do conflito e localizar seus elementos vestigiais, identificando as materialidades, nas quais podem existir as razões de sua invisibilidade ainda hoje.

O forte ataque armado e a destruição do Porto e do Povoado Lavandeira, um século e meio após seu acontecimento, ainda está presente na localidade e na paisagem. Nos detivemos nos finais do século XIX, período que o Povoado sofreu o ataque armado e sua desativação, através de uma guerra entre freguesias do Além São Francisco. Partindo de uma situação problema, elencamos dados para a caracterização do Porto e do Povoado, estudando aquela paisagem para compreender e realizar a categorização dos conflitos locais e que elementos vestigiais existem no Povoado Lavandeira e como estes fatos impactaram a localidade e suas populações.

Nossa metodologia se iniciou realizando a descrição do Povoado e a realização de uma caracterização ambiental do local, utilizando a pesquisa documental e a pesquisa de campo. A pesquisa se amparou nos aportes teóricos da Arqueologia da Paisagem e da Arqueologia do Conflito, a partir da percepção de que a Lavandeira é uma paisagem impactada pela guerra. Assim, realizamos escuta da comunidade, para apoiar o estudo do processo de ocupação do local. As entrevistas realizadas com os moradores locais foram fundamentais para as etapas seguintes da pesquisa,

apontando a necessidade de prospecção do solo, após a realização da prospecção humana realizada durante as escutas e realização de questionários.

As informações obtidas na observação em campo geraram a necessidade de realização de caminhamento na área, para realizar a verificação das evidências que foram indicadas pelos entrevistados durante as conversas na comunidade. O passo seguinte foi a realização da análise dessas informações orais e seu cruzamento com as probabilidades apontadas na observação em campo, levantamento da área e prospecção, combinando assim os métodos oportunístico e probabilístico como metodologia de análise dessa paisagem e populações. O ambiente modificado dessa paisagem que sofreu os impactos belicosos é o nosso *lócus* de pesquisa e a compreensão dos prováveis artefatos ajudam na visibilização dessa paisagem e entendimento da materialidade à luz dos estudos arqueológicos, visando a elucidação dos fatos históricos ocorridos na paisagem.

A presente dissertação está composta por três capítulos, subdivididos em: Povoado Lavandeira; aportes teóricos; aportes metodológicos; construção histórica e caracterização da Lavandeira; e resultados da pesquisa.

No primeiro capítulo discutimos o conceito de paisagem, a partir dos conceitos de Felipe Criado Boado e Ricardo González Villaescusa, com o propósito de situar no cenário arqueológico os estudos realizados na Bacia do Rio Corrente, considerando a aproximação da arqueologia da paisagem e a gestão do patrimônio cultural como proteção dos tipos de sítios localizados na região, buscando elementos para apoiar a elaboração do perfil arqueológico dos mesmos, acrescentando as peculiaridades da área estudada enquanto pertencente a dois biomas, caatinga e cerrado, localizada na zona de transição, conformada por grutas, lapas e abrigos, alguns deles já identificados pelos Professores Altair Sales Barbosa e Pedro Inácio Schimitz, nos anos 1980.

No segundo capítulo apresentamos o objeto de pesquisa, descrevendo-o enquanto paisagem socioambiental e seu entorno, analisando sua ampla conformação, desde sua fauna e flora, clima, tipo de solo, vegetação, hidrografia e suas formas de uso que as populações atuais dão ao espaço. O estudo prevê a mensuração do contexto e patrimônio social, além de elaborar o levantamento arqueológico do povoado e realizar inferências que poderão apontar, ou não, para a necessidade de uma investigação arqueológica mais profunda para realizar um

levantamento arqueológico denso onde suas relações sistêmicas possam ser exploradas. (SCHIFFER, 1972).

Apresento no terceiro capítulo o levantamento da bibliografia, dos dados que foram coletados em campo e as entrevistas realizadas na comunidade, seguida de sua análise. Para realizar a coleta em campo, a prospecção e as entrevistas, nossa materialização da prospecção humana, foi a base substancial da produção dos resultados. Para atender à problemática inicial da pesquisa, buscamos entender as categorias e os elementos vestigiais existentes no Povoado Lavandeira e as implicações da guerra para o local e suas populações perseguidos através deste estudo.

A hipótese de pesquisa apontada inicialmente, a partir dos conceitos teórico-metodológicos usados na investigação e a análise dos dados a partir do viés arqueológico, em busca de interpretações das representações estudadas, para se confirmar ou não a nossa hipótese inicial de que existem artefatos na Lavandeira, como ruínas e informações orais que a pesquisa apresentou, entrevistando os moradores, gerando questionários com as respostas e posterior análise destes para a realização da metodologia oportunística com o cruzamento dos dados documentais das informações orais e prospecção. (CALDARELLI; SANTOS, 2000). Deste modo, foi possível apontar as práticas sociais e narrativas de memória para a elaboração do levantamento de dados para o registro arqueológico do povoado, sendo crucial a análise e o ordenamento desses dados, com base na bibliografia, para fornecer informações sobre a ocupação e atividades realizadas e as representações sociais observadas como elemento primordial à elaboração do panorama arqueológico do local.

Figura 1 - Vista aérea de Santa Maria da Vitória

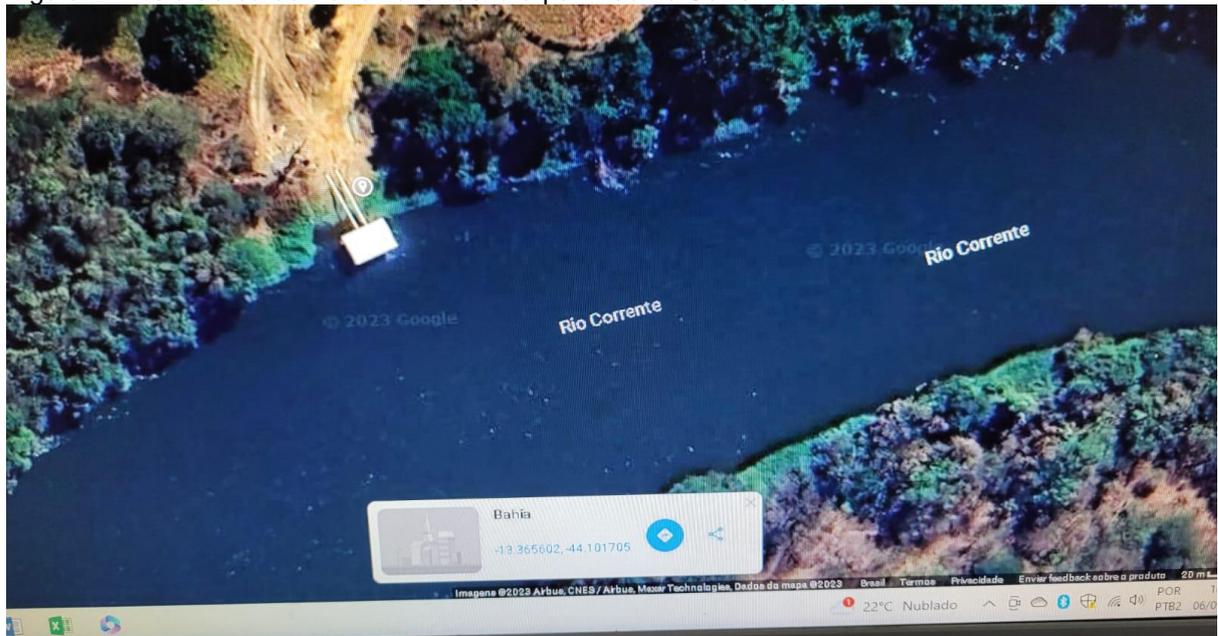


Fonte: Roger Silva (2022).

Para as considerações finais reservamos nossas impressões sobre os caminhos perseguidos durante a investigação, destacando que os resultados da pesquisa refletem diversas informações até então não aprofundadas sobre o tema, apontando que o objeto de estudo sinaliza para um campo profícuo para os estudos arqueológicos do local. Além disso, o trabalho pode ajudar na difusão do potencial arqueológico do local através da divulgação da pesquisa, contribuindo assim para a preservação do espaço, marco na construção da cidade e ponto importante na

construção da identidade coletiva da vida de Santa Maria da Vitória. Inserimos neste contexto investigativo as 23 pessoas entrevistadas e estes envolvidos na pesquisa foram fundamentais para descrever os principais fatos que marcaram esta localidade, desde a sua instalação no período áureo de um dos principais polos de produção de cana-de-açúcar.

Figura 2 - Vista aérea do Porto Lavandeira a partir do rio Corrente



Fonte: Google (2023).

## 2 POVOADO LAVANDEIRA: UM PORTO NO RIO-ESTRADA DO SERTÃO BAIANO

### 2.1 CARACTERIZAÇÃO AMBIENTAL E HISTÓRICA

A proposta de zoneamento do Povoado Lavandeira, porto e vila que fizeram parte do caminho da navegação do rio São Francisco, está caracterizada pelas nuances que perpassam o Rio-Estrada no sertão baiano, no trabalho de investigação dos vestígios arqueológicos, no município de Santa Maria da Vitória, situado no Oeste Baiano, onde está localizado o distrito denominado Povoado Lavandeira, sob as coordenadas geográficas 13°22'04.6" S e 44°06'43.5" W. Incrustado na margem esquerda do rio Corrente, ao lado do Morro Domingão, distante duas léguas da sede do município pertencente ao Território de Identidade Cultural da Bacia do Rio Corrente e a Bacia do São Francisco, o objeto de estudo em análise envolve o rio e sua localização territorial além da paisagem humana e natural que o compõe.

É no contexto do rio São Francisco e seu maior afluente (o Corrente, junto com o Grande) que está imbricada a Guerra da Lavandeira. A problemática inicial implica na compreensão das razões desta guerra e a destruição deste porto fluvial e vila comercial, um Porto do Sertão Baiano, através do levantamento dos elementos vestigiais que existem no Povoado Lavandeira e suas implicações, considerando o fato de que existem poucos registros sobre o fenômeno que envolveu este povoado localizado apenas a duas léguas, 12km, do porto de Santa Maria da Vitória, cidade baiana, distante 870km de Salvador e 580Km de Brasília-DF.

Buscamos evidências da cartografia histórica e vestígios arqueológicos dessas instalações do Povoado Lavandeira, na Bacia do Rio Corrente. O trecho navegável nas comarcas de Bahia, Minas e Pernambuco utilizou de grande tráfego de vapores até os inícios da segunda metade do século XX.

No mapa 1, observamos que ainda no século XVII o sertão baiano aparece em destaque na malha fluvial do rio São Francisco, demarcando a área do rio Corrente e sua ocupação interligada ao trecho onde contém ocupações e áreas de comércio e produção agrícola.



Fonte: Arquivo Público Distrito Federal<sup>2</sup> (2023).

<sup>2</sup> Disponível em: <[https://arpdf.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/1\\_BPE-1.png](https://arpdf.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/1_BPE-1.png)>. Acesso em: 2023.

Analisamos o fenômeno da Guerra da Lavadeira a partir da análise espacial e paisagística das instalações referentes ao Povoado e ao Porto de Lavadeira no contexto do século XIX no território de identidade cultural Bacia do Rio Corrente, localizado na grande bacia do rio São Francisco. Em busca de perceber e observar o objeto da investigação, a partir de análises teórico-metodológicas que levem à compreensão do local e das populações que compõem a localidade, mapeando as áreas onde existem elementos potenciais de registro arqueológico. (BINFORD, 1988)

A bacia do rio Corrente fica localizada na região do médio São Francisco, tem clima tropical subúmido, umidade relativa do ar mediana, em razão dos ventos que são comuns no quadrante Norte e índice anual pluviométrico baixo, sem distribuição das chuvas anuais com uniformidade e ocorrendo a maior precipitação durante os meses de novembro a março. Suas coordenadas 12°45' e 14°50' S e 43°20' e 46°15' W, com cerca de 35.230 km<sup>2</sup>, compreendidas numa totalidade de seus 11 municípios, Brejolândia, Tabocas do Brejo Velho, Santana, Serra Dourada, Canápolis, Santa Maria da Vitória, São Félix do Coribe, Correntina, Jaborandi, Cocos e Coribe, com sede territorial em Santa Maria da Vitória. (BRANDÃO, 2010).

Era o rio o meio de transporte do sertão. Não havia estradas nem meios de transportes terrestres por estas plagas além do lombo de animais de tropa e as viagens, poetizadas por Carlos Drummond de Andrade “como festivas e violeiras” (DRUMMOND) nem sempre eram diversão somente, em razão do tempo utilizado para a locomoção e, em muitos trechos, a presença de animais selvagens às vezes desafiava os viajantes no percurso terrestre, onde se andava a pé por longas distâncias. O único meio em que era possível de se transportar pessoas e mercadorias era o rio-estrada:

[...] O Rio Corrente, que, com o concurso dos Correntina [antigo Rio das Éguas], Arrojado, São José e outros, penetra no São Francisco, com sua valentia a uma légua além do Povoado Sítio do Mato e três léguas abaixo da Cidade da Lapa, ficamos com o espírito enlevado numa agradável sensação pelo capricho da sábia natureza.

Desde Sítio do Mato vê-se a listra verde-claro ao lado do listrão amarelo, que se estende à vista do viajante embevecido na contemplação do panorama que oferece a grande artéria majestosa, a qual o vapor há 60 anos sulca com suas rodas laterais, arrastando contra a correnteza um lanchão de 60 toneladas, e quando chega à embocadura do tributário entra familiarizado por uma tangente de águas cor de esmeralda, correndo entre uma floresta verde-escura para o lado oriental. (ANDRADE, 1933)

O rio Corrente está enfunado nos chapadões do Oeste Baiano, pertencente ao Aquífero Urucuia, de solo arenoso e formação argilosa. Tem uma orientação geral de E/NE e largura média de 90m, a área navegável é de 108km, contabilizando desde a foz até Santa Maria da Vitória. A depressão, composta por água e vegetação aquática em todo o rio Corrente, numa área de 5.435km<sup>2</sup>, contendo de planos rampeados para os vales, depressões fechadas com formação de colinas e sumidouros. Contém planos na parte Sul, seus areais e latossolos alúvio fluviais se originam nas alterações dos arenitos da Formação Urucuia e a Norte, derivados de rocha carbonática e vertissolos conformam a depressão. (IBGE, 1994).

Para o comércio fluvial também se deslocava até Santa Maria da Vitória a produção agrícola do município de Carinhanha. Afirma Durval Vieira de Aguiar que os agricultores precisavam ultrapassar a distância de 46 léguas para realizar o comércio de seus produtos na Vila de Santa Maria da Vitória. A farta produção de cana e seus derivados produzidos em engenhocas de madeira, movidas manualmente ou por tração animal, e que poderiam gastar um dia para moer um carro de cana, chegando a fabricar anualmente 50 a 60 arrobas de açúcar de excelente qualidade, além das rapaduras e mel para aguardente que eram transportados por péssimos caminhos de terra até o porto de Santa Maria da Vitória, em razão da impossibilidade de descida pelo rio Carinhanha, onde a Cachoeira Marruás impede a comunicação deste rio com o rio São Francisco. (AGUIAR, 1979, p.24)

O rio é bastante sinuoso, e em muitos lugares representa perfeitos \_\_ SS \_\_; o que lhe dá um aspecto agradável, aumentado pelo grande sombreado das soberbas matas de excelentes madeiras, que se vêem nas duas margens acima do porto de Santa Maria umas 5 léguas é o rio ainda navegável por canoas até além da Barra do rio das Éguas, em lugar denominado S. José, que serve de passagem das cargas que vêm por terra do arraial, o qual daí dista 7 léguas e 12 da vila, onde se prefere para o dito arraial as viagens por terra para evitar as baldeações até S.José, e daí para cima a condução por animais até o termo da viagem; pois que da tal passagem em diante se acham cachoeiras que impedem o trânsito”. (AGUIAR, 1979, p.27)

O aquífero Urucuia é gerido pela CPRM- Serviço Geológico do Brasil, através da implantação das redes e bases de controle de outorgas d`água, atua com a implementação da rede integrada de monitoramento de águas subterrâneas (RIMAS) também nos aquíferos que conformam o rio Corrente. Área de agronegócio da monocultura para exportação, também impacta o processo de ocupação da paisagem

da Lavandeira. Dito isto, entendemos ser o uso da água também um espaço de disputas entre as comunidades locais, povos tradicionais e ribeirinhos, cuja atividade econômica principal está intrinsecamente ligada a existência do rio, seus aquíferos e riachos de sustentação.

Desde a minha infância, “os barulhos da Lavandeira” eram noticiados pelas comunidades ribeirinhas, por familiares e pela população local em geral. Na adolescência, descobri que os famosos “barulhos da Lavandeira” que eram comentados sorrateiramente e sempre em voz baixa pelos mais velhos, se referiam a um conflito entre dois municípios em disputa da exploração comercial do porto fluvial, pois esta era a única via de transporte da região, no século XIX, marcada pela ausência de estradas e por matas fechadas. Nos afirma o escritor Joaquim Antônio S. de Andrade em seu livro: *A Salvação do Rio São Francisco por um sanfranciscano* serem, naquele período, estas plagas lugar de difícil acesso: “Por detrás das Serras do Ramalho muitas léguas servem de costaneira ao São Francisco, existem mais de 50 léguas” (ANDRADE, 1933).

Localizada nos estados da Bahia e Minas Gerais, a bacia do rio São Francisco, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 1994) está conformada numa área de 634.000 km<sup>2</sup>, tem posição geográfica desviada à Leste localizando-se nos estados de Minas Gerais e Bahia. Sua posição atual, desviada para leste, desde o cotovelo de Juazeiro-Petrolina por deformações do macrodomo cristalino da Borborema.

O chamado Além São Francisco foi composto pelos municípios de Campo Largo (1820), ou Taguá, Cotegipe, Carinhanha (1832), Santa Rita de Cássia (1840), terras desmembradas do município de Barra. A emancipação de alguns distritos como a Vila de Nossa Senhora da Glória do Rio das Águas, Correntina (1866), Porto de Santa Maria da Vitória do Rio Corrente (1880), Angical ou Santana de Angical, Casa Nova (1879) e Santana (1890), além de Barreiras (1891), são organizações regionais reivindicadas por políticos que, muitas vezes, confrontaram-se belicosamente, envolvendo coronéis de freguesias diferentes, como é o caso da guerra do Povoado Lavandeira (IBGE, 1994).

É na chamada Comarca do Rio São Francisco, última a ser criada pelo Governo Colonial, datada de 3 de julho de 1820, que se compreende a grande área geográfica do território da Bacia do rio Corrente, composta no século XIX pelas Vilas de Pilão Arcado, Campo Largo e Carinhanha. Este território foi palco de muito sangue

derramado. Em publicação histórica sobre o rio São Francisco, Vailton L. de Carvalho discorre sobre as situações de conflito do início da formação da Comarca. Muitos lares enlutados em Carinhanha, Santana dos Brejos e demais cidades ribeirinhas. Para contenção das desordens da região foram enviadas forças pela Coroa e foi designado um Mestre de Campo e Regente do São Francisco, a quem foi dada grande extensão de terras contadas desde a Serra do Orobó até o rio das Velhas. (CARVALHO, 1970). O Mestre de Campo e Regente do São Francisco, Antonio de Brito Correia, foi escolhido por sua distinção na guerra contra os holandeses na Bahia.

## 2.2 HISTÓRICO DAS PESQUISAS

O recorte espacial do objeto de estudo foi realizado a partir do direcionamento da pesquisa no entendimento Povoado e do Porto Lavadeira, nos finais do século XIX, no intuito de realizar um levantamento de potencial arqueológico na bacia do rio Corrente, no estado da Bahia. A utilização do aporte metodológico da pesquisa se iniciou na arqueologia da paisagem como referência maior para entender aquela paisagem e traçar seu estado da arte, considerando ainda que a Companhia Hidrelétrica do São Francisco-CHESF, atuou nessa área, porém não há registro de sítios históricos. Seguindo de sua caracterização durante as observações realizadas no período das visitas de campo e maior discussão acerca dos instrumentos de pesquisa que a paisagem e arquitetura do lugar foram determinando, nossa pesquisa se configurou nessa parte da história local, que impactou o Povoado e que são pouco conhecidas as razões de uma história ainda não dita.

Nosso recorte de pesquisa está localizado no território de identidade cultural Bacia do Rio Corrente. O Povoado Lavadeira está localizado no oeste da Bahia, no Município de Santa Maria da Vitória, no território supracitado, sua localidade apresenta características peculiares na paisagem ribeirinha, instalado próximo ao rio e as suas ruínas e demais edificações se encontram ao lado do Morro Domingão. A região do Corrente, cujo rio denomina o território, é representada nas falas de nossos entrevistados como um território de forte sentimento de identidade. A articulação dos textos orais com as informações sobre o passado nos apresentaram sempre as relações destas comunidades com as representações de poder. Dessa forma, destacamos que as memórias do território identitário da Bacia do Rio Corrente também não escaparam das escolhas representativas a partir dos interesses que

ocupam as arenas do poder, sendo estas forças sociais o fator determinante para a valoração histórica, como afirma Le Goff:

“Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva” (LE GOFF, 1992, p. 246).

O rio Corrente recebe esse nome em razão das correntezas de suas águas, as quais são, além de perfeitamente potáveis, bastante límpidas ao ponto de, em grandes profundidades, enxergar-se o leito. Não é largo; mas perfeitamente navegável. A Vila de Santa Maria da Vitória nos inícios do século XX era composta por um animado comércio, um excelente porto frequentemente visitado por barcos de todas as procedências e que faziam ali grandes negócios de compras, venda e permuta de gêneros. Aguiar descreve o local como uma área de comercialização e “Possui muitas e regulares casas de negócio, duas boas igrejas, uma no alto da colina, por trás da vila, e outra mais moderna, edificada em uma aprazível praça; uma sofrível casa de câmara, um edifício menos mal, alugado para cadeia e quartel, onde sempre existe um destacamento mais ou menos numeroso”. Após a destruição do Porto Lavandeira, o comércio era apresentado com muita força na Vila de Santa Maria e já não se localizava notícias comerciais no Povoado Lavandeira (AGUIAR, 1979, p.28).

Nesse período, já não se realizavam transações comerciais no Povoado Lavandeira. Todo o comércio era realizado de forma centralizada no porto de Santa Maria da Vitória, por onde se exportava especialmente o açúcar de excelente qualidade, que regulava o preço médio de 1\$600 a arroba, a raspadura que era a melhor daquelas regiões e acreditadas pela origem – *raspaduras do Corrente*, pesavam a 500 ou 600 réis a canada. (ANDRADE, 1933).

As raras pesquisas na região que ocupou posição econômica estratégica desde o final do século XIX demonstram ter razão os pesquisadores Avelino Fernandes de Miranda e Roque de Barros Laraia quando afirmam ser uma área pouco estudada, que aqui “localizava-se o Corredor de São Lourenço”, que articulava o circuito comercial da Bacia do Rio Corrente à sua matriz, o rio São Francisco. Seguindo-se a correnteza do Rio Corrente, 3 léguas acima, chega-se à Cidade da Lapa, local onde está situado o santuário, cujas romarias trazem para a cidade uma diversidade de pessoas que são peregrinos da fé católica.

A fim de analisar o fenômeno da Guerra da Lavandeira a partir da análise espacial e paisagística das instalações referentes ao Povoado e ao Porto de Lavandeira no contexto do início do século XIX na Bacia do Corrente, identificamos áreas potenciais de registro arqueológico. Nossa pesquisa do pequeno comércio situado a montante do rio Corrente, em lugar alto e seguro, sem a presença de lagoas ou de charcos, sofreu penosamente as consequências das lutas que desfizeram o local numa guerra entre freguesias do sertão baiano, onde realizavam atividade nos engenhos de cana-de-açúcar, na extração de ouro e na agricultura, realizando a movimentação da produção para Minas Gerais e depois de aportar o navio no Porto Lavandeira as mercadorias eram comercializadas na região do Corrente em carros de bois:

Das 2 horas da manhã até às 8 do dia, uma sirena de sons variados espanta o sono da parte nervosa da população. Estes sons agudos, aflautados ou rouquinhos, são produzidos dos eixos dos carros de bois, que conduzem as afamadas rapaduras dos brejos cultivados com a enxada. (ANDRADE, 1933)

Consequentemente, quando afirmam que a população nativa tem muito a contar sobre essa *época de ouro do Corrente*, são questões estimuladoras para aqueles que se dedicam sobre o passado e suas representações, com a intenção de juntar esse arcabouço histórico não conhecido ao itinerário do patrimônio cultural local. (MIRANDA, 2012)

O vapor comandou o transporte de animais, pessoas e cargas e esse comércio localizado no Povoado Lavandeira, em cujo porto se realizou a venda dos produtos e dali eram transportados em carros de bois para a região, numa miragem marcha onde se proporcionava aos tripulantes a paisagem barranqueira. “Depois de vencer 12 léguas chega-se a Porto Novo, com suas casinhas graciosas e suas Agências de Correio e do Comércio de Santana dos Brejos”. (ANDRADE, 1933)

No referente aos aportes teóricos e metodológicos, tratamos de buscar o diálogo com a abordagem qualitativa por reconhecer o caráter subjetivo e realizar uma análise dos sujeitos de forma não quantificada, onde foi possível interpretar comportamentos dos indivíduos pertencentes ao grupo social que compõe atualmente o povoado Lavandeira, cujos dados serão analisados no capítulo dedicado ao referido Povoado e nos resultados da pesquisa.

As problemáticas que motivam a presente pesquisa estão centradas em entender as razões de instalação da vila e porto no local, a conformação do lugar, por que sua construção naquele ponto e as causas da destruição. Além da necessidade de compreender a ausência de estudo sistemático de um local que viveu um apogeu econômico, foi propulsor de uma movimentada economia e ainda é pouco estudada a sua contribuição para o desenvolvimento regional.

A pesquisa se embasa na hipótese de que uma busca na materialidade que ainda existe na localidade e a junção dos conhecimentos arqueológicos com a pesquisa nos artefatos existentes no Povoado Lavandeira, apontarão as marcas das ocupações pretéritas, juntando dados para a configuração da metodologia que escolhemos para elencar nossas categorias de análises do trabalho em curso.

O Povoado Lavandeira está localizado no Morro Domingão, cuja formação natural do mesmo morro e suas características ambientais como clima, relevo, vegetação e hidrografia são típicas do cerrado baiano em sua adaptação à monocultura irrigada presente desde a década de 1970 nesta região baiana. O uso atual do local é para a plantação de mamão, cuja produção é escoada para Brasília e Goiânia.

A paisagem natural é composta por rio, morro, abrigo e a conformação vegetal é composta por árvores de pequeno e médio portes, a área do morro e seu entorno é coberta por floresta fechada. A área rochosa apresenta a existência de muitos animais, apesar de haver a maioria de suas áreas aradas frequentemente para a prática da monocultura, agricultura irrigada, constatando-se a extinção da vegetação nativa, não sendo possível a visualização direta da camada original do solo e da vegetação, que tem as características da vegetação do bioma cerrado.

O cerrado tem vegetação composta de:

[...] matas de galeria, as veredas, os campos rupestres, os cerradões, matas secas, matas de interflúvio, mata de cocais com predomínio do coco babaçu, estas últimas são uma transição de três grandes biomas: Cerrado, Amazônia e Caatinga -. Segundo o número de espécies descritas e os cálculos eco geográficos e biogeográficos, se considera que no Cerrado se encontra aproximadamente 5% da biodiversidade planetária, sendo considerada a Savana Tropical mais diversificada do mundo. (MAZZETTO SILVA, 2009; KLINK, 2005 apud MUNDUJANO; ALVES, 2013).

A corrida do ouro e a intensa cultura da cana-de-açúcar, através da utilização de engenhos de madeira instalados para dar vazão à produtividade enorme dos

canaviais durante os meses de abril a junho, são as razões conhecidas como o surgimento dos conflitos nos arredores do município de Santa Maria da Vitória-Ba. Produzindo rapadura de excelente qualidade, que era levada através dos vapores e das barcas que chegavam ao porto para todo o Médio São Francisco nos inícios do século XX e foram se expandindo as formas de comercialização. Além da rapadura do Corrente, havia também o fabrico de açúcar e cachaça. A prosperidade alcança outros locais como o Povoado Lavandeira, porto e vila comercial.

O ambiente, a historiografia e o imaginário popular local apontam marcas de disputa da Lavandeira ainda no século XVIII, em função de sua localização portuária e comercial, destacando que a província de Goiás também reivindica as terras deste território para si para que mineiros e lavristas explorassem o solo em busca de ouro. Uma crônica de autoria do museólogo Manuel Cruz, publicada no jornal *O Posseiro* de Santa Maria da Vitória, assinala que:

Abandonado, o arraial foi posto a saque. A jagunçada quebrava portas e janelas das casas comerciais, das quais subtraía sal, toucinho, açúcar, cereais e tecidos; espatifava mobílias e carregava outras e, num remate iconoclasta, o saque culminou no despedaçamento de um oratório contendo imagens antigas pertencentes à família do Capitão Cirilo, o maioral do burgo. (CRUZ, 1994).

O remodelamento da paisagem a partir do conflito ainda não apagou das memórias dos moradores da cidade de Santa Maria da Vitória e do Povoado o período de funcionamento do Porto, de atividade da vila comercial, a existência de um passado que sofreu uma transformação social e econômica no Povoado Lavandeira. Persiste um saudosismo relacionado ao período de prosperidade propagada pela comunidade. Foi por essa razão que inserimos a metodologia da prospecção oral para dar voz aos tantos participantes que guardam na memória a história belicosa da Lavandeira. Para a análise das entrevistas foram utilizados como critérios para trazer os dados que a pesquisa obteve com todas essas pessoas que vivem no Povoado e que ainda não podem ser identificadas por localizar o lugar como uma área perigosa e onde os coronéis ainda definem a desigualdade da ocupação da paisagem que ainda persiste no Povoado Lavandeira.

O entendimento do ambiente onde está situado nosso objeto de pesquisa nos permitiu a visão da paisagem no local estudado e nos aproximou do conceito de Arqueologia da Paisagem, considerando que ela envolve o problema complexo e o

entorno dentro da perspectiva de funcionamento da vila sem grandes interferências de construções posteriores e com os aportes metodológicos dos trabalhos foram iniciadas as leituras teóricas acerca do campo do patrimônio cultural. A construção do conceito de paisagem ocorre em consonância com a abordagem inerente à Arqueologia da Paisagem em seu marco de sua percepção a partir da relação humana com o ambiente, sob o prisma de compreender o Povoado Lavandeira e suas modificações na paisagem a partir da diversidade de abordagens que este marco teórico permite na compreensão dos fenômenos que envolvem o ambiente como um todo, desde as áreas do conhecimento das ciências naturais às mais modernas ciências, sendo o ambiente constituído por paisagem natural e cultural. (CRIADO BOADO, 1993).

Nossa discussão abarca informações abordadas pelos viajantes que registraram suas passagens pelas terras que politicamente hoje compõem o território da Bacia do Rio Corrente. Abordaremos as impressões do engenheiro Teodoro Sampaio, Spix e Martius, do bandeirante Francisco José Teixeira e outras correspondências de crônicas locais, a exemplo de Clodomir Santos de Morais, Jornal O Posseiro, Casa da Cultura ALM-Antonio Lisboa de Morais, Manuel Cruz, Osório Alves de Castro, Aldegundes Castro, Izidoro Affonso de Oliveira, dentre outros. Manuel Cruz nos informa:

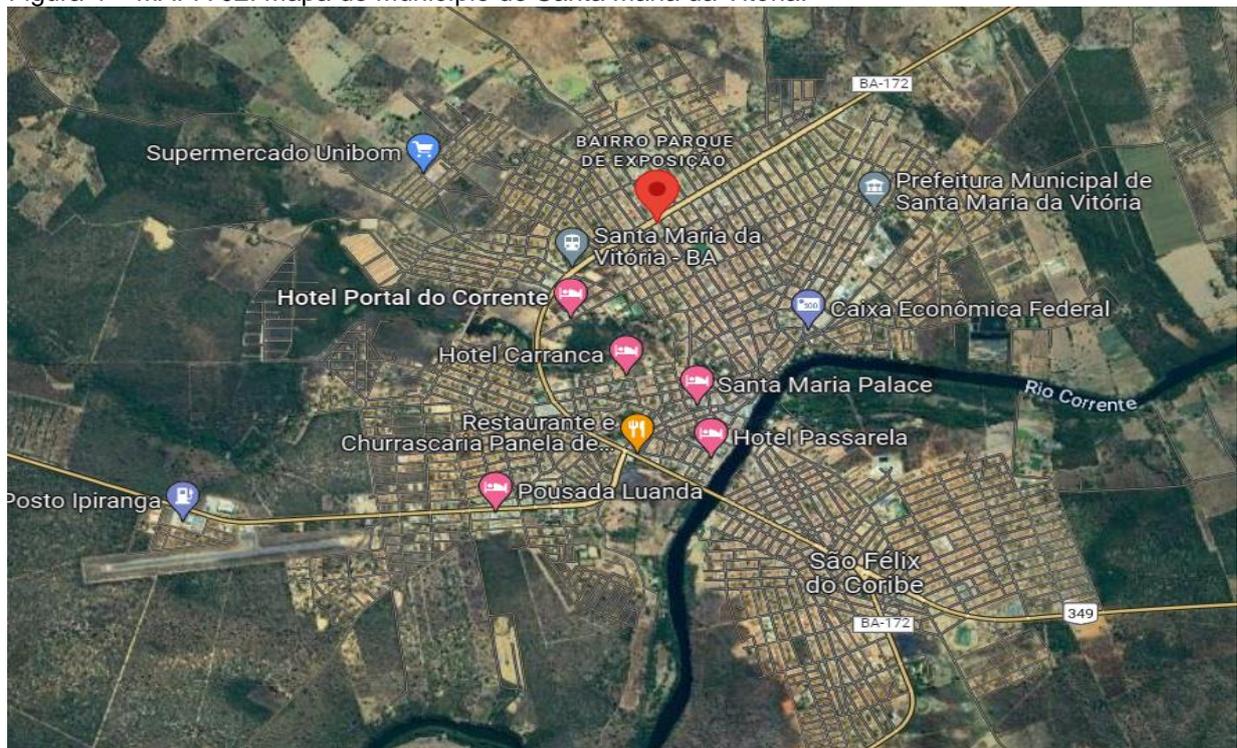
Subindo o rio das Éguas em 1792, o sertanista Francisco José Teixeira explorou não somente os limites da Bahia com Minas, como seus rios tributários maiores – Arrojado e Formoso -, estendendo as explorações até aos espigões mestres que dividem Goiás com Bahia. (CRUZ, 1984)

Os conflitos regionais também marcaram o território. Esta faixa de terra se localiza na parte territorial onde hoje está o oeste baiano e já fez parte do território dos Estados de Pernambuco e Minas Gerais. Foi conhecida como a Comarca do São Francisco. A perda dessa área para o estado de Minas Gerais e depois para o estado da Bahia ocorreu, segundo Clodomir Morais, em razão da imposição de uma espécie de castigo ou punição ao estado de Pernambuco pelo motivo da participação no movimento separatista que ficou conhecido como a Confederação do Equador durante o Brasil Império. Depois de sufocada a insurreição pernambucana, cuja deflagração era desencadeada pelo Estado de Pernambuco, esse movimento foi desmontado e Dom Pedro I retirou a Comarca do São Francisco do território pernambucano e

anexou-a provisoriamente a Minas Gerais, em 1824 e em 1827 foi incluída ao território do Estado da Bahia. (FREITAS, 1999).

Os “barulhos” da Lavandeira (forma como a comunidade nomeia o conflito, em razão da grande quantidade de armas usadas no conflito bélico e do terror da população em virtude do confronto armado) ocorridos no século XIX ainda fazem parte da memória da comunidade na atualidade. Entender suas razões, a conformação do lugar, por que se instalou neste ponto do rio Corrente, quais foram as causas da destruição e por que analisamos o fenômeno da Guerra da Lavandeira a partir da análise espacial e paisagística das instalações referentes ao Povoado e ao Porto de Lavandeira no contexto do século XIX no território de identidade cultural Bacia do Corrente, localizado na grande bacia do rio São Francisco. A ocupação da Lavandeira

Figura 4 – MAPA 02: Mapa do Município de Santa Maria da Vitória.



Fonte: Google Earth (2020).

E sua destruição total ficou oculta na narrativa oficial da formação do município são as razões que motivam a pesquisa.

Freitas (1999) descreve que o fundador da famosa Casa da Ponte, Antônio Guedes de Brito, em 1663, além das terras que já possuía em associação com Bernardo Vieira Ravasco, que se limitavam com a Casa da Torre das cabeceiras do Itapocuru a área de Morro do Chapéu, na margem direita do Rio São Francisco, obteve

uma concessão de terras estendendo-se por 160 léguas ao longo da margem do Rio São Francisco, desde seu lugar de residência em Morro do Chapéu, na Bahia, até às cabeceiras do rio das Velhas. De suas fazendas na área do Morro do Chapéu ele partiu com 200 homens, combateu por breve espaço de tempo os indígenas da área e então fundou, em um ponto perto da atual cidade de Bom Jesus da Lapa, uma fazenda conhecida por "Itaberaba". Auxiliados por seus laços estreitos com o governo colonial, os homens da Casa da Ponte empurraram suas propriedades rio acima até que, em fins do século XVII, eram senhores de muitos currais espalhados desde Morro do Chapéu até a foz do rio das Velhas.

Muitas informações sobre a navegação fluvial e um sistema de transporte criado durante o governo imperial, período onde várias comarcas pleiteavam o controle da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco. O fortalecimento do entreposto comercial com a Bahia se deu nessa disputa, pois o êxito nas negociações durante o período de disputa pelas estradas férreas, onde houve aprovação destas no ano de 1850, embora a Bahia reclamasse a demora de execução das obras de navegação. Diversas comarcas se digladiavam para ter o controle da via férrea e da navegação do São Francisco, muitos defendendo o equilíbrio regional e/ou funcional de um projeto hidráulico alinhado a um projeto de linhas férreas que interligariam o país através do rio São Francisco. (FREITAS, 1999). A rota de embarcações definida pela Companhia do Rio São Francisco oferece documentação cartográfica do percurso navegável do rio São Francisco e destaca o Porto em Santa Maria da Vitória como rota de circulação de mercadorias e passageiros, inserida na larga via navegável de mais de 1371 quilômetros de rio navegável em toda a extensão do rio São Francisco, se destacando a navegação dos vapores em seus afluentes Grande, Paracatu e Corrente (NEVES, 2006).

No mapa exposto abaixo, podemos notar o atravessamento que o rio Corrente realiza em toda a cidade de Santa Maria da Vitória e a força desse rio como razão da ocupação em suas margens, tanto na área urbana como na rural, como é o caso do Povoado Lavandeira que foi fixado nessa base ribeirinha cultural e ambientalmente impactado e movido por esse rio estrada e meio de chegada ao rio São Francisco.

Figura 5 - MAPA 03: Mapa da Rota de Navegação do Rio São Francisco



Fonte: Arquivo Público Distrito Federal<sup>3</sup> (2023).

Entre parlamentares era grande a peleja para serem atendidos em suas demandas nas respectivas comarcas a que pertenciam senadores e deputados do Império. A via férrea era disputada por muitas comarcas, dentre elas a de Alagoas, onde o Senador Sinimbu e outros reclamaram junto a D. Pedro II. Apesar de uma engenharia hidráulica que apavorava os disputantes dos estados com menor representação de deputados e senadores, a cartografia da navegação sempre foi

<sup>3</sup> Disponível em: <[https://arpdf.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/1\\_BPE-1.png](https://arpdf.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/1_BPE-1.png)>. Acesso em: 14 ago. 2023.

movida por disputas de poder. A implantação do sistema de navegação do São Francisco incluía a inauguração na navegação a vapor e também a implantação das estradas de ferro, onde rivalizaram com a Bahia outras comarcas, sendo Minas Gerais a primeira comarca a implantar o sistema de navegação, “sendo logo em 1871 a montagem do vapor Presidente Dantas que singrou as águas do Velho Chico em chão baiano”. (FREITAS, p.74.1999).

Figura 6 - Vapor São Salvador no Baixo São Francisco, Augusto Riedel, 1868.



Fonte: Acervo - Thereza Christina Maria, Biblioteca Nacional. Acesso em: 28 abr. 2023.

O trecho navegável nas comarcas da Bahia, Minas e Pernambuco utilizou de grande tráfego de vapores até os inícios da segunda metade do século XX, com o uso de grandes vapores para realizar a circulação de mercadorias e passageiros, nos mais de 1371 quilômetros de rio navegável em toda a extensão do rio São Francisco, se destacando a navegação dos vapores em seus afluentes Grande, Paracatu e Corrente (NEVES, 2006).

A história do povoamento e da navegação no Brasil fornece muitos dados sobre o rio São Francisco. Nos brinda ricas fontes a obra denominada *Tratado do Brasil em 1587*, onde o autor Gabriel Soares durante sua observação de 17 anos no Brasil, afirma ser o grande Rio:

Através da Carta Régia<sup>4</sup> de 17 de fevereiro de 1696 D. Pedro II divide em dois Juízos e declara que a Comarca da Bahia ficaria com a parte do Norte, Na Carta Régia de 17 de janeiro de 1697 o Monarca português determina que ao término na guerra entre as capitanias do Rio Grande do Norte e a do Ceará, passem as tropas do Rio de São Francisco ao Estado do Maranhão. Para a divisão das Capitanias Hereditárias a divisão natural das Capitanias da Bahia e Pernambuco é o rio São Francisco.

É também notório que a ocupação do São Francisco por muito tempo por duas famílias baianas, que alardeavam possuir todas as suas terras: Os senhores das Casas da Torre e da Ponte, as famílias D'Ávila e Guedes de Brito. João Vieira de Moraes, Capitão-Mor do rio de São Francisco descobriu minas no rio Salitre e o rei de Portugal mandou Francisco Dias D'Ávila explorar. Os domínios da Casa da Torre alcançaram pela margem direita do São Francisco até Sento Sé e pela margem esquerda chegaram a Carinhanha.

A Casa da Ponte também obteve uma sesmaria iniciada nas nascentes do rio Itapicuru em direção ao São Francisco, indo via Xique-Xique e divisa com Sento Sé, aportando em linha reta a Carinhanha. Os domínios da Casa da Ponte se alargam com a nomeação de Antônio Guedes de Brito como Mestre de Campo e Regente do São Francisco por D. Vasco de Mascarenhas, pela Carta Patente de 1666 e seu imenso latifúndio alcança o rio das Velhas, onde já ocorre muitas disputas e roubos nos currais de gado, cujo apaziguamento foi realizado pelos Guedes de Brito, a quem foi aquinhoadada uma sesmaria pelo merecimento do combate a ladrões de ouro e libertar as povoações ribeirinhas do rio das Velhas.

---

<sup>4</sup>Cartas Régias – Vol. 5, Documento 88. Arquivo Público da Bahia.

Figura 7 - MAPA 04: Mapa da região hidrográfica do Rio São Francisco.

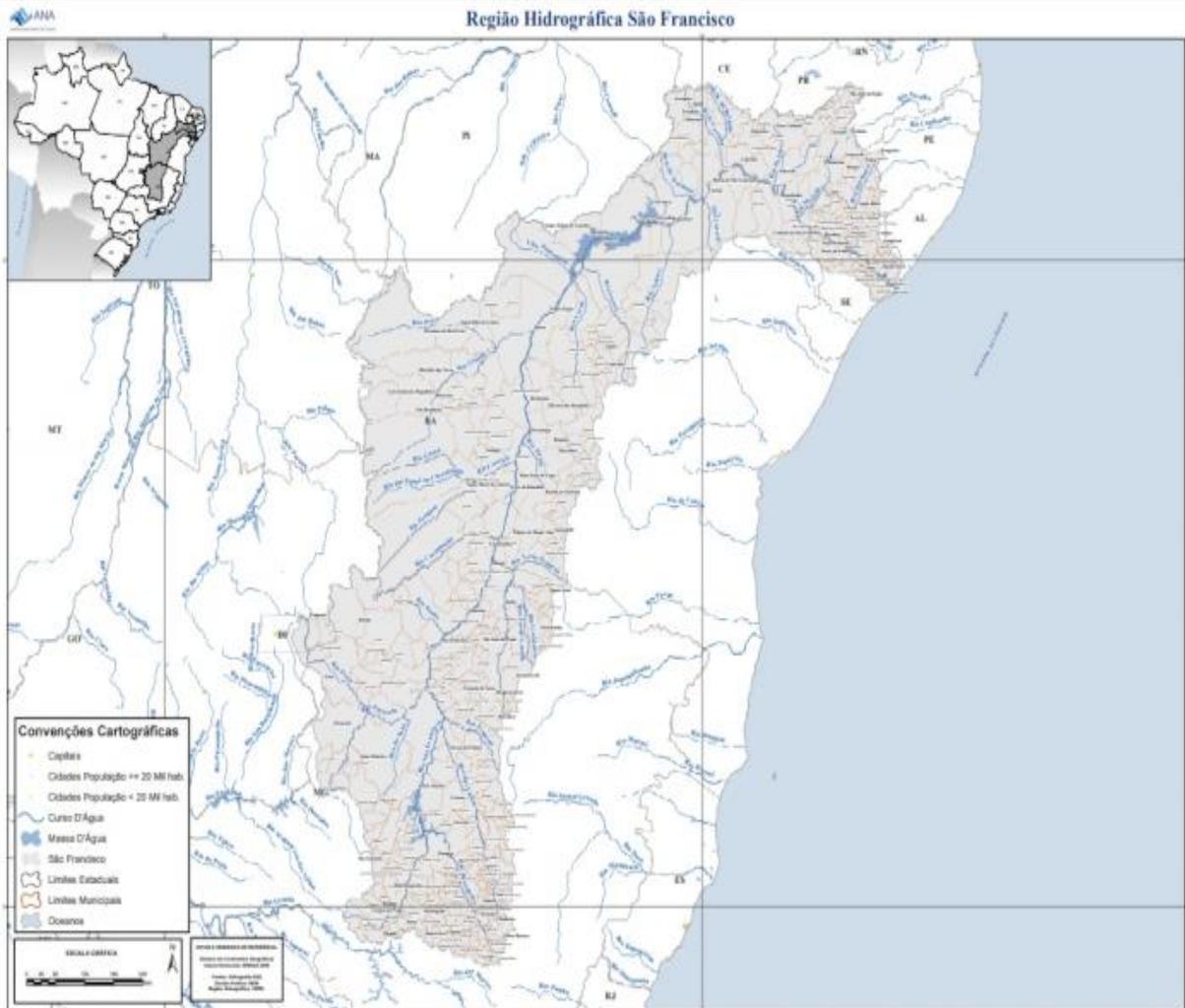


Figura 8 - Imagem 4: Rio Corrente com vista para o Morro Domingão.



Fonte: Roger Silva (2023).

O São Francisco foi tomado de movimentos de jaguncismos em todas as suas divisões onde fazendeiros se homiziaram de criminosos para saquear em bandos e hostilizar a população. O braço do terror teve muitos nomes poderosos, dentre estes se destacam muitos vândalos que aterrorizaram de Carinhanha a Januária, sem que houvesse contenção suficiente por parte das autoridades, que eram desafiadas a

enviar seus prisioneiros aos jagunços de Neco, sob ameaça de mandar ou os jagunços virem buscar.

O rio Corrente também foi marcado pelas disputas e levantes contra o império. Nos afirma Clodomir Santos de Moraes que o século XVIII foi palco de sangrentas lutas sertanejas e que um dos grandes auxiliares do jaguncismo de Neco, que se expandiu foi Severiano de Magalhães. Severiano foi autor dos grandes barulhos quando da queda do Ministério de Cansansão de Sinimbu, de quem era ardoroso partidário” (CARVALHO, 1970, p.66)

### **3 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS**

#### **3.1 OS CAMINHOS TEÓRICOS DA PESQUISA**

Nosso trabalho tem seu enfoque em compreender a paisagem, embasado nas teorias arqueológicas que tratam dessa área de estudos e que entende paisagem partindo da visão de que ela é contida de sentidos históricos e culturais, impingidos a partir da relação dessa paisagem com os seres humanos. Nos fornecem suporte teórico e metodológico a Arqueologia História, através das subáreas de Arqueologia da Paisagem e do Arqueologia do Conflito. Objetivamos neste capítulo analisar nossa paisagem investigada a partir destes conceitos norteadores em busca de entendimentos acerca da ocupação da paisagem do Povoado Lavandeira e sua relação com seus ocupantes pretéritos e da contemporaneidade, a partir das várias facetas desse ambiente que apresenta uma paisagem modificada no passado por um conflito bélico. Analisamos essa paisagem em seu conjunto de elementos observados e a ocupação humana para realizar leituras desse ambiente no passado e na atualidade.

É possível conceituar a Arqueologia, geralmente, como uma ciência que estuda os grupos humanos, através da sua cultura material (NAJJAR, 2005). No Brasil, existe uma classificação da Arqueologia baseada no objeto de pesquisa do arqueólogo, de acordo com a forma convencional de entendimento das sociedades humanas através das sociedades que dominavam ou não a escrita. Esta divisão foi realizada por FUNARI (1998) e define duas categorias para a ciência arqueológica: a Arqueologia Pré-Histórica e a Arqueologia Histórica. O potencial teórico e metodológico da Arqueologia Histórica, enquanto sub disciplina da Arqueologia, “uma ciência com teorias e métodos próprios” (FUNARI, 2002; NAJJAR, 2005; SYMANSKI, 2009) ajudou a compreensão da pesquisa em suas possibilidades de aplicação em distintos contextos. Os pressupostos da Corrente Arqueológica se embasam nos pensadores na diversa bibliografia e também podem ser consultados através das obras de Mathew Johnson (2000 e 2006), Bruce Trigger (2006 e 2004) e outras publicações em vários idiomas disponíveis.

#### **3.2 ARQUEOLOGIA HISTÓRICA**

A Arqueologia Histórica é um termo que surge na América do Norte, mais precisamente nos Estados Unidos, em fins da década de 1930, em contraposição à Arqueologia Pré-Histórica. Segundo ZANETTINI (2005), ela surge como auxiliar da História, não como Ciência independente e se ocupa de estudos da elite onde excluem as populações não detentoras de poder econômico, reproduzindo o modelo europeu e se dedicando a uma faixa temporal marcada no século XV até a atualidade.

No Brasil, o avanço das pesquisas em Arqueologia Histórica alcança um crescimento na década de 1960, e o famoso crescimento das investigações se consolidam, segundo Tânia Andrade Lima, na década de 1980, ainda que as pesquisas apontem estudos iniciais na década de 1930 em Arqueologia Histórica em algumas partes do Brasil. (LIMA, 2008)

Os métodos maiores, como histórico-culturalismo, processualismo e pós-processualismo, também usam esse meio, pois a Arqueologia Histórica, desde os seus primórdios, apoia os estudos do período moderno, em razão de utilizar suas teorias e métodos para analisar objetos da indústria, como louças, metais e vidros, dialogando com a materialidade destes artefatos com a história ao analisar esses elementos em seus usos cotidianos.

Desta forma, a compreensão de (FUNARI, 1996; 2004) dos contextos histórico e social é a ferramenta que nos aproxima das populações pretéritas, através da cultura material. A Arqueologia Histórica se ajusta em nosso objeto de estudo como aporte teórico da compreensão da vida cotidiana por ampliar a leitura dos processos imperceptíveis ao olhar comum e impingir a compreensão dos processos da sociedade de forma macro, aproximando esta pesquisa do diálogo com o campo teórico do patrimônio cultural e apresenta outros contributos de teóricos da arqueologia e áreas afins que serviram de aportes teóricos para realizar os procedimentos que embasaram a investigação, fundamentando as etapas envolvidas na construção desta pesquisa e na busca de informações estruturantes da riqueza patrimonial e informacional no que designa a pesquisa arqueológica nas etapas de construção deste estudo, aproximando os entrevistados da construção identitária de sua comunidade e do entendimento dos seus impactos ocorridos.

Afirma Rosana Najjar (2005) que os documentos escritos, a informação oral, artefatos e também a arquitetura fornecem ao pesquisador de Arqueologia Histórica importantes informações acerca das relações dos vínculos dos ocupantes e suas relações com a sociedade. Analisando o papel da preservação do Patrimônio

Histórico-Cultural como instrumento de suma importância para a compilação de dados concretos. Definimos aqui patrimônio cultural como o “conjunto de todos os utensílios, hábitos, usos e costumes, crenças e forma de vida cotidiana de todos os segmentos que compuseram e compõem a sociedade”. (BARRETO, 2000: p.11)

Utilizamos, ainda como conceito norteador para esta pesquisa a notável contribuição oferecida ao campo por Luís Cláudio Pereira Symansk, que afirma ser o “consequente direcionamento da análise da cultura material realizada através dos artefatos coletados que permitirá, através de sua interpretação, um potencial estudo acerca da ocupação histórica”. (SYMANSKI, 2009).

No entanto, no conceito arqueológico da atualidade, essa mera divisão não condiz com a profundidade de assuntos que a Arqueologia abarca, não se limitando a essa divisão de visão europeizada por não ser a Arqueologia Histórica somente um assunto das sociedades que dominaram a escrita. O objeto de estudo de quaisquer das divisões é a materialidade e, dessa forma, os elementos físicos socialmente integrados vão além da mera divisão limitante da grafia. Para AZEVEDO NETTO; SOUZA, 2010 a cultura material tem implicações no campo simbólico, compreendendo os modos de vida do cotidiano das populações e que são estas relações que determinam as alterações que essa presença humana deixa em cada paisagem por ela modificada. Não sendo consensual o domínio da escrita como o fator único da divisão arqueológica, pois trabalha diretamente com os sistemas socioculturais e trata a materialidade dessas populações que os construiu como um complexo sistema (LIMA, 2011) que também requer um complexo referencial de estudo em suas investigações.

Os aspectos socioculturais que afetam as populações reforçam a necessidade das práticas da arqueologia pós-processual como instrumento de compreensão das desigualdades que os fenômenos sociais, sejam eles decorrentes de conflitos armados ou não e nos apoiam no entendimento das sociedades da atualidade. (ZARANKIN, 2002, p.27). A pesquisa se orienta em diversos objetos de estudo, desde a oralidade das populações da atualidade, a observação das modificações que a paisagem sofreu, seus artefatos podem ser melhor compreendidos a partir da localização de mapas e fotografias antigos, estruturas remanescentes, fontes escritas e documentais etc. Para Ulpiano Bezerra de Meneses é evidente a “representação” documental das fontes escritas, sendo nessa representatividade representacional onde vai se destacar a evidência da cultura material como fonte de pesquisa da

existência humana, fortalecendo a teoria de Pierre Bourdieu que destaca o estudo da arqueologia como uma necessária “batalha” com a interdisciplinaridade, pois não seria possível uma análise mais aprofundada acerca das sociedades antigas. (MENESES, 1983).

Entendemos que a diversidade de conceitos que envolvem a Arqueologia Histórica não é um complicador no caso de nosso estudo, pois é a arqueologia histórica um fecundo meio de estudo da cultura material no período moderno. Focada nas informações que não estão escritas e assim utilizando o conceito de que “os marcos teóricos da Arqueologia Histórica são, como não poderia deixar de ser, os marcos teóricos da Arqueologia” (LIMA, 2002, p. 7).

Corroborando com essa conceituação Herberts (2009, p. 39) quando afirma não haver uma definição inacabada, estática para a sub disciplina e que há uma diversidade de formas de investigação. Também demonstra contextos similares com abordagens teórico-metodológicas diversas pelos estudiosos do campo, não sendo possível fechar a discussão, pois, conforme Santaella, “é a inquietação e curiosidade que nos impulsiona” (SANTAELLA, 1983, p. 9).

Tania Andrade Lima destaca ser a arqueologia histórica o campo que “desvenda uma série de hábitos, costumes e mentalidades que se estabeleceram no que veio a ser o território”. Destaca LIMA que a cultura material é:

[...] produzida para desempenhar um papel ativo [nos sistemas socioculturais], é usada tanto para afirmar identidades quanto para dissimulá-las, para promover mudança social, marcar diferenças sociais, reforçar a dominação e reafirmar resistências, negociar posições, demarcar fronteiras sociais e assim por diante. LIMA (2011, p. 21)

Com essa visão de objeto de estudo da Arqueologia, nos baseamos em Orser Jr. (1992) e entendemos como artefatos da Arqueologia Histórica toda ação nos objetos, nas estruturas e edificações onde se percebe a ação humana, sem deixar de valorar àqueles que a história oficial esqueceu ou omitiu de seus papéis exercidos ao longo da história da humanidade. Entendendo que as relações entre as ocupações do sítio arqueológico e as populações são informações que o arqueólogo adquire, segundo Najjar (2005) através do contato com os artefatos, as fontes escritas e orais, além das edificações de sua arquitetura que ficou preservada.

Com a finalidade de desenvolver trabalhos de valorização do Patrimônio Histórico e Arqueológico, é necessário que se conheça o patrimônio que existe nos

municípios, a fim de estudá-lo e preservá-lo não apenas para mera contemplação, mas para aproveitá-lo como testemunhos da história que resiste aos tempos. Enquanto a Arqueologia estuda diretamente "a totalidade material apropriada pelas sociedades humanas, como parte de uma cultura total, material e imaterial, sem limitações de caráter cronológico." (FUNARI, 2003).

### 3.3 ESTUDO DA ARQUEOLOGIA HISTÓRICA NA BACIA DO RIO CORRENTE

O panorama arqueológico desta região apresenta poucas pesquisas na área de arqueologia histórica. Nossa busca nos levou a localizarmos muitos registros existentes onde localizamos na região sítios de povos originários, documentados por pesquisadores da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e também da Universidade Federal do Oeste Bahia (UFOB).

Além do levantamento bibliográfico em revistas especializadas e teses e dissertações, o levantamento de sítios arqueológicos ocorreu através do levantamento dos sítios e relatórios na base de dados do IPHAN-Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a partir da localização das palavras-chave: sítio arqueológico histórico no Oeste da Bahia, bacia do rio Corrente e pelo nome de cada uma das 11 cidades componentes do território bacia do rio Corrente, além de realizar a busca como arqueologia no gerais baiano, ocupação, povoamento no Além São Francisco, bens cadastrados na região, relatórios de arqueologia da região, sítios arqueológicos etc., a fim de realizar levantamento dos sítios no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos e relatórios na base de dados do IPHAN.

As raras pesquisas na região que ocupou posição econômica estratégica desde o final do Século XIX, demonstram ter razão os pesquisadores Avelino Fernandes de Miranda e Roque de Barros Laraia quando afirmam ser uma área pouco estudada, que aqui "localizava-se o Corredor de São Lourenço", que articulava o circuito comercial da Bacia do Rio Corrente à sua matriz, o rio São Francisco. Seguindo-se a correnteza do Rio Corrente, 3 léguas acima, chega-se à Cidade da Lapa, local onde está situado o santuário, cujas romarias trazem para a cidade uma diversidade de pessoas que são peregrinos da fé católica.

Conseqüentemente, quando afirmam que a população nativa tem muito a contar sobre essa *época de ouro do Corrente*, são questões estimuladoras para

aqueles que se dedicam sobre o passado e suas representações, com a intenção de juntar esse arcabouço histórico não conhecido ao itinerário do patrimônio cultural local. (MIRANDA, 2012)

No referente aos aportes teóricos e metodológicos, tratamos de buscar o diálogo com a abordagem qualitativa por reconhecer o caráter subjetivo e realizar uma análise dos sujeitos de forma não quantificada, onde foi possível interpretar comportamentos dos indivíduos pertencentes ao grupo social que compõe atualmente o povoado Lavandeira, cujos dados serão analisados no capítulo dedicado ao Povoado Lavandeira e nos resultados da pesquisa.

A região do Corrente, cujo rio denomina o território, é representada nas falas de nossos entrevistados como um território de forte sentimento de identidade. A articulação dos textos orais com as informações sobre o passado nos apresentaram sempre as relações destas comunidades com as representações de poder. Dessa forma, destacamos que as memórias do território identitário da Bacia do Rio Corrente também não escaparam das escolhas representativas a partir dos interesses que ocupam as arenas do poder, sendo estas forças sociais o fator determinante para a valoração histórica, como afirma Le Goff:

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 1992, p. 246).

A história do povoamento e da navegação no Brasil fornece muitos dados sobre o rio São Francisco. Nos brinda ricas fontes a obra denominada *Tratado do Brasil em 1587*, onde o autor Gabriel Soares durante sua observação de 17 anos no Brasil, afirma ser o grande Rio: “O Opará, o qual é mui nomeado entre todas as nações, dos quais foi sempre povoado, e tiveram uns com outros sobre os sítios grandes guerras, por ser a terra muito fértil pelas suas ribeiras, e serras de ouro e de prata” (Tratado Descritivo do Brasil, 1939).

Os conflitos deflagrados em todo o sertão deixam marcas na Bacia do Rio Corrente, considerados como municípios de grandes tensões sociais e ainda hoje o são com a ocorrência de grandes grilagens de terras. “(...)estão processados 119. Todos estes, escusado é dizê-lo, são pessoas de mais representações no município.

Os chefes têm, cada um, pelo menos dois processos, um por crime de roubo e outro por crime de morte”. Da Tribuna do Senado, o Barão de Cotegipe, Maurício Vanderley, denuncia as lutas políticas em Correntina e Carinhanha, onde os Conservadores do Rio das Éguas ainda continuam foragidos. Depois da hecatombe que ali houve depois da última eleição, em que foram espingardeados quando se aproximavam da igreja. (CARVALHO, 1970, p.68).

Ainda descrevendo os barulhos do rio Corrente o Tratado Descritivo do Brasil “Havia ali conflito de toda a espécie. Um foco permanente de jaguncismo no sertão. Os contratadores de pistoleiros ou jagunços iam buscá-los em Rio das Éguas. Dizia-se até que jagunço bom só tem em Rio das Éguas”. Todo o sertão baiano tem sua história marcada por muitas guerras ocasionadas em razão de disputas de território e poder político. (TRATADO DESCRITIVO DO BRASIL, 1939, p.281).

Diversas informações sobre a navegação fluvial é um sistema de transporte criado durante o governo imperial, período onde várias comarcas pleiteavam o controle da bacia hidrográfica do rio São Francisco. O fortalecimento do entreposto comercial com a Bahia se deu nessa disputa, pois o êxito nas negociações durante o período de disputa pelas estradas férreas, onde houve aprovação destas no ano de 1850, embora a Bahia reclamasse a demora de execução das obras. Diversas comarcas se digladiavam para ter o controle da via férrea e da navegação do São Francisco, muitos defendendo o equilíbrio regional e/ou funcional de um projeto hidráulico alinhado a um projeto de linhas férreas que interligariam o país através do rio São Francisco.

Figura 9 - BNRJ. Carta Geral da Província da Bahia e das Províncias de Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Sergipe, Alagoas e Pernambuco, com pedaços das Províncias de São Paulo, Goiás, Piauí, Ceará e Paraíba. Carta Geral contendo o traçado das diferentes empresas projectadas com relação à navegação do Alto do rio de São Francisco.



Fonte: In WILSON, Hugh. Relatório sobre o rio de São Francisco e os diversos projetos para ligar a navegação do alto do rio com algum porto do litoral. Fonte: Hugh Wilson, engenheiro civil, Bahia. Tipographia de J.G.Tourinho, 1870.

Diversos grupos ambicionaram, através de muitas estratégias, a aprovação de projetos de navegação do rio São Francisco, para utilizar o meio físico do rio-estrada como fator determinante de desenvolvimento econômico da região. Havia um projeto

nacional de interesse político e econômico em disputa. A Bahia realiza embates com outras comarcas, a exemplo das propostas da Comarca de Pernambuco para as vias fluviais e férreas. O projeto férreo da Corte Pernambucana teve grande repercussão e defensores, porém a Bahia juntou mais parlamentares em defesa e fechou o acordo com outras cortes<sup>5</sup>.

Andaram para além da navegação as lutas por meios de transporte para desenvolvimento econômico. Em conjunto com as lutas por outros meios de transporte como a rede ferroviária. O Relatório sobre o Rio São Francisco e os diversos projetos para ligar a navegação do alto rio com algum porto do litoral apresenta nuances dessa empreitada e as disputas ferrenhas são descritas para melhor entendimento do assunto que movimentou o governo imperial do Brasil e teve a navegação do rio São Francisco como pauta (*Relatório sobre o Rio São Francisco e os diversos projectos para ligar a navegação do alto rio com algum porto do litoral*. p.15). Entre parlamentares era grande a peleja para serem atendidos em suas demandas nas respectivas comarcas a que pertenciam senadores e deputados do Império. A via férrea era disputada por muitas comarcas, dentre elas a de Alagoas, onde o Senador Sinimbu e outros reclamassem junto a D. Pedro II.

O acordo realizado pela Comarca da Bahia com as demais comarcas, convenceu o governo imperial e assim foi formulado o decreto que cria a Estrada de Ferro da Bahia “até a vila de Juazeiro, ou outro ponto que se julgar mais conveniente, da margem direita do rio de São Francisco.”<sup>6</sup>

Os interesses da Corte Baiana contemplaram os anseios desenvolvimentistas do império no tocante à exploração do meio físico para edificação de vias que erguessem a comercialização da produção agrícola com o comércio internacional, através da ligação da via férrea com algum porto. Política e economicamente os projetos de criação da navegação através da Bahia atenderam a esse empenho governamental. O Barão de Cotegipe considerou, em 1871, ser a navegação do rio São Francisco mais viável a partir da Província da Bahia, pois havia a possibilidade de junção dos caminhos fluviais e férreos num mesmo local. Assim a circulação fluvial estaria atuando com as embarcações a vapor, sendo possível “tornar o maior porto

---

<sup>5</sup> O assunto acerca das lutas pelas estradas de ferro da Bahia pode ser consultado nas fontes: MELLO. *O norte agrário e o império*, p.221. SOUZA. *Experiências de trabalhadores nos caminhos de ferro da Bahia*. P.11)

<sup>6</sup>O decreto n 641 foi criado em 3 de outubro de 1853

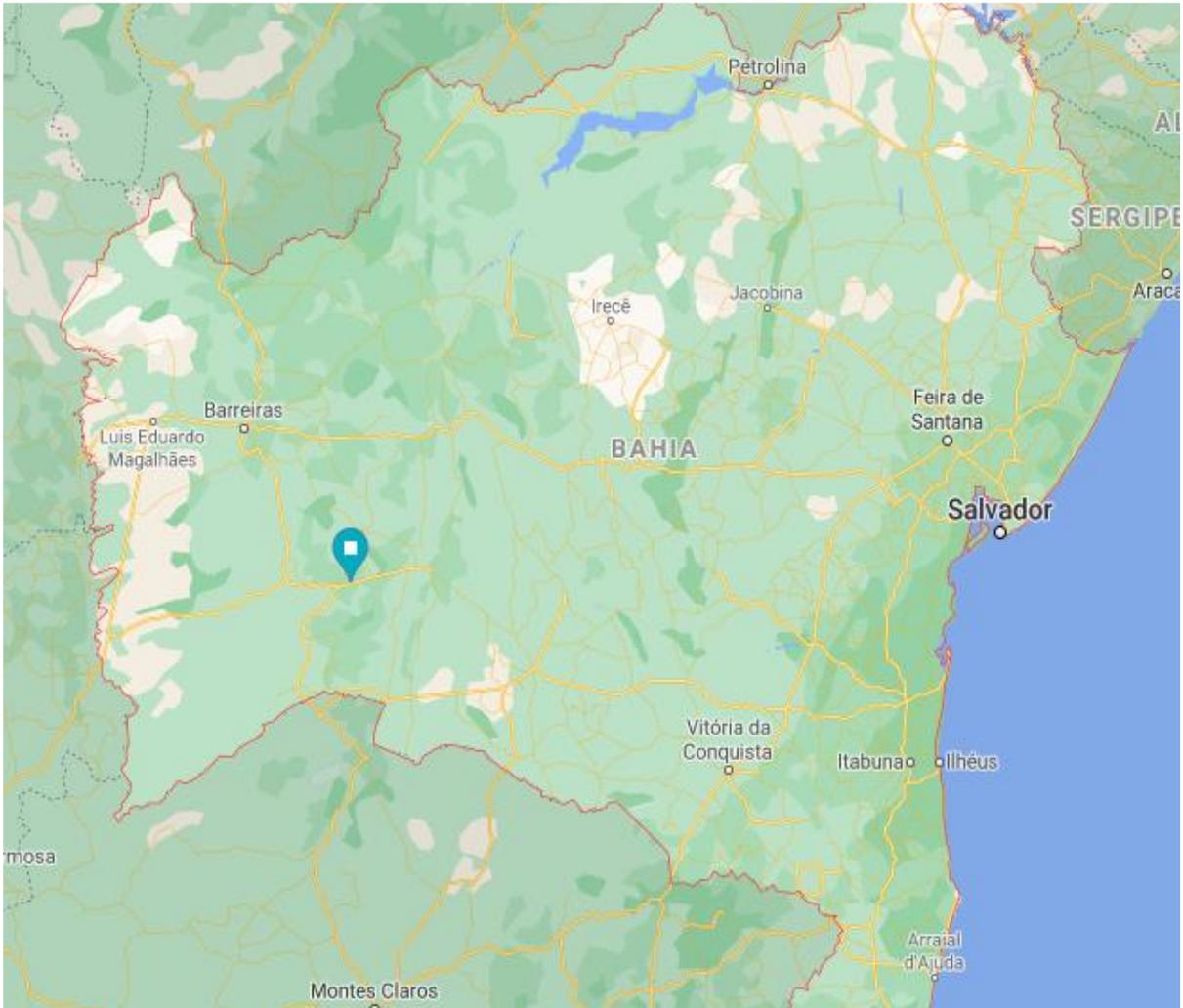
baiano, o de sua capital, o intermediário obrigatório entre o mercado internacional e o vale do São Francisco, fala foi Barão de Cotegipe, registrada nos (Anais do Senado do Império-Sessão de 13 junho de 1871, p.106).

No município de Correntina houve vultosa extração de ouro em pó. O fato atraiu grande número de garimpeiros nos finais do século XVIII e inícios do século XIX. Há notícias em todo o território de que as chuvas durante as enxurradas de areia e pelas águas correntes do riacho que atravessa a cidade tinha suas águas cheias do valioso metal em pó. Era durante o período das cheias que os vapores conseguiam prosseguir viagem até São José, onde o rio Corrente alcança o porto de Correntina, que também tinha engenhos de açúcar, “fabricado do mesmo modo como no reinado da casa de Avís”. (ANDRADE,1933)

A busca por verificar nossa hipótese de que a junta de informações dos dados levantados com as pessoas do povoado e com os estudos na área e em seus afloramentos de arenito e no Morro do Domingão ofereceram contribuições para conhecermos o perfil arqueológico da região, se confere às informações obtidas a partir de buscas nas plataformas digitais acadêmicas e da verificação *in loco* de que o Povoado é um local que contém características comuns no impacto das pessoas em razão da destruição do local, que ali vivia em função das atividades comerciais e econômicas desenvolvidas no porto Lavandeira, sendo a ausência de informações oficiais uma forma de seguir mantendo o local como um lugar invisível para a cidade como um todo e uma incógnita para um povoado que tem na navegação do rio São Francisco sua base de formação econômica durante o período estudado:

Depois da necessária demora, larga-se âncoras para a Cidade de Santa Maria, que tem um comércio regular e suas oficinas de beneficiamento de algodão e fábrica de manteiga, por iniciativa do Cel. Clemente de Araújo e grandes depósitos de rapadura. (ANDRADE,1933)

Figura 10 - MAPA 05: Mapa da Região Oeste da Bahia.



Fonte: Google Maps, 2021

Localizamos vários sítios na região Oeste, todos eles de povos originários, como é o caso do Sítio Pio Moura, Sitio Zé Pedro, localizados nos municípios de São Félix do Coribe e Correntina, cidades vizinhas de Santa Maria da Vitória. Além dos municípios de Tabocas do Brejo Velho e Serra Dourada que apresentam pesquisas arqueológicas registradas na base de dados do IPHAN como sítios históricos localizados a partir da arqueologia de contrato durante a construção da rodovia e na elaboração do diagnóstico arqueológico interventivo nas áreas de influência da LT500Kv - Miracema (TO) a Sapeaçu (BA) e subestações associadas. A ausência de mais dados da região segue reforçando a hipótese de que ainda não há levantamento de todos os sítios históricos e que a pesquisa em curso é inovadora do ponto de vista da arqueologia histórica nesta área, contribuindo a pesquisa para mapear este local, realizar levantamento de áreas possíveis do registro arqueológico, além de despertar

para o estudo referente às populações que ocuparam este espaço geográfico e de seus aportes culturais.

O IPAC—Instituto do Patrimônio Histórico e Cultural da Bahia não possui, de acordo com seu relatório do Sistema de Informações Culturais do Estado que o território de identidade cultural 23, a Bacia do Rio Corrente, registro de nenhum bem cultural tombado em todos os seus 11 municípios que compõe o território.

Para a arqueologia do Oeste Baiano existem contribuições do Projeto Serra Geral e de alguns arqueólogos que atuaram na área. Dentre eles, destacamos que Pedro Inácio Schimitz, que coordenou na década dos 80 do século passado, durante os anos de 1981 e 1986, estudos do Leste de Goiás e estas pesquisas atingiram áreas dos rios Formoso, Corrente e Correntina, localizados no Oeste da Bahia, no território Bacia do Rio Corrente. (SCHIMITZ et. al., 1997).

O potencial de estudo da arqueologia histórica na região, aponta o IPAC (Instituto do Patrimônio Histórico e Cultural) que as pesquisas que existem na área de arqueologia histórica se limitam ao registro de dois sítios arqueológicos nas cidades de Tabocas do Brejo Velho e Serra Dourada. A infundável busca realizada na literatura não permitiu aportar na Bacia do Rio Corrente

Consultadas exaustivamente a historiografia da arqueologia nestas bandas do sertão baiano desde Lima (2017), Silva-Santana et al (2017), Beltrão (2007), Mattoso (1992), Moraes (2019), Etchevarne (2007), Silva (2003) e outros da historiografia da arqueologia e outras ciências da Bahia, sem sucesso. Pouco se localizou acerca da temática na Bacia do Rio Corrente. Até agora não se desenvolveu muito a arqueologia histórica e os sítios pesquisados não apresentaram relação direta com o povoado estudado. A pesquisa permitiu conhecer a produção científica acerca das representações arqueológicas existentes e já mapeados no Território de Identidade Cultural Bacia do Rio Corrente. Nosso ponto de partida durante a investigação foi a problemática de não haver estudos sobre a guerra do Povoado Lavadeira e partimos da premissa de que as informações orais da comunidade e uma pesquisa documental e bibliográfica poderiam fornecer dados para ampliar o cenário arqueológico já existente no tocante aos sítios indígenas e elencar dados dos sítios históricos, como inovação nesta área, pois existe muito poucas pesquisas que abarquem a arqueologia histórica nesta região baiana.

Reafirmamos que, apesar do aumento das pesquisas na área arqueológica, esse é um local onde ainda existem muitos matacões graníticos circundando a área,

além da existência de uma ambiência coletiva destruída e que não retornou ao seu uso inicial e com apagamento sistemático das marcas da materialidade deste conflito no ambiente, seja pela ação do tempo, pela falta de preservação, como também a ausência de registros para documentar o fato, se requer aprofundamentos nos estudos arqueológicos, a fim de criar documentos que visibilizem essa região no cenário arqueológico baiano.

Nossa área pesquisada tem uma totalidade de 12 km e usamos como referencial de prospecção as áreas onde existem novas estruturas em uso pelos proprietários atuais, na realização do plantio. A área conta com uma sede onde reside o gerente, na área central e onde é apontado como local da vila antiga. A fazenda possui ainda uma outra sede, construída quase no limite da fazenda com as terras de Dr. José de Souza Lisboa, na margem esquerda do rio Corrente, edificação realizada há 80 anos e agora está em desuso. Analisamos as suas estruturas e em busca de marcas e/ou ruínas existentes, mas não é perceptível na camada superficial.

A terraplenagem na área e o uso de pivô para a monocultura irrigada são presentes desde a entrada principal. Com a prospecção dessa área, localizamos alicerces e restos de construção de uma rua de casas próximas ao porto, informadas pela comunidade como a vila dos trabalhadores construídas após o conflito do século XIX e abandonadas no segundo conflito do século XX, quando a segunda sede foi belicosamente atacada e a fazenda foi tomada por pistoleiros fortemente armados para detenção da posse da terra. A prospecção mapeou essa área da sede, indo até o porto fluvial, seguindo em direção ao campo de pouso e estruturas do curral. Em seguida foram percorridas as áreas da segunda sede construída e abandonada após os conflitos bélicos de 1970, onde existe a estrutura da casa em quase totalidade, faltando-lhe somente o telhado, que desabou em 2018, conforme informação do gerente da fazenda na época.

### 3.4 ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM

Os caminhos da pesquisa apresentam a necessidade de um estudo desta região, destacando que uma pesquisa arqueológica mais aprofundada é primordial para a compreensão da área. Neste contexto, o conceito de análise aqui utilizado para a compreensão deste local é o conceito de paisagem, no diálogo com a história social e ambiental, onde se investiga as relações humanas com essa paisagem, para

conhecer as características gerais desta paisagem natural e cultural que o ambiente apresenta.

Utilizamos para esta pesquisa a análise da paisagem a partir da análise formal, em condições possíveis de visualização, seja em campo ou em captação panorâmica da paisagem, lançando mão da contribuição de seus mapas de visibilidade (CRIADO BOADO, 1999) para utilizar a arqueologia da paisagem como instrumento e busca de marcas humanas na paisagem e suas formas de ocupação e relação com a paisagem natural.

Destacando o campo da Arqueologia da Paisagem, Villaescusa (2006) aponta que a subárea em sua história de construção, já se destacaram em suas pioneiras atuações, já haviam sido experienciadas quando as paisagens antigas apresentaram áreas estudadas por Binford, na década de 1950. Na década de 1970 vai lançar mão deste conceito Chevallier então utiliza o termo como décadas antes havia sido conceituado por J.Binford em sua *Ancient Landscapes Studies in Field Archaeology* e o estudo da paisagem que havia surgido desde os anos 1960 quando a Arqueologia Espacial teve grande visibilidade como *Landscapes*, em contraponto aos clássicos da antiguidade na geografia histórica que o neopositivismo em seu auge reforçou nas práticas processualistas. Desde o surgimento da Arqueologia Cultural e seu estudo de sociedades pretéritas e suas relações com esse ambiente, afim de entender as formas de uso e assentamentos, afim de localizar seus elementos formais constitutivos que a utilização metodológica da Arqueologia da Paisagem apoia perante a caracterização de contextos arqueológicos para a busca de elementos que podem refletir a visibilidade das ações humanas, evidenciados a partir da presença de marcas das materialidades detectadas a partir de vestígios que as relações humanas com ambiente natural podem oferecer dessa provável produção social e que a caracterização em registro arqueológico gera visibilidade na paisagem a partir do estudo arqueológico. (CRIADO BOADO, 1991).

Para o registro arqueológico, adotamos nesta pesquisa o conceito onde a Arqueologia da Paisagem infere sobre as formas de ocupação com a mínima intervenção possível, segundo Honorato (2009) como a forma de realizar levantamento acerca dos artefatos arqueológicos<sup>5</sup> e/ou vestígios na paisagem natural, no enalço da percepção e entendimento dessa paisagem natural e seus recursos, além de observar suas modificações com a existência dos elementos vestigiais da paisagem cultural e a unção do estudo de ambas podem propiciar o

levantamento de vestígios arqueológicos que compõem a paisagem arqueológica, que por sua vez, compreende o patrimônio arqueológico, definido na Carta para a proteção e a gestão do patrimônio arqueológico-Carta de Lausanne (1990) como a totalidade dos vestígios da existência humana, existentes em todos os lugares onde houver indício, abandonados em qualquer local, seja no subsolo, sob água, na superfície e seus materiais associados (CARTA DE LOUSANNE, 1990)

Nos direcionamos no sentido de trabalhar com o marco teórico da arqueologia da paisagem e a escolha teórico-metodológica se deu em favor de uma base epistemológica que permitiu uma abordagem do objeto em seu conceito ampliado de paisagem natural e cultural, conduzindo essa investigação com o uso de dispositivo de coletas de dados a partir da pesquisa documental, busca de materialidades no local e ouvindo os moradores da localidade, se embasando no recorte da arqueologia da paisagem em seu conceito polissêmico (VILLAESCUSA, 2006) e no apoio do arcabouço da arqueologia pós-processual que originou a arqueologia da paisagem, a partir de Binford, Leslie White, D. Clarke, Chevallier, Felipe Criado Boado, ativistas da Escola de Besançon e outros, em busca do estado de conhecimento, ou o estado da arte do Povoado Lavandeira, no enfoque da Arqueologia da Paisagem com a gestão preventiva do patrimônio.

As relações da paisagem, partindo do princípio da incorporação dos simbolismos e das trocas afetivas que os ambientes onde os grupos humanos realizam suas práticas sociais implicam o entendimento desses espaços como Paisagens Culturais. Rodrigues (2017) salienta essas relações são possibilitadas a partir dessa ambiência ancorada na paisagem natural, cujo foco relacional de ambas paisagens permitem que estes ambientes sejam inseridos no rol das paisagens arqueológicas, conformando o patrimônio arqueológico desses locais onde as paisagens dialogam. (RODRIGUES, 2017).

Figura 11 - Vista da Lavandeira a partir da Ilha



Fonte: Google (2023).

A paisagem Arqueológica é esse ambiente pensado além da fisicalidade, que se edifica uma relação muito profunda com as relações culturais que a malha social construiu, através dos processos em que são estabelecidas essas sociedades pretéritas. (FAGUNDES, 2010).

Observando sua caracterização ambiental, o objeto de estudo é aqui entendido como uma paisagem natural<sup>7</sup>, cuja visibilidade, compreendida a partir da visão arqueológica, tem boa visualização a partir de quaisquer partes da cidade de Santa Maria da Vitória-BA e destacamos que a visibilidade do local apresenta aspectos que garante à paisagem natural o caráter de monumento facilitador da localização do povoado a partir de qualquer ponto de observação e assim a possibilidade de usos culturais do local ao longo de sua existência é considerado como um local de uso comum, devido ao caráter de visibilidade, proximidade do curso d'água e terras férteis.

A fundamentação teórica da pesquisa teve sua base na arqueologia histórica e, a partir da caracterização e contextualização utilizamos o conceito de paisagem como teoria. Embora nessa paisagem não se perceba as marcas da mineração, existe registros da presença de lavras e as pessoas afirmam que houve a extração de ouro

<sup>7</sup>Conjunto heterogêneo de formas naturais presentes na superfície terrestre com poucas mudanças, provocadas pelas ações humanas (SANTOS, 2014).

na área movia o comércio fluvial que se dava através da vila comercial. A expulsão das pessoas, a destruição da Vila e extinção do comércio que ali existia, são resultantes do fato de que as disputas pela área e o conflito marcou a região. Modificou aquela paisagem e transformou num patrimônio privado o que antes era uma área pública. Destacamos que um conflito bélico é o que modificou as formas de relação da comunidade com a área e as diversas maneiras como o conflito impactou aquelas comunidades, ainda nos dias atuais, insistem em manter viva a memória de seus antepassados, contando e recriando uma história que não está dita pela visão daqueles que foram os perdedores da guerra: os expulsos de suas terras e desterrados para outros territórios nas cercanias ou em lugares longevos, em busca de fugir dos conflitos e de encontrar novos caminhos e maneiras de sobrevivência.

Pensando a interdisciplinaridade da paisagem estudada, consideramos que a Geografia e a História são áreas que contribuem na discussão da paisagem aqui investigada, o Povoado Lavandeira. A formação territorial é citada por BRANDÃO (2009) como uma área conformada dentro da grande formação do além-mar, não sendo possível, durante os primeiros três séculos da presença lusitana e brasileira na região, denominá-la especificamente em razão de seus aspectos geográficos e espaciais, sendo denominada apenas de sertão. (BRANDÃO, 2009, p. 55)

Nossa discussão teórica também aborda os viajantes que registraram suas passagens pelas terras que politicamente hoje compõem o território Bacia do rio Corrente. Abordaremos as impressões do engenheiro Teodoro Sampaio, Spix e Martius, o bandeirante Francisco José Teixeira e outras correspondências de crônicas locais, a exemplo de Clodomir Santos de Moraes, Jornal O Posseiro, Casa da Cultura ALM-Antonio Lisboa de Moraes, Manuel Cruz, Osório Alves de Castro, Aldegundes Castro, Izidoro Affonso de Oliveira, dentre outros. Manuel Cruz nos informa:

Subindo o rio das Éguas em 1792, o sertanista Francisco José Teixeira explorou não somente os limites da Bahia com Minas, como seus rios tributários maiores – Arrojado e Formoso -, estendendo as explorações até aos espigões mestres que dividem Goiás com Bahia. (CRUZ, 1984)

A área inicialmente era terra pública e desde a guerra a terra não voltou a ser pública, segue sendo a usurpação da terra e expulsão daquelas pessoas com a apropriação da terra pelo coronelismo. O século XX trouxe uma nova guerra onde as famílias que moram nas redondezas afirmam que houve na terra novo conflito armado,

onde a sede foi toda destruída e o proprietário trouxe um grande contingente de pessoas armadas para cercar a fazenda e todas as suas entradas, destruindo as novas edificações da área que foram construídas pós conflito inicial. Esse conflito restou deixando feridos, muito gado da região roubado e aprisionado na fazenda.

### 3.5 ARQUEOLOGIA DO CONFLITO

A discussão teórico-metodológica que orienta a investigação em curso parte da observação do contexto sociocultural e podemos verificar que o Povoado Lavandeira tem significações bastante simbólicas para os seus ocupantes atuais, em razão da guerra e destruição do Povoado Lavandeira e de outros conflitos ocorridos no passado, pois deixaram marcas de violência ainda presentes na memória das pessoas que as vivenciaram e/ou tiveram familiares diretamente envolvidos.

As materialidades que as guerras e/ou conflitos produziram são também um grande campo de interesse da Arqueologia. No caso do Guerra da Lavandeira, as ruínas, cemitérios etc. são nosso foco, acrescidos dos testemunhos que a memória comunitária agrega a estes fatos. Para este trabalho, nossa conceituação de Conflito é considerada os atos de violência da humanidade que envolva duas ou mais partes em oposição que se confrontaram. (LINO; FUNARI, 2013).

Os conflitos na região são frequentes e as guerras entre coronéis e posseiros não é nova. Sempre foi causada a partir da apropriação da paisagem pelos coronéis que dominam a região e geram conflitos que impactam consideravelmente as vidas dos que ocuparam historicamente os territórios do sertão.

O campo da arqueologia de guerra é caracterizado em sua razão de existir por apresentar um novo olhar sobre os combates bélicos, levando em conta a existência de uma ampla produção de estudos de guerras, porém sem a inserção do ponto de vista da materialidade, da ciência arqueológica. A arqueologia do conflito vem inserir outros pontos de visão dessas guerras, pois para além das demandas históricas, apresenta um novo olhar, apontando a contribuição destes estudos em sua concretude, para ser fonte de informação no tempo atual e no passado, enquanto dimensão da cultura material nas estruturas da época do conflito.

Para o conceito de introdução à arqueologia do conflito que define a organização da denominação desse campo da arqueologia, utilizaremos também a divisão da conceituação de Richard John Carman, que a define em 3 campos: 1) em

contextos de pré-história contextos; 2) em contextos de história da pesquisa de campos de batalha de até o século XX, onde os opostos combinam em algum momento entrar em combate; e 3) em contextos da atualidade, na arqueologia específica da guerra de trincheiras, ou industriais, um elemento que ocorre comumente no século XXI, ou seja: a guerra cibernética, via tecnologias digitais etc. (CARMAN, 2014)

Os contextos de conflito também são pensados nesta investigação a partir do pensamento de (BERGGREN; HODDER, 2003; HODDER, 2000) em suas análises do surgimento de uma Arqueologia embasada num pluralismo de interpretações, forjadas a partir das críticas que os Pós-Processualistas, que formularam com base nos pensamentos da Fenomenologia, da Teoria Crítica e outras correntes, que passaram a compreender o campo da subjetividade nas pesquisas. O “pluralismo” destaca as interpretações arqueológicas como influências sociais, políticas, econômicas etc. e são atravessamentos que a pesquisa arqueológica vem lidando. Assumindo que a memória contém materialidades, como nos lembram os estudos da Arqueologia da Repressão e da Resistência que tratou de pesquisar os longos 20 anos de ditadura civil militar no Brasil e que apagou da memória oficial do País todos aqueles que ousaram subverter e lutar pelo fim desses tempos onde as liberdades foram cerceadas.

Nesse sentido, as materialidades existentes no Povoado estudado também apontam contextos belicosos e exige interpretação especializada e plural, por ser uma região inserida num cenário de múltiplas narrativas desde sua formação, abarcando o campo da mineração, da navegação fluvial, indústria e agricultura desenvolvidas nesta área, além da criação de gado e ocupação do território, que se deu pelas mãos de fazendeiros, sendo estes os “responsáveis pela maior incidência de currais nas margens do Rio São Francisco e, em seguida, nos cursos navegáveis dos rios Grande, Corrente e Preto”. (BRANDÃO, 2009, p. 51).

O remodelamento da paisagem a partir do conflito ainda não apagou das memórias dos moradores da cidade de Santa Maria da Vitória e do Povoado o período de funcionamento do Porto, de atividade da vila comercial, a existência de um passado que sofreu uma transformação social e econômica no Povoado Lavadeira. Persiste um saudosismo relacionado ao período de prosperidade propagada pela comunidade. Foi por essa razão que inserimos a metodologia da prospecção oral para dar voz aos tantos participantes que guardam na memória a história belicosa da Lavadeira. Para

a análise das entrevistas foram utilizados como critérios para trazer os dados que a pesquisa obteve com todas essas pessoas que vivem no Povoado e que ainda não podem ser identificadas por localizar o lugar como uma área perigosa e onde os coronéis ainda definem a desigualdade da ocupação da paisagem que ainda persiste no Povoado Lavandeira.

As marcas do conflito que destruiu a vila também nos aproximaram da necessidade de entender as suas razões. Desta forma, apoiamo-nos na arqueologia do conflito para compreender as mudanças ocorridas nessa paisagem e como elas afetaram a comunidade. A busca pelos fatos que envolvem a destruição da vila ajuda a compreender as razões da conservação de algumas áreas quase intactas e deixadas para guardar as marcas da ação do tempo e, em muitos casos, os solos foram totalmente destruídos pelo agronegócio, através de terraplanagem, usos de trator e de arado, utilizados no preparo da terra para o plantio de frutas para exportação.

O tempo do não dito também pode ser visto e não há resposta para alguns fatos como a não construção sobre o local do conflito armado, etc. e estes são fatos que constituem o levantamento qualitativo de elementos informacionais para substanciar este período especificamente onde ocorreram os conflitos do Povoado Lavandeira, buscando dados nos documentos e jornais, evidências da cartografia histórica e evidências arqueológicas dessas instalações citadas acima na bacia do rio Corrente. Essa junta de dados pode alavancar uma proposta de preservação do patrimônio cultural local e suprir essa lacuna documental existente de uma importante área até o momento desprovida de documentação.

Enquanto ciência que interpreta culturas e aborda a produção humana, a sociedade, os indivíduos, cuja caracterização se dá pelo seu objeto de trabalho o estudo da cultura material da humanidade, sendo esta última também marcada por conflitos ao longo da sua história, pois geram artefatos arqueológicos, que são considerados por Souza (2012) como os objetos produzidos pelo homem. (SOUZA, 2012).

### 3.6 AS ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

No que concerne aos aspectos metodológicos, tratamos de buscar o diálogo com a abordagem que reconhece o sujeito social do Povoado Lavandeira. A perspectiva do fenômeno em análise parte do pensamento onde a direção da

pesquisa se direciona no sentido de condução dessa investigação e uso de dispositivo de coletas de dados que apontem respostas aos objetivos do estudo, através da revisão da bibliografia, a análise documental, se embasando no recorte da arqueologia da paisagem VILLAESCUSA (2006) em seu conceito polissêmico e no apoio do arcabouço da arqueologia pós-processual que origina a arqueologia da paisagem; Binford, Leslie White, D. Clarke, Chevallier, Felipe Criado Boado, ativistas da Escola de Besançon, para o entendimento do estado da arte do Povoado Lavandeira e assim optamos pelas estratégias metodológicas iniciando-se com o levantamento bibliográfico, seguido de visitas de campo para caracterização ambiental, conhecendo o terreno e sua população, onde foram realizadas prospecção na área e entrevistas com moradores.

As técnicas de informações e análises partiram da hipótese de que existem artefatos na Lavandeira, como ruínas e informações orais que podem apontar as práticas sociais e narrativas de memória para a elaboração de um perfil arqueológico do povoado. A análise e o ordenamento desses dados, com base na bibliografia, forneceram informações sobre a ocupação e atividades realizadas e as representações sociais observadas ajudam a elaborar um panorama para elucidar as razões da invisibilização do povoado Lavandeira e sua paisagem ribeirinha, interligadas ao imaginário popular como porto e vila comercial.

A partir do estudo do fenômeno em análise, apresentamos como problemática compreender a ausência de pesquisas arqueológicas do objeto estudado e de registros sobre o local e parte do pensamento de que o Povoado Lavandeira foi um pequeno comércio situado a montante do rio Corrente, em lugar alto e seguro, sem a presença de lagoas ou de charcos, porto onde, conforme afirma o entrevistado **N**, desde 1868 era navegado por vapor e nele aqui aportaram seus familiares, onde logo depois que seus bisavós chegaram de Pirapora-MG, comercializando tecidos por estradas de terra e, trilhando os caminhos fluviais que interligam o rio São Francisco à bacia do rio Corrente, aportaram até Santa Maria da Vitória e se fixaram na Vila Lavandeira, local de realização de suas vendas para a comunidade local, as quais eram trocadas por mercadorias que os vapores ancorados traziam e passaram a cozinhar para os tripulantes do vapor quando pousavam na Vila e nos dias de festa.

Afirma nosso entrevistado **N** que seus familiares sofreram penosamente as consequências das lutas que desfizeram o local numa guerra entre freguesias do sertão baiano, fugiram do lugar deixando todos os seus pertences e nunca mais

retornaram à Santa Maria da Vitória, ampliando nossa hipótese de que é possível saber muito mais sobre a história do nosso porto no sertão baiano numa campanha arqueológica que realize a pesquisa numa expedição que poderá contar com nossa pesquisa como aporte.

Para Villaescusa, a arqueologia também pode aproximar as relações de paisagem e a gestão preventiva do patrimônio (VILLAESCUSA, 2006). Os procedimentos metodológicos para a compreensão do ambiente que compõe a atividade portuária, de produção de cana-de-açúcar, engenho, extração de ouro e uso de áreas de roça e adjacências se deu com a observação das marcas destas atividades e assim foi observado o entorno do povoado, as áreas de comércio, as ruas que compuseram a vila, a área portuária, curral e demais edificações que o objeto de estudo oferece para a sua caracterização. Neste sentido, o conhecimento científico é apoiado no método hipotético-dedutivo para a preparação do conhecimento arqueológico (VILLAESCUSA, 2006) e a compreensão da destruição do lugar aparece em diversas falas durante as entrevistas como uma ação impactante no transcurso da história do lugar.

Nossa metodologia de pesquisa se apoiou também na prospecção humana, sob o entendimento de que a pesquisa oral, no conceito utilizado na arqueologia que a define como Arqueologia Oportunística (CALDARELLI, SANTOS, 2000). A pesquisa do contexto social histórico do fenômeno estudado realizou o levantamento bibliográfico da região nesse período em estudo e utilizou métodos comparativos com as informações orais coletadas para cruzá-las com as evidências ainda existentes nas instalações atuais do Povoado Lavadeira em busca de identificar o potencial arqueológico do local que envolveu a Guerra da Lavadeira.

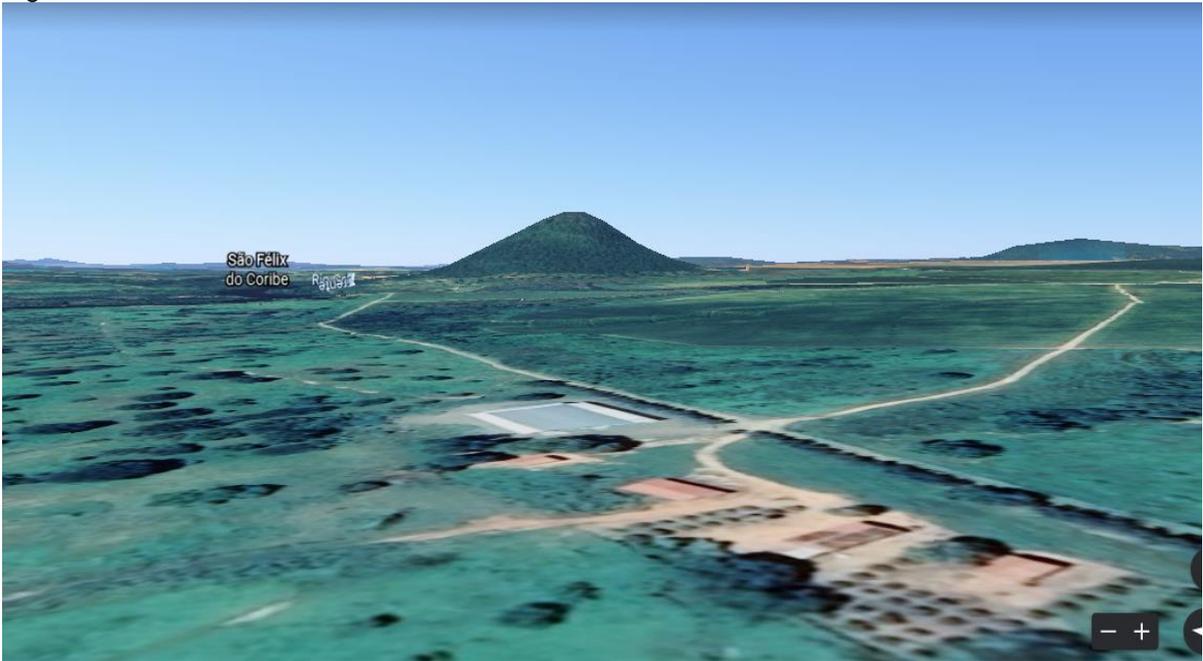
A partir da escuta realizada nas visitas às casas dos moradores do Povoado, onde houve apresentação do projeto, da pesquisadora e dos objetivos das visitas de campo, foram consultadas várias pessoas da comunidade, realizadas as escutas e selecionados por acessibilidade dos participantes para as entrevistas, através da utilização de questionário padrão, apresentada sua leitura previamente e em seguida realizada a aplicação do questionário. Após as escutas, foram analisadas as respostas e realizadas as visitas nas áreas localizadas como passíveis de prospecção e de extração de informações arqueológicas do Povoado Lavadeira. A compreensão dos estudos da Arqueologia do Conflito apoia nossa pesquisa de maneira extraordinária para a análise das reações das comunidades escutadas durante a prospecção

humana. Suas características e tensões demonstradas enquanto os questionários iam sendo respondidos e com o decorrer da pesquisa apontam que o impacto do enfrentamento armado é a maior modificação que foi causada na paisagem e em seus respectivos habitantes.

A partir das pesquisas bibliográficas efetuadas, das leituras e das conversas realizadas com os moradores, foi possível traçar nossa metodologia de trabalho. Deste modo, a escuta das pessoas que ainda vivem no local e dos remanescentes dos moradores de lá expulsos nos permitiu realizar a prospecção humana, seguida de prospecção da área, aliados aos conceitos teóricos da arqueologia, onde foi possível dar início à formação de um mosaico com estas informações, comparando as informações obtidas nas entrevistas com a população e interpretando os dados coletados.

A paisagem do Porto e Povoado Lavandeira é palco de um conflito, fato apontado pelos entrevistados como um entrave na existência daquela população. Aqui nos apoiamos também nos aportes teóricos da Arqueologia do Conflito, por entender que os impactos da Guerra da Lavandeira modificaram a paisagem em questão.

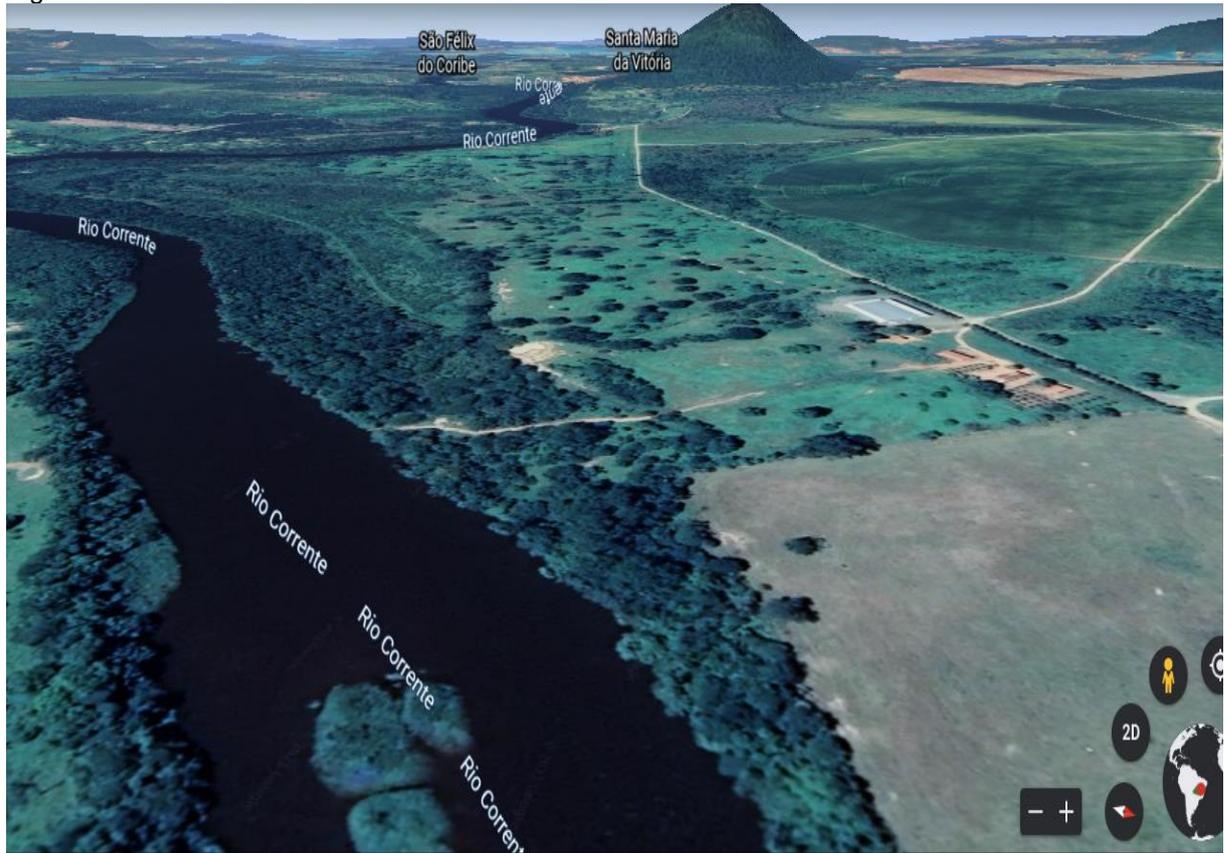
Figura 12 - Vista aérea do Povoado Lavandeira



Fonte: Google Earth(2020).

Desta forma, também abarcou a escuta dos remanescentes deste conflito, através da realização de entrevistas, com o propósito de ouvir o que a população atual ocupante desta área compreende como evidências desse passado, e o que entendem como o existir dessas evidências materiais. O levantamento dos dados orais se constituiu no esforço de localizar seus ocupantes, ouvir suas narrativas sobre o conflito, quais seus conhecimentos sobre o objeto de estudo, mapear as populações que aí viveram, o lugar onde se abrigaram os sobreviventes e de onde vieram as pessoas advindas para habitar neste território já pertencente ao Estado da Bahia.

Figura 13 - Vista aérea do Morro e áreas construídas



Fonte: Google Earth(2020).

Figura 14 - Foto da Sede da fazenda Lavandeira



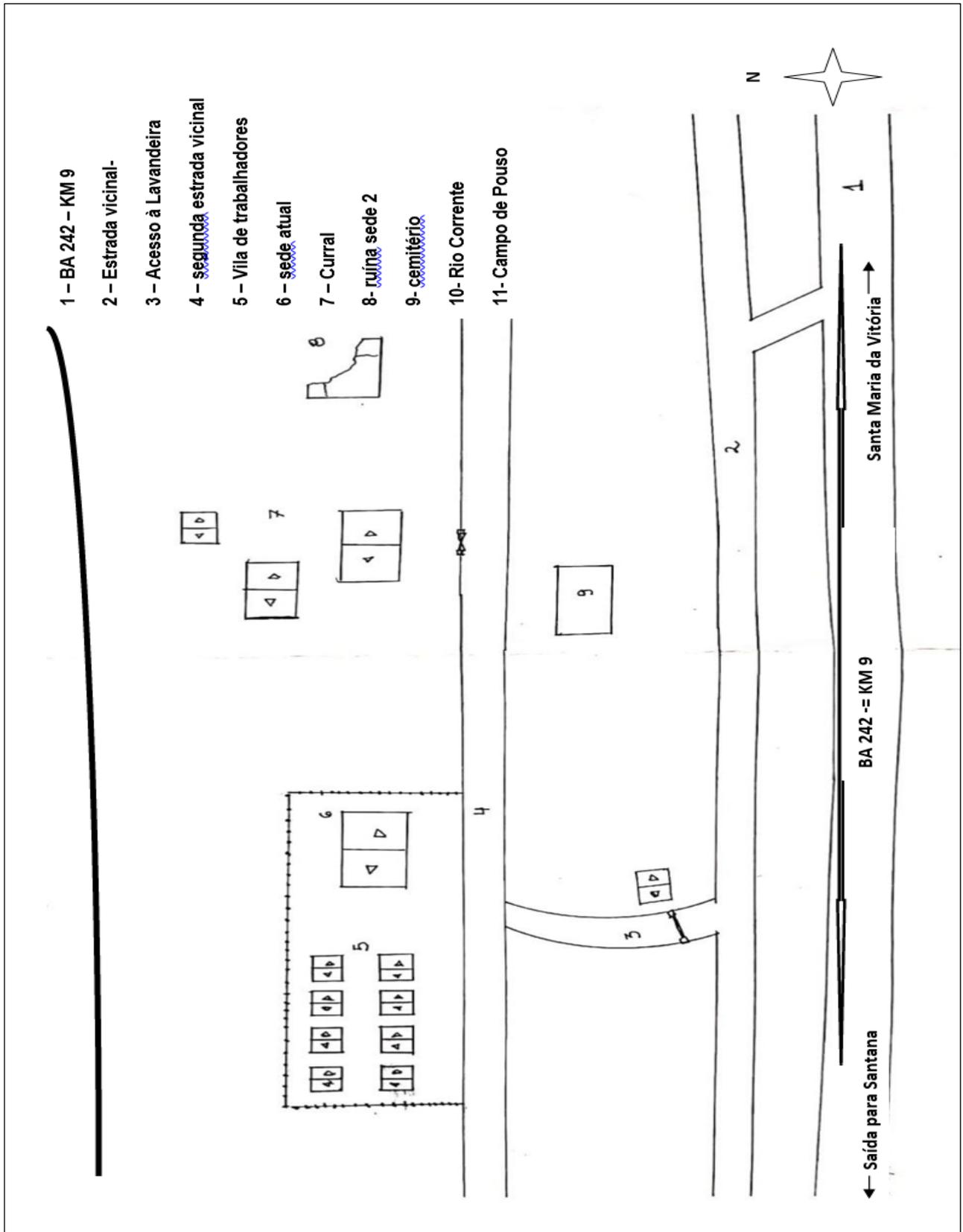
Fonte: Acervo da autora (2023).

Ali foi fixado o Porto e Povoado Lavandeira e estes ocupantes do território passaram a produzir e comercializar, foi erguida a Vila e o povoado foi se desenvolvendo e prosperando, até o deflagrar do conflito que resultou na destruição total da Vila e na expulsão de seus moradores, através dos invisibilizados “barulhos da Lavandeira”. É nesse ambiente que nossa investigação se ancora, em busca de elementos vestigiais desse conflito, realizando a análise do fenômeno da Guerra da Lavandeira a partir do estudo espacial e paisagístico das instalações referentes ao Povoado e ao Porto de Lavandeira.

Diante do observado no ambiente estudado e com base nos estudos arqueológicos, a arqueologia do conflito nos favoreceu na compreensão das modificações da paisagem estudada e nos aproxima do universo de preservação da comunidade de algumas áreas não utilizadas pós-conflito, como o cemitério e a área de confronto, fatos presentes nas entrevistas realizadas em campo, onde os participantes relatam seus desejos de preservação do patrimônio cultural ali existente. Apresento ainda a discussão da paisagem em foco com a Arqueologia do Conflito, a partir do conceito de LINO E FUNARI, conceituando como violência os conflitos que envolvem duas ou mais partes confrontantes belicosamente. (Lino e Funari, 2013).

A investidura na visibilidade da paisagem nos levou a dialogar com a cartografia histórica do local e assim apresentamos em nossa pesquisa a descrição visual das estruturas estudadas para melhor explorar a determinação espacial do Porto e Povoado Lavandeira, acrescentando informações visuais como resultados do estudo, recortando nosso período de pesquisa e a cartografia histórica, contemplando os elementos estruturais da paisagem, destacando o rio Corrente e a localização espacial de nossa paisagem analisada. Milton Santos (1988), quem afirma que tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc. (SANTOS, 1988, p. 21)

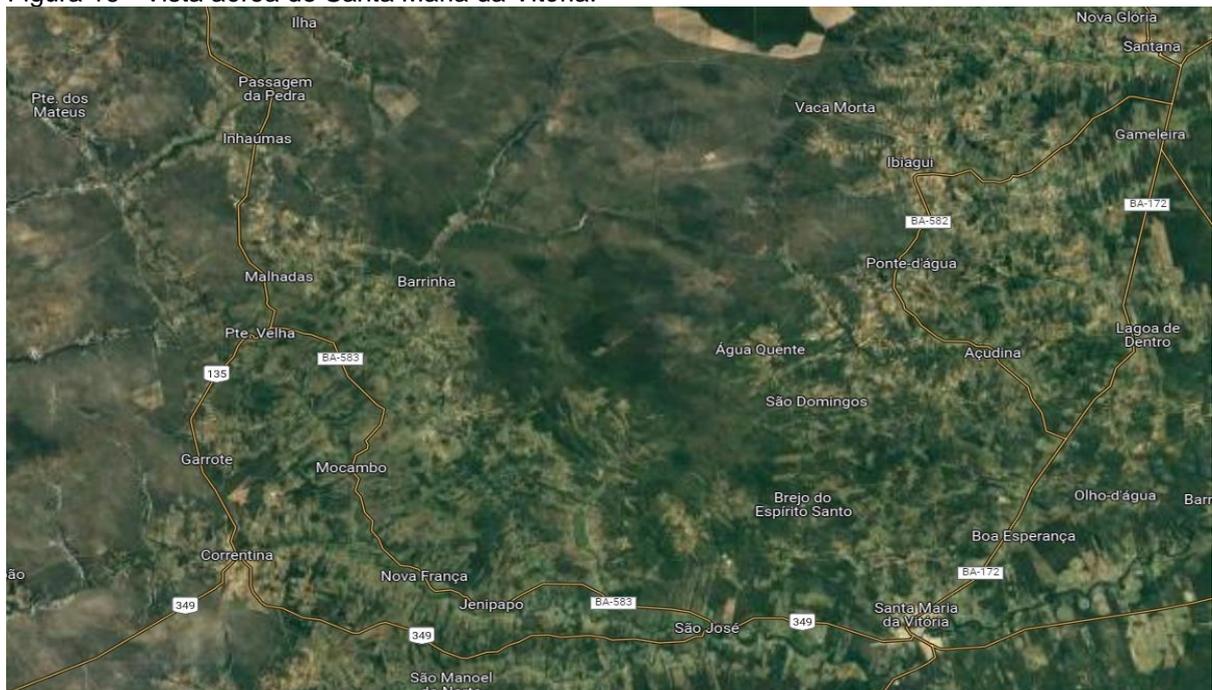
Figura 15 - Planta Manual do Povoado Lavandeira Fonte: Acervo da autora (2023)



Fonte: Acervo da autora (2023)

Em razão de o objeto em análise referir-se a uma área onde um conflito belicoso altera completamente aquela paisagem, com a divisão de conceitos de Richard John Carman que a caracteriza em três campos temporais, sendo nosso objeto de estudo considerado o segundo campo da conceituação temporal, por estar contextualizado nossa pesquisa na datação anterior ao século XX, “onde os opostos combinam em algum momento entrar em combate”. (CARMAN, 2014). Nosso trabalho tem seu enfoque em compreender a paisagem, embasado nas teorias arqueológicas que tratam dessa área de estudos e que entende paisagem partindo da visão de que ela é contida de sentidos históricos e culturais, impingidos a partir da relação dessa paisagem com os seres humanos. Nos fornecem suporte teórico e metodológico a Arqueologia História, através das subáreas de Arqueologia da Paisagem e do Arqueologia do Conflito. Objetivamos analisar nossa paisagem investigada a partir destes conceitos norteadores em busca de entendimentos acerca da ocupação da paisagem do Povoado Lavandeira e sua relação com seus ocupantes pretéritos e da contemporaneidade, a partir das várias facetas desse ambiente que apresenta uma paisagem modificada no passado por um conflito bélico. Analisamos essa paisagem em seu conjunto de elementos observados e a ocupação humana para realizar leituras desse ambiente no passado e na atualidade.

Figura 16 - Vista aérea de Santa Maria da Vitória.



Fonte: Google Earth (2020).

O trabalho investigativo apontou impressões sobre os caminhos perseguidos na pesquisa. Desde a abertura da comunidade para entender seu patrimônio e a história do lugar e aproximação do patrimônio cultural local. Destacando as dificuldades surgidas como as fortes enchentes do rio Corrente durante o período de pesquisa. Ocorreu ainda a destruição da estrada vicinal na altura do km 8, além de o panorama epidêmico da COVID19, a dificuldade de localizar fontes, o falecimento de muitos dos entrevistados ao longo da pesquisa e a mudança dos proprietários do local foram aspectos que condicionaram todo o processo metodológico.

Considerando que a complexidade das informações arqueológicas pode ofertar a busca da cultura social, através de sua valiosa corrente teórica para a pesquisa do patrimônio cultural, nosso estudo apresenta elementos que, por serem considerados por muitos como importantes para o entendimento desse entreposto comercial incendiado e sem estudos acerca das razões da destruição da Vila comercial da região que podem elucidar a invisibilidade e os protagonistas desta história de luta e resistência. A pesquisa do estado da arte do Povoado Lavandeira realizou inferências a partir do conceito de Paisagem, extraindo dessa paisagem os impactos do conflito em sua modificação. Esta análise de dados permite entender as estruturas sociais, econômicas e políticas que lhe deram origem, senão na sua integridade física, pelo menos através do levantamento e do registro poderão confirmar ou refutar nossa hipótese inicial e localizar indícios de uso cultural do espaço e suas populações. Se percebe a necessidade de utilização de técnicas de sub-superfície para a visibilidade do solo e localização dos vestígios soterrados. Desse modo, as populações abrigadas próximo ao espaço monumental do Morro do Domingão e à beira do rio Corrente, maior afluente do rio São Francisco, poderão passar a fazer parte do contexto arqueológico da Bahia e do Brasil, através da apresentação vestigial na paisagem atual, em diálogo com os aspectos histórico-sociais.

Figura 17 - Foto Rio Corrente com vista para o Morro Domingão



Fonte: Rboger Silva (2023).

A pesquisa, após verificar a revisão bibliográfica sobre as descobertas arqueológicas já realizadas, elaboração de mapas e busca de materiais relacionados com o patrimônio cultural e a paisagem natural, a fim de buscar a relação existente nos ambientes utilizados pelas pessoas do Povoado Lavadeira e do patrimônio cultural, além do levantamento dos elementos vestigiais que existem no Povoado Lavadeira e suas implicações na paisagem. Utilizamos como procedimento metodológico também entrevistas com a comunidade, abrangendo várias faixas etárias para entender a existência de políticas públicas abrangentes ao ambiente estudado, além de perceber as relações da comunidade com o conflito.

Em busca de alcançar os objetivos propostos, após a revisão bibliográfica regional, logo se iniciou a observação no Povoado Lavadeira, onde foi visitada boa parte das casas existentes e coletados dados através de entrevistas com moradores do Povoado, funcionários da fazenda que administra o Povoado Lavadeira, além do então proprietário no início da pesquisa. Nesta ida a campo foram coletados dados do

local para a caracterização do ambiente e realizadas entrevistas com a comunidade para obter informações sobre a formação do Povoado Lavanderia.

Os campos respondidos pelos participantes das entrevistas foram previamente apresentados aos entrevistados para que estes os conhecessem antes de fornecer os dados solicitados pela pesquisadora, que tratou de responder as devidas questões de acordo com as falas de cada pessoa escutada, anotando-as durante a entrevista. Os questionários respondidos formaram um conjunto de dados, totalizando 23 participantes que responderam as mesmas questões em datas diferentes e seu registro foi realizado de acordo com as repostas obtidas em cada entrevista, para posteriormente serem digitadas e analisadas.

A análise, revisão e digitalização destas entrevistas ocorreu após sua tomada em campo, em escritório da pesquisadora. Com base nestes dados, constatamos que todos os moradores sabem algo de ouvir falar sobre o conflito e têm alguma ligação familiar com os participantes. No entanto, este é um assunto que ainda não é tranquilo falar sobre, sempre demonstram o temor de aparecer, de serem identificados e sofrer novas violências. Por essa razão, decidimos pela não aparição da identidade dos entrevistados, nomeando-os de forma alfabética para sua identificação pública, garantindo a segurança de nossa fonte de informação.

O entendimento dos caminhos de deslocamento, meios de abrigos e a forma de captação e distribuição das águas do rio para a plantação dos produtos produzidos na agricultura, além do cultivo de monocultura, ora mamão, ora manga alteraram as possibilidades de verificação superficial de ocupações anteriores em razão do revolvimento das camadas da terra.

Apoiam o mapeamento da área a descrição geográfica pelos moradores a partir das informações que guardam na memória do desenvolvimento do povoado e assim estamos construindo representações em desenhos para que facilitem a análise das estruturas, suas ruínas e uma possível cronologia arquitetônica.

As categorias de análise são organizadas a partir da coleta de dados, que está sendo realizado a partir do uso dos formulários utilizados nas entrevistas com a comunidade, do caderno de campo, de desenho de locais que ajudam a compreender a pesquisa, além da tomada das coordenadas geográficas em UTM para identificação do Povoado Lavandeira e entrevistas que foram realizadas em quatro visitas de campo no decorrer da pesquisa.

Nosso plano de trabalho foi construído a partir do entendimento do campo teórico-metodológico escolhido após intensa pesquisa. Assim escolhemos nossos passos orientadores partindo dessa organicidade das etapas da pesquisa, iniciando com as visitas de área, consulta aos proprietários, apresentação do projeto selecionado pelo programa de mestrado em arqueologia da UFRB. Após as primeiras visitas, detectamos a falta de domínio da leitura e escrita da maioria das pessoas que visitamos e, assim tomamos a decisão de realizar os questionários e anotar diretamente as respostas, de acordo com o que diziam e confirmando com os entrevistados se o texto correspondia às informações obtidas.

Para a revisão e análise dos dados coletados, juntamos os textos já digitalizados e selecionamos as informações para aferir o resultado destes através da escrita da dissertação com os resultados da pesquisa, onde foram produzidos dados quantitativos e qualitativos sobre o Povoado Lavandeira, um porto no sertão baiano.

A ampliação informacional e junta de dados para a compreensão dos liames existentes entre o Povoado Lavandeira e sua comunidade de sustentação é ao que dedica esta pesquisa. A temática ainda não foi estudada de maneira aprofundada, ainda que percebida a importância econômica e social que o objeto de estudo representa para a região são-franciscana provocou o estudo para o entendimento dos sistemas de funcionamento e compreensão das sociedades humanas daquele Povoado, aprofundando a compreensão de seu contexto cultural intrínseco e extrínseco.

Esmiuçar as informações geradas ao longo da pesquisa é o combustível que nos move. Almejamos transformar a leitura dos objetos em estudo em verdadeiros artefatos de novas leituras socioculturais, conceituando, desta forma, o objeto como: “artefato que, ao deixar de ser apenas um objeto, parece adquirir uma vida biológica, datada de nascimento, crescimento, maturidade, envelhecimento e morte” (FUNARI, 2003).

Figura 18 - Foto Entrada para a vila de trabalhadores



Fonte: Acervo da autora (2023)

A entrevista semiestruturada foi composta por 10 perguntas orientadoras, formuladas a partir dos objetivos da consulta à comunidade foram realizadas com 23 moradores, de faixa etária, em sua maioria, maiores de 70 anos. A escolha de fazer as entrevistas não gravando as respostas para preservar a integridade e segurança dos entrevistados foi feita a partir da solicitação de alguns entrevistados aos serem indagados durante as respostas dadas ao questionário. Desse modo, perguntamos as mesmas questões a todas as pessoas e foram anotadas as respostas obtidas a cada questionamento. A partir dos 23 formulários aplicados durante as entrevistas na comunidade, foram observadas as respostas recorrentes, apresentando um dado comum aos entrevistados, pois grande parte dos envolvidos também não sabe ler e escrever.

Figura 19 - Desenho da área pesquisada



Fonte: Acervo da autora (2023)

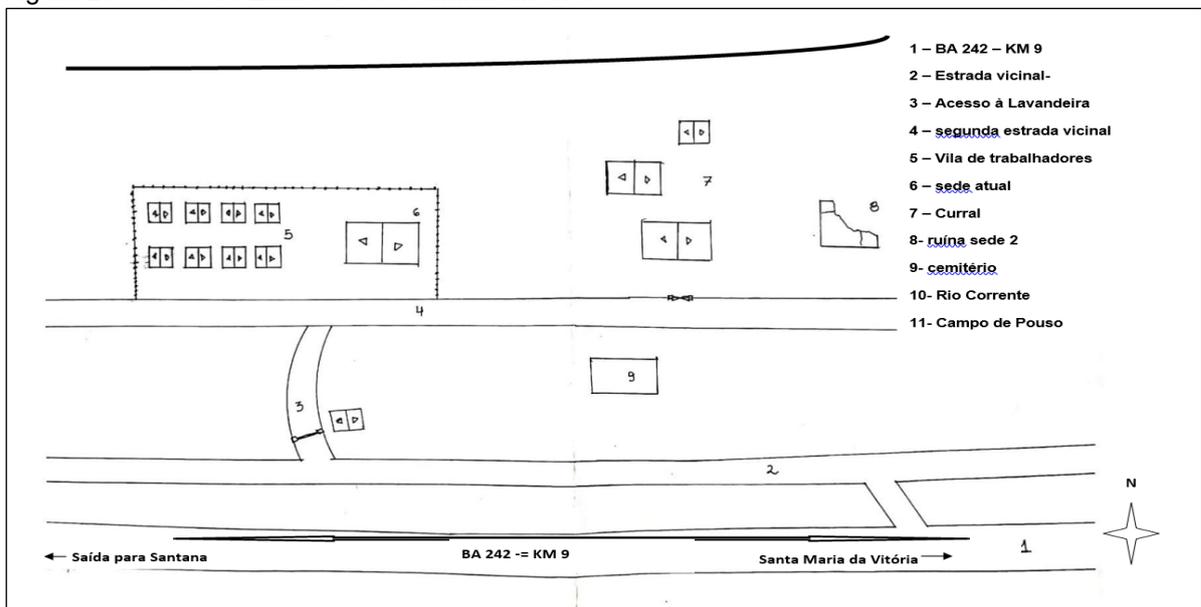
A observação da área e das formas de uso atuais pela comunidade foram realizadas a partir das idas a campo e das entrevistas realizadas, em busca de entender os caminhos de deslocamento, meios de abrigos e a percepção das áreas que estão ativas, além de notar a captação de água das águas do rio e sua distribuição para a plantação dos produtos cultivados, que hoje ocorre por uma canalização central, via pivô. Perceber e analisar esse fato que sempre causou inquietação, é a motivação que leva a compreender um fenômeno situado na esfera social. Dessa forma, a compreensão dos fenômenos mais gerais da sociedade, as populações que povoam a localidade, em que se situa esta investigação arqueológica elucidam as razões da existência do conflito e destruição do povoado através do levantamento dos elementos vestigiais que existem no Povoado Lavandeira e suas implicações para essa localidade.

Os famosos “barulhos” da Lavandeira é a forma própria de denominação que a comunidade local utiliza para nomear o conflito, em razão da grande quantidade de armas usadas no conflito bélico e do terror da população em virtude do confronto armado. Entender suas razões, a conformação do lugar, porque se instalou neste ponto do rio Corrente, quais foram as causas da destruição e porque a ocupação da

Lavandeira e sua destruição total ficou oculta na narrativa oficial da formação do município são as razões que motivaram a pesquisa. Os elementos vestigiais levantados no Povoado Lavandeira apontarão suas implicações nas áreas estudadas. As áreas onde os conflitos ocorreram são conhecidas de todos os moradores e essa disputa simboliza a vida de seus antepassados e afirmam manter intencionalmente as marcas de bala e destruição como presenças dos que tombaram durante as guerras.

Nas respostas dos questionários e nas conversas com a comunidade, é latente essa memória dolorosa, pois as cicatrizes não curadas geradas pela antropização da paisagem preteritamente ocupada pelos antepassados dos entrevistados ainda inquietam a população local. A pesquisa tem aproximado o povoado da discussão do patrimônio cultural e compreendemos que a contribuição das narrativas daquelas populações pode fornecer elementos para a caracterização do sítio e identificação de identidades coletivas, provocadas por essa ação de levantamento dos elementos vestigiais do Povoado Lavandeira.

Figura 20 - Foto da Linha 1 de Caminhamento



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 21 - Foto do Acesso ao povoado pela estrada vicinal



Fonte: Gilson Silva (2023).

Figura 22 - Foto do Caminhamento linha 2.



Fonte: Gilson Silva (2023).

Figura 23 - Foto do Caminhamento linha 2.



Fonte: Gilson Silva (2023).

Figura 24 - Foto varredura da linha 3



Fonte: Gilson Silva (2023).

A etapa seguinte se deu através da realização da varredura da área indicada pelas entrevistas como sendo o local comercial da Vila. O trabalho de campo ocorreu através de caminhamento dessa área realizada pela pesquisadora, sob orientação do funcionário da fazenda e do guia Jiló. Nessa etapa, não se apresentou nenhum vestígio aparente de ocupações pretéritas, pois detectamos que a permanência do uso de tratores, da realização do plantio e da aragem da terra não deixa materialidade aparente. As áreas apontadas como sendo o local das estruturas das casas de taipas já não guardam sinais visíveis de sua existência e para as estruturas que a

comunidade afirma existir soterradas necessitariam de uma expedição arqueológica com especialistas para uma futura escavação e obtenção de maiores dados.

A varredura da superfície ocorreu com o caminhar da área plana, em dupla de pesquisadores, num espaço de 20cm aproximadamente entre os dois participantes, com ênfase na área identificada como o centro de comercialização da vila. Nosso caminhar ocorreu utilizando varredura da área, utilizando como referência a área central do Povoado Lavandeira, identificada pela maioria dos entrevistados como o local onde existiu a casa-grande e todos os demais estabelecimentos em torno desse grande galpão, que também era o local onde os remeiros realizavam festas em cada chegada do vapor.

A primeira escolha para caminhar foi o centro do povoado, preferindo fazê-lo utilizando a geografia do terreno em declive e vir da direita para a esquerda, iniciando na sede atual da fazenda como linha até a beira do rio, num total de 500m. A segunda linha utilizada para a varredura foi desde a casa até a cerca que divide a fazenda da estrada vicinal, num total de 400 m. Uma terceira linha foi utilizada tendo toda a área do campo de avião até o limite da cerca vizinha, num total de 700m. A última área onde realizamos a varredura foi desde a área de canalização de água para irrigação até o curral e porto, passando pelo cemitério, numa área de 1.000m.

Nesse percurso, foi possível ter uma visão da paisagem ambiental embrenhada no cerrado baiano e perceber que não existe vestígios de ocupações do passado em razão da monocultura realizada há décadas e do uso de máquinas pesadas para remover a terra.

Figura 25 - Foto Prospectando a área da sede desativada



Fonte: Gilson Silva (2023).

Figura 26 - Foto do Acesso ao povoado pela estrada vicinal



Fonte: Acervo da Autora (2023).

Figura 27 - Foto Estrada vicinal e saída para o porto



Fonte: Acervo da Autora (2023).

Para verificar as localizações das áreas prospectadas utilizamos a ferramenta do Google Earth, versão 2019 e assim foi possível realizar as fotografias de identificações da área. O percurso realizado em dupla durante a varredura não localizou achados e o registro fotográfico foi realizado. Para as etapas seguintes, realizaremos o preenchimento da ficha com os dados arqueológicos, desenho, criação de mapas de memória, além do georreferenciamento.

A não localização de algum dado sobre o conflito, além do apagamento da materialidade é o questionamento que este estudo traz com veemência em todas as buscas de informações locais. As plantações, através do uso contínuo de trator, arado e outras ações da monocultura que agora se realiza no local na Vila que continha muitas casas, pontos e comércio, galpão de armazenamento, porto, lenheiro do vapor e todas elas foram desaparecidas, mesmo algumas casas de comércio já serem construídas de adobe e alicerce de pedras, segundo informações orais dos moradores. A memória visual dos moradores aponta um mapa de como era a Vila, porém não conseguimos localizar as plantas e mapas antigos. São muito presentes as ocupações pretéritas na memória de moradores que nasceram já no século XXI, ainda que elas tenham sido destruídas no século XIX. Tudo ainda muito presente entre

os que desfrutam da vida em outro tempo e em outra paisagem. A pergunta que não se cala é: porque estes fatos ainda povoam a vida cotidiana destas pessoas?

Figura 28 - Fotos Antigas proprietários da Lavandeira relatando os conflitos



Fonte: Acervo de Clodomir Morais.

O levantamento oral realizado com a comunidade, seguido de vistorias nos afloramentos, fornecem dados para conhecimento do perfil arqueológico local, a partir de interpretações dos dados arqueológicos empíricos, tendo a interpretação da cultura material como base analítica. A observação da área, a coleta de dados, registro informacional e análise oferecem dados sobre as representações: ruína, rio, curral, antiga vila e paisagens e ainda guardam práticas sociais e narrativas de memórias das ocupações pretéritas do Povoado Lavandeira.

Concluídas as etapas de atividades de campo, onde estamos verificando a materialidade existente, a pesquisa se ocupa da sistematização, realização do cruzamento das informações orais levantadas e demais dados pesquisados nos locais de documentação como arquivo público da cidade da Barra, comarca e paróquias de Bom Jesus da Lapa e Santa Maria da Vitória e, com base nos materiais coletados durante o levantamento, se pretende gerar dados para a formação de um perfil arqueológico inicial do Povoado Lavandeira e suas populações.

As visitas de campo ocorreram em 4 etapas: seguindo o cronograma previsto no projeto de pesquisa e estas etapas de coleta de dados em campo se deram de 2 formas: inicialmente entrevistando a comunidade e foram ouvidas 23 participantes no

total de quatro idas a campo, 5 entrevistas foram realizadas no dia 17 de janeiro de 2022, 8 no dia 20 de abril de 2022, 5 no dia 14 de maio de 2022 e os últimos 5 participantes foram entrevistados no dia 20 de maio de 2022. Os registros foram realizados através de fotografia e caderno de campo, além do preenchimento dos formulários com as respostas dos entrevistados para as seguintes perguntas:

- 1- Onde você mora? De onde vieram seus familiares?
- 2- Sabe dizer como se iniciou a história da Vila?
- 3- Você conheceu ou ouviu falar na Vila? Tem alguma foto ou documento do local?
- 4- Houve algum fato que marcou esse lugar?
- 5- Para onde foram as pessoas após o conflito?
- 6- Você sabe onde ficavam as casas ou outras partes da Vila?
- 7- Existem locais que mostram a existência de atividades comerciais da Vila?
- 8- Por que não se vê nada da destruição da Vila?
- 9- O que é o ambiente da lavadeira hoje? Quem perdeu com a destruição?
- 10- Quem foi o ganhador?

Apresentaremos em capítulo específico a análise minuciosa de todas as entrevistas realizadas durante a pesquisa.

A prospecção oportunística foi realizada com base nos dados obtidos nas conversas e a partir dos locais apontados pela comunidade, como o antigo cemitério, o curral, o lenheiro, o porto, durante as entrevistas com a comunidade local. Para esse registro, estamos utilizando as fichas específicas durante as visitas de observação às áreas de erosão e intervenções antrópicas evidentes, como o soterramento aparente da vila.

Durante as buscas por alterações do solo e perfis estratigráficos expostos, as novas edificações da sede do Povoado Lavanderia apresentaram novas marcas de guerras mais recentes em novas ocupações, duas novas sedes foram construídas após o primeiro conflito, sendo que a segunda também foi destruída no século XX, em 1970, e ainda existem estruturas na sede que também foram abandonadas, sendo construída uma nova casa, em outro local, onde segue sendo a casa principal desde então, apesar das diversas mudanças de dono da propriedade durante este período pós construção da terceira edificação da sede.

A presença de marcas de bala aponta que novos conflitos atingiram a Lavandeira no século XX. No entanto, nosso recorte temporal de investigação não se deterá em registrar durante a pesquisa arqueológica, pois nosso interesse de pesquisa se recorta na destruição inicial e na guerra que destruiu o Povoado e alterou o local do porto e comercialização dos produtos de origem local. No entanto, as diversas estruturas que recobrem a nova Vila, foram relatadas estar sobrepostas nas estruturas iniciais. Este estudo poderá provocar novas investigações na área, partindo do princípio de que existem estruturas e ruínas mais embaixo das camadas visíveis da paisagem do Povoado Lavandeira.

É possível se encontrar nas estruturas da sede que foi atacada belicosamente durante os conflitos do século XX, na década de 1970, marcas de projéteis nas estruturas da segunda sede do Povoado Lavandeira, abandonado pós segundo conflito armado no local e mantido conforme a ação do tempo vai permitindo, inclusive, com perda recente do telhado, cujas telhas ainda se encontram amontoadas na fazenda e a madeira em bom estado de conservação, apesar de expostas às intempéries naturais.

Ao mesmo tempo, esse desconhecimento de dados não apagou da memória dos moradores o conflito e a destruição da paisagem da Lavandeira, tendo o conflito como o fato que provocou a ausência desses registros. Daí surgiu a ideia de construção de um mapa visual para ampliar a identificação da área, a partir das várias lembranças que a comunidade fosse apontando para essa construção visual. As informações foram alavancadas a fim [esse deve ser quase o décimo afim] de gerar o desenho da vila. As contribuições de cada entrevistado permitiram que se alavancasse uma memória coletiva. Entendendo esse ambiente e o ser humano como compreensão de paisagem (LANATTA, 1997, p.155), essas pessoas refizeram visualmente a Vila destruída e colaboraram com este estudo que se propõe a oferecer dados através das informações levantadas através dos elementos vestigiais que existem no Povoado Lavandeira, poderão servir como subsídio para um estudo sistemático do panorama arqueológico regional.

Figura 29 - Foto de Marcas de bala nas paredes da sede 1970



Fonte: Acervo da autora (2023).

A transformação da paisagem está diretamente ligada à trajetória histórica e cultural das populações do Povoado Lavandeira. Essa utilização do território de forma coletiva no passado demonstra a maneira particular e coletiva que o fato ocorreu, reafirmando o conceito de Funari que afirma a:

Exploração e valorização dos territórios nacionais implicam também num relacionamento particular entre a Arqueologia, a sociedade e os grupos no poder. Trata-se, em geral, da incorporação de monumentos e objetos numa prática de valorização e transformação econômica da paisagem. (FUNARI, 2003)

Dada a relevância que a cultura material pode oferecer elementos decisivos para a leitura do cotidiano das populações que habitaram casas, comércios, cemitérios, templos etc., a busca desses significados, o levantamento de tais questões se apoia na recuperação de informações arqueológicas e históricas, promovendo este questionamento de contribuições coletivas para a compreensão da história local do Povoado Lavandeira. Nesta área ainda não tem sido muito desenvolvida a arqueologia histórica, daí a relevância da pesquisa para a região por iniciar um trabalho na área que mostre os reflexos do conflito e o pretense levantamento que descreverá materialmente as mudanças que a guerra causou àquela paisagem estudada, sendo a pesquisa uma contribuição para apoiar o entendimento da arqueologia nesta área

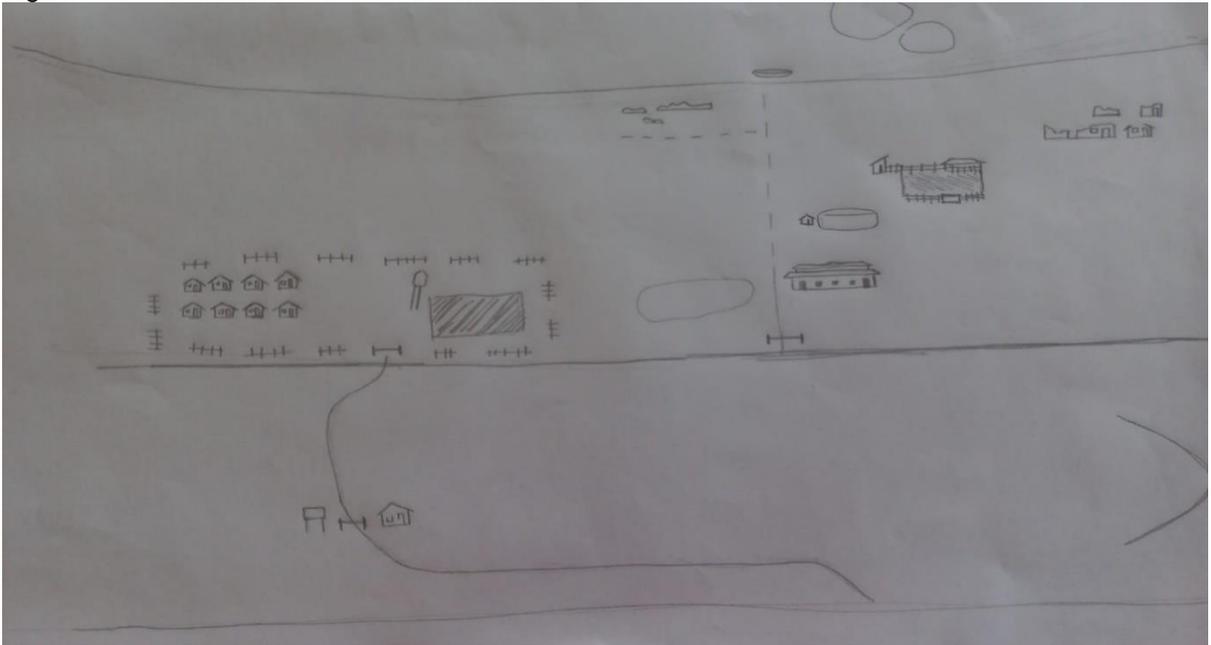
do estado da Bahia, levantando suas estruturas remanescentes e as relações da comunidade com este local.

Com a elaboração do nosso arcabouço teórico, foi possível a realização das discussões sobre nosso objeto de estudo, na compreensão de que a conceituação do local nos aproximou da visão conceitual da paisagem, palco de um conflito bélico que alterou aquela paisagem e impactou as vidas das pessoas e suas relações com o local. Nossa escolha de categorias de análise dialogam com os impactos deste conflito nesta paisagem cultural e humana, cuja percepção se deu após o entendimento teórico e o conhecimento do local através dos caminhamentos realizados e da escuta dos envolvidos, entendendo o local como possível de realização da pesquisa, partindo do estudo da paisagem a partir da análise formal, observando sua visualização, desde as visitas *in loco*, o caminhamento, idas a campo e na captura panorâmica da paisagem, numa percepção de que os “mapas de visibilidade” (CRIADO BOADO, 1999) são as maiores contribuições que a cartografia física pode oferecer para a captação das marcas possíveis que esta paisagem guarda dos possíveis momentos das relações humanas pretéritas que ocuparam o Povoado Lavandeira.

O arcabouço da Arqueologia do Conflito apoiou nossa pesquisa desde a construção da base teórica e na coleta de dados cada resposta ao questionário oferecida pelos entrevistados apareceram as caracterizações nas falas das marcas que a Delenda Lavandeira representa para a comunidade, reforçando a necessidade de escuta e pesquisa na área. A nossa busca de dados e entrevistas foi uma atividade complicada de ser realizada, em razão de as pessoas terem dificuldade de lembrar de um fato que tem significados de perdas de território, de familiares, de um modo de vida e por ainda existir um processo doloroso não cicatrizado, não estudado, não dito da forma que vivenciaram e ainda carregam em suas histórias de vida a separação de um todo familiar e comunitário para a vida errante, fugitiva por temor de novos ataques, além do forçado refazimento dos modos de sobrevivência em outros lugares.

As plantações, o uso do arado e outras ações da monocultura que agora se realizam não conseguiram apagar a história que ocorreu no local da antiga Vila onde viveram em prosperidade num passado não muito distante. Lá continha muitas casas, pontos e comércio, galpão de armazenamento, porto, lenheiro do vapor e todas elas.

Figura 30 - Desenho Povoado Lavandeira



Fonte: Acervo da autora (2023).

foram desaparecidas, mesmo algumas casas de comércio serem construídas de adobe e alicerce de pedras, fato segundo informações orais dos moradores locais. Hoje a monocultura irrigada tomou conta e a comunidade presta serviços como oferecedora de mão de obra terceirizada e sazonal.

Figura 31 - Foto da área irrigada.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 32 - Foto antigo canal de irrigação.



Fonte: Acervo da autora (2023).

Nossas observações ocorreram em campo, na historiografia, na escuta da comunidade, na observação da paisagem e nos questionários, onde a população lançou mão da memória local. Em seguida tratamos os dados em gabinete, os quais foram fortalecidos pela análise em gabinete em virtude do cruzamento destes para a geração de um produto que pudesse ser coerente com nosso arcabouço conceitual, a fim de descrever, caracterizar e analisar o Povoado Lavandeira, afirmando ou negando nossa hipótese inicial de investigação.

As marcas do conflito que destruiu a vila são as características mais profundas que foram apresentadas nos relatos de todos os entrevistados. Esta população nunca retornou a ser proprietária ou a produzir coletivamente na Vila e houve o desvinculo de familiares que jamais souberam do paradeiro. Afirmaram que se desfizeram famílias inteiras, desterradas e desaparecidas, ainda que muitos conseguiram se fixar nos arredores do povoado e tocar atividades agrícolas em suas novas moradas, sempre se relacionando com o local como ponto representativo de um passado que se desfez violentamente e cujo prejuízo atingiu os antigos ocupantes, pois a modificação do local também modificou a vida daquela comunidade e destruiu a vida de seus ancestrais

. Deste modo, a arqueologia do conflito nos favorece na compreensão das modificações da paisagem estudada e nos aproxima do universo de preservação da

comunidade de algumas áreas não utilizadas pós-conflito, como o cemitério e a área de confronto, fatos presentes nas entrevistas realizadas em campo, onde os participantes relatam seus desejos de preservação do patrimônio cultural ali existente.

Figura 33 - Foto do porto arado de trator na área pós enchentes de 2022



Fonte: Acervo da autora (2023).

### 3.7 PESQUISA DE CAMPO

Realizada em várias etapas, a pesquisa de campo se iniciou antes mesmo da elaboração deste projeto. Durante o ano de 2020, muitas idas foram feitas ao local, revisitando moradores e ouvindo a história do Povoado Lavadeira. Desde as primeiras conversas, a preocupação com a preservação da paisagem e da memória da guerra que nela está contida foi recorrente entre os moradores da comunidade. A problemática da não preservação assusta e a invisibilidade do tema do conflito da Lavadeira é presença constante.

As intenções de uso das paisagens, seus sentidos e racionalidade apontam as relações pretéritas do Povoado, ainda que não se verifique evidências materiais na superfície.

Figura 34 - Foto de Comunitários mostrando as áreas do conflito à pesquisadora.



Fonte: Gilson Silva (2022).

Nossa proposta teórico-metodológica optou pela vertente arqueológica que nos permitiu observar o ambiente e descrever a paisagem, entendendo que a teoria moderna dá conta da tarefa de analisar as realidades sociais e arqueológicas existentes no contexto específico observado, entendendo esta paisagem rural e suas relações no passado com o ambiente, para que se verifique os seus padrões de assentamento humano (VILLAESCUSA, 2006).

A Arqueologia Oportunística (CALDARELLI; SANTOS, 2000) foi posta em prática antes mesmo da elaboração do presente projeto de pesquisa existir e se transformar em pesquisa real. Foram feitas várias visitas ao Povoado Lavandeira, com a finalidade de rever o local e a comunidade e encontrar meu objeto de pesquisa. Os trabalhos de coleta de dados se iniciaram durante estas visitas em 2020 e desencadearam na necessidade apontada durante as etapas de pesquisa nos anos seguintes, quando ocorreu a prospecção oral e, desta pesquisa, resultaram na entrevista de 23 participantes que atenderam à minha solicitação de responderem a um questionário - composto por 10 questões - onde identificamos, em cada fala

registrada, muitas informações. Estas falas foram fundamentais para iniciar a pesquisa de campo e a prospecção das áreas.

As primeiras informações apontadas foram em torno dos locais da fazenda onde nunca se planta e que, segundo os entrevistados, nelas estão contidas as marcas da guerra Lavadeira, sendo representativas do ápice da destruição do local durante o conflito armado e que marca a paisagem estudada. No local, os informantes afirmaram nunca ter havido plantio da monocultura de mamão, atividade do agronegócio em exercício há décadas na fazenda.

Figura 35 - Foto Medição das áreas estudadas - medidas do campo de pouso até o rio



Fonte: Gilson Silva (2022).

Durante o percurso em campo, conhecemos a área de plantio, entradas da fazenda, acessos pela BA, pelas duas estradas vicinais que atravessam o Povoado Lavandeira, as áreas de irrigação, de moradia, depósitos e galpões, cantina, pivô central, área de máquinas, curral, sede, porto e os locais identificados como marcos do conflito da Lavandeira, a exemplo dos lugares apontados como a provável localização da antiga vila, do cemitério, das áreas de moradia, campo de pouso, sedes da fazenda e casa da festa. Realizamos várias expedições ao local a fim de localizar marcas de ocupação na superfície ou estruturas arquitetônicas evidentes que apontassem fontes materiais. Não foi possível encontrar marcas ou evidências na camada superficial do terreno, embora as informações e a documentação apontem o ocorrido.

Desde os primeiros contatos com a comunidade, ficou evidente a valoração pelo território e os fatos não ditos da guerra, envolvendo muitas marcas e sentimentos diversos, pois o patrimônio local escolhido para estudo representa valores sentimentais para muitos dos envolvidos na pesquisa. Os esforços para juntar as informações sobre o fenômeno da guerra da Lavandeira e o levantamento de dados para a sua caracterização.

A pesquisa de campo e a análise espacial e paisagística das instalações referentes ao Povoado e do Porto da Lavandeira no contexto do fim do século XIX na Bacia do Corrente permitiu a identificação de áreas potenciais de registro arqueológico, reforçando a existência de elementos vestigiais no Povoado Lavandeira, muitos deles guardados como simbólicos para a constituição das identidades locais e pontos de realização de ritos comunitários.

Ressaltamos que durante as primeiras reflexões, à medida que nos foram apresentados os aportes teóricos como subsídios que poderiam ser utilizados como instrumentalizadores da escrita acadêmica da pesquisa em curso, foi possível ir lincando muitas categorias apresentadas e sentindo a ausência de similaridade do tema com os conteúdos apreendidos. Deste modo, para compreender a Lavandeira, porque o local era disputado, o que representam as ruínas, o motivo de sua instalação, suas representações sociais e as razões da destruição é preciso entender como se formaram as ideias de patrimônio local e suas dinâmicas.

A problemática da situação aparente em que se encontram as áreas onde ocorreu a Guerra Lavandeira - e guarda memórias de um passado distante - nos impulsionou a elaborar ações com intencionalidade de sensibilização para a

preservação da localidade. Algumas estratégias para a proteção desse patrimônio foram traçadas a partir da pesquisa em campo e foram marcadas por ações de diálogo com o poder municipal e proprietários. Iniciado o diálogo desde a solicitação para realizar as visitas, pela apresentação do projeto de pesquisa aos proprietários e ao prefeito municipal onde foi proposta a discussão em caráter público na Conferência Municipal de Cultura de Santa Maria da Vitória que ocorreu no mês de novembro de 2023.

O diálogo também tem o interesse de participação da Associação de Moradores da Lavandeira, cujos membros acompanharam as pesquisas realizadas em campo. O município demonstrou interesse na pesquisa e pretendemos dar continuidade, a partir da aquisição de recursos para uma campanha arqueológica na área num futuro próximo, a fim de localizar os dados dos vestígios existentes da Guerra da Lavandeira. Nosso Entrevistado G nos diz:

A tragédia aqui foi o “barulho” que destruiu tudo nesta vila e ficamos sem nada de venda. Meus bisavôs diziam que toda população fazia suas coisas para vender aqui em troca de sal, jabá e outras coisas. A parte do comércio era onde tem a sede e o campo de avião.

Dando sequência a aplicação do questionário e buscando vestígios de locais que poderiam comprovar a existência de atividades comerciais da Vila e demais atividades exercidas pelas populações passadas, a grande maioria dos participantes das entrevistas apontou como respostas no questionário que o centro da vila era no antigo curral e no centro do local onde está instalado o campo de avião que existiam alicerces de pedra, que hoje não se veem mais, em razão da destruição da Vila no conflito, pelo abandono da área e pelo uso de muitos maquinários para plantar roça, se tornando o local numa “terra que todo dia chega dono novo e planta e remexe tudo e ninguém daqui gosta porque lá não fica ninguém”. Entrevistado J1

Como não foi possível encontrar dados com referencial científico ou estudos sobre o conflito, nossa pesquisa ganhou caráter de pioneirismo e isso também dificultou o prosseguimento do trabalho de campo, pois isso demandou mais viagens a campo e, na realidade pandêmica do Covid19, a mudança de donos da fazenda e a dificuldade de acesso com os novos donos, que não vivem na região, além do excesso de chuvas que dificultou o acesso ao local. Apesar das dificuldades, o desejo de buscar as informações e perceber os impactos da guerra nos movia ainda mais a ser

resilientes na pesquisa. Dessa forma, as idas a campo foram adicionadas dos contextos histórico e cultural para compreender o povoado e seu conflito.

Evidenciamos que a descrição do nosso objeto de pesquisa apresenta a possibilidade de apreensão da pesquisadora acerca da investigação realizada, destacando que a análise dos dados recolhidos em campo e fora dele e pretender ilustrar de forma detalhada a paisagem em questão.

A passagem dos naturalistas por esta região aponta a existência de mineração. Transações comerciais entre a cidade de Nossa Senhora do Livramento e o Vale do Corrente (Perfeito, 2012). Muitos escritores incluem a região em local de lavras de minérios e salitre. No entanto, não localizamos na área sinal de sua existência. Nossa busca por qualificar e quantificar as evidências arqueológicas da guerra da Lavadeira na busca de sua materialidade, com os questionamentos feitos e com o ordenamento da cultura material que o povoado pudesse apresentar não pôde ser notada numa simples prospecção.

O conceito de lugar de Pasqualino Romano Magnavita, que discute as conceituações de lugar enquanto sentidos que acompanham o tema e suas significações, apontam que nos discursos arquitetônicos se compreendeu lugar como noção de espaço filosófico que visualize o espaço construído, a fisicalidade da representação também ganha caráter psicológico quando como duração, relacionando lugar com memória e com a questão patrimonial dos bens culturais, artística e historicamente, destacando que os lugares habitados são também patrimônios e nos fazem refletir sobre as dinâmicas e os desafios que a memória impõe, além das escolhas de patrimonialização que nem sempre são acordadas.

Desse modo, as ações de patrimonialização também causam conflitos e podem ser geradores de conscientização de relações de constrangimento e uma série de outros conceitos que envolvem desigualdades sociais, colocam à mostra as carências sociais e um descompasso na valorização das práticas culturais de grupos diversos com práticas sociais diversas e que a comunidade também tem opinião acerca, muitas vezes destoantes do interesse a que serve o patrimônio preservado. O conceito de rememorar a história somente dos vitoriosos apaga as histórias dos que foram vencidos. Apontamos aqui que as existências de grupos culturais do Povoado são requisitadas nas atividades culturais da cidade, porém seus membros vivem num total desprovimento de condições de sobrevivência.

A recuperação de informações arqueológicas, com vistas no questionamento coletivo para a construção de possibilidades de construção de um trabalho de valorização do patrimônio cultural local, oferece a possibilidade de fazer esse patrimônio ser conhecido e oportunizar investigações que possam contribuir na preservação e difusão de práticas sociais que compõem a historicidade e memória local. Entender como se deram estas relações com a sociedade, com os grupos de poder e das possibilidades de incorporar estes patrimônios na dinâmica de transformação da localidade através da leitura das evidências de como agenciavam a materialidade essas populações, em suas práticas cotidianas de vivendas, templos, cemitérios e outras formas de organização de suas culturas, partindo do pressuposto que as sociedades se organizam e interagem entre espaços naturais e os seus ocupantes desses lugares.

As representações sociais observadas durante o estudo do Povoado Lavandeira indicam um panorama que elucida as razões da ocupação, quem foram as pessoas que compuseram aquele lugar, de onde vieram e porque se instalaram naquela paisagem ribeirinha, interligadas ao imaginário popular como porto e vila comercial nos idos do século XIX e oferece elementos físicos e documentais para apoiar a produção do conhecimento científico perseguido, através da análise e do ordenamento desses dados, com base na bibliografia e na escuta fornece informações sobre a ocupação e atividades realizadas, que poderão vir a ser sistematicamente estudadas numa campanha arqueológica num futuro próximo.

É fundamental o prosseguimento da pesquisa e a elaboração do registro arqueológico do local, entendendo aqui o registro arqueológico como elemento catalisado na Arqueologia da Paisagem e fator determinante para a caracterização e definição dos contextos, da matriz espacial que nossa investigação arqueológica busca sistematizar.

Nosso plano de trabalho ocorreu de acordo com o direcionamento que as análises metodológicas apontavam maior segurança para sua exequibilidade durante o percurso. Ele atendeu várias fases. Inicialmente, realizamos o reconhecimento da área e seus usos e relação com a paisagem. Realizamos caminhamentos de áreas selecionadas, aferimos as coordenadas geográficas e a registramos através da UTM para garantir sua localização em futuras expedições. Nosso registro geográfico foi registrado em cada etapa em campo. Nossas pesquisas tiveram, nesta etapa, o auxílio de aparelhos celular e câmera digital para a captura de imagem.

A etapa seguinte em campo foi a realização de desenhos e croquis rapidamente traçados para entender a estrutura das paisagens observadas e estudá-las ao retornar com o material para o gabinete de pesquisa. Não foi possível, em nenhuma etapa da pesquisa realizar as visitas de campo com apoio presencial da orientadora da pesquisa, em razão do contexto pandêmico da COVID19. Dessa forma, em modo remoto, todo o acompanhamento foi se dando a distância com todas as implicações que o fato foi determinando.

Figura 36 - Foto Porto Lavandeira – setembro 2023



Fonte: Gilson Silva (2022).

#### 4 RESULTADOS DA PESQUISA

Apresentamos nosso percurso em distâncias diversas, contadas a partir de viagens de barco, pelo curso do rio, pela estrada vicinal de acesso ao Povoado Lavandeira, pela estrada vicinal no município de São Félix do Coribe e pela rodovia, no Km 9, da BA 172, no município de Santa Maria da Vitória. Após a entrada à direita, numa distância de 14km da cidade de Santa Maria da Vitória, se localiza o Povoado Lavandeira. A chegada na entrada está distante 4km da segunda entrada à estrada vicinal que atravessa o Povoado, oriunda dos municípios de São Félix e Santa Maria da Vitória.

Figura 37 - Foto da Casa da entrada principal da fazenda Lavandeira – BA 242 – KM 9



Fonte: Gilson Silva (2021).

Figura 38 - Foto da Casa da entrada principal da fazenda Lavandeira



Fonte: Acervo da Autora (2021).

Até dezembro de 2022 existia essa casa na entrada principal da fazenda, onde não morava mais ninguém e no passado servira de moradia para a administração da área. A casa foi demolida e está em construção outra edificação, localizada aproximadamente a 500m da entrada central pela estrada vicinal. A antiga casa era erguida com ferragem e cimento, tijolos e telhas das cerâmicas do vizinho Povoado Cuscuzeiro.

Figura 39 - Foto Construção de nova casa distante 500 m da casa anterior demolida – setembro 2023



Fonte: Acervo da Autora (2023).

Figura 40 - Vista do local da antiga casa da entrada principal e da casa em construção – 2023



Fonte: Acervo da Autora (2023).

Figura 41 - Estrada vicinal de acesso à fazenda Lavandeira - BA 242 – KM 10



Fonte: Acervo da Autora (2023).

Figura 42 - Estrada vicinal – acesso para o Povoado Cuscuzeiro - BA 242 – KM 8



Fonte: Acervo da Autora (2023).

Figura 43 - Estrada vicinal – acesso à antiga Vila - BA 242 – KM 9



Fone: Gilson Silva (2022).

Figura 44 - Entrada principal da antiga vila de trabalhadores – BA 242 – KM 9



Fonte: acervo da Autora (2021).

Figura 45 - Entrada principal da antiga vila de trabalhadores – BA 242 – KM 9



Fonte: Acervo da Autora (2022).

A partir da estrada vicinal, é possível se chegar ao galpão antigo, numa distância da cidade, contada a partir da sede, via rodovia, de 18km. O galpão, medindo 1000mx500m e faz parte do conjunto de casas que conformam a antiga vila de trabalhadores da fazenda, possuindo uma área de 3x1km.

Figura 46 - Vista da antiga vila de trabalhadores - BA 242 – KM 9



Fonte: Acervo da Autora (2021).

Figura 47 - Vista frontal do galpão e entrada da Vila de trabalhadores



Fonte: Acervo da Autora (2021).

Figura 48 - Vista lateral do galpão



Fonte: acervo da Autora (2022).

Figura 49 - Vista frontal do galpão localizado na vila de trabalhadores



Fonte: Acervo da Autora (2022).

Figura 50 - Foto Cantina e área central dos pivôs - BA 242 – KM 12



Fonte: Acervo da Autora (2022).

Numa estrada vicinal transversal a estrada advinda de São Félix, é possível acessar a rodovia, pela entrada privativa central da fazenda. Por essa via estão os acessos aos pivôs, áreas irrigadas, cantina, central de máquinas, reservatório de água para os pivôs e motores de distribuição, além de local de trabalho do atual gerente, Sr. Aesley.

Figura 51 - Foto cantina e área central dos pivôs



Fonte: Acervo da Autora (2022).

As informações recebidas pelos trabalhadores que moram no local é de que os proprietários atuais da fazenda: Valternam Andrade, João Luiz Baia e Maxezan de Oliveira, moradores do estado do Espírito Santo, administram atualmente a empresa Frutas Futuro, com sede no município de São Félix do Coribe-BA e que estão em ampliação da fazenda e da área de irrigação, adquirindo outros terrenos e realizando um crescimento nunca visto. Seus pivôs em funcionamento agora ultrapassam o número de 3 ativos para 8, 5 deles em estágio de canalização através do sistema de irrigação em instalação.

Figura 52 - Início da área do campo de pouso, terminando na cerca limite da fazenda - BA 242 – KM 9



Fonte: Acervo da Autora (2023).

A área observada logo após a vila de trabalhadores é campo de pouso, com uma área 2x1km, desativado e ocupa parte da área central do Povoado, sem uso para plantio e/ou outra atividade agrícola. Próximo ao campo, está localizado à esquerda, na margem do rio Corrente, o curral e pequena casa, uma única edificação que não marcava a única edificação que não foi demolida nesta parte da fazenda.

Figura 53 - Foto Casa no centro da Vila Lavandeira – 5 m de frente 4m lateral – 3.5m altura – tijolo e telha de cerâmica – dezembro de 2022 – apontada como local da sede destruído no conflito



Fonte: Acervo da Autora (2022).

Figura 54 - Casa existente no centro da Vila Lavandeira – 5 m de frente 4m lateral – 3.5m altura – tijolo e telha de cerâmica – Dezembro de 2022 – apontada como local da sede destruído no conflito



Fonte: Acervo da Autora (2022).

Figura 55 - Foto do Local do Lenheiro do vapor



Fonte: Acervo da Autora (2022).

Figura 56 - Foto antigo do Lenheiro do vapor



Fonte: Acervo da Autora (2022).

Figura 57 - Foto de Poste localizado no local da Casa existente no centro da Vila Lavandeira apontada como local da primeira sede - destruída no conflito



Fonte: Acervo da Autora (2022).

Figura 58 - Edificações à mostra da casa derrubada - apontada como local da primeira sede destruído no conflito – setembro de 2023



Fonte: Acervo da Autora (2023).

A casa tem 5 m de frente, 4 m de lateral e 3,5m de altura, apresenta uma estrutura em tijolos fabricados na Cerâmica Cuscuzeiro e telhas de cerâmica da mesma localidade. Foi apontada como uma construção realizada nos anos 1950 e descrita como edificação construída sobre a área de comércio e centro do local da sede destruído no conflito.

Figura 59 - Foto Sede atual da fazenda Lavandeira



Fonte: Acervo da Autora (2022).

Figura 60 - Vista aérea da Sede atual fazenda Lavandeira



Fonte: Google Earth(2023)

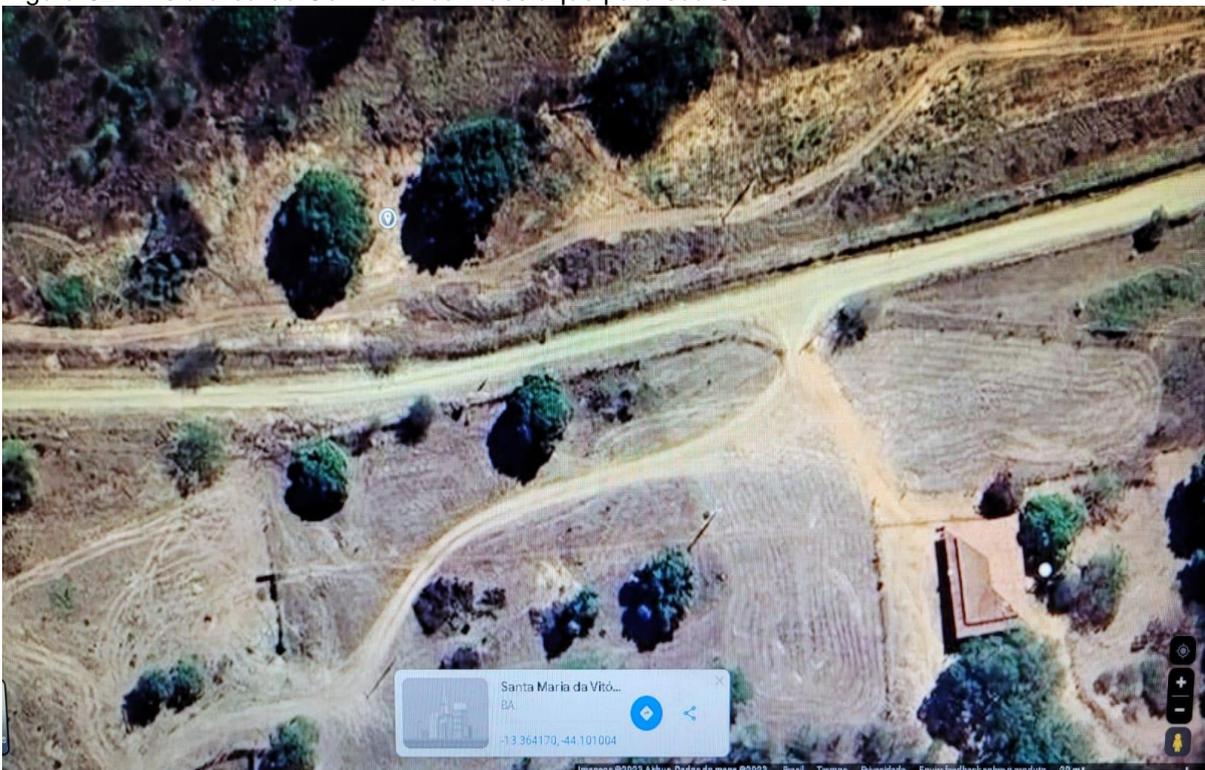
Em frente à casa está localizado o curral de 50 metros quadrados, utilizado para a criação de gado em atividades anteriores. Atualmente o curral está em desuso e a fazenda está sem nenhum uso e a criação de gado mudou de local, em razão da mudança de gerência e proprietários do local.

Figura 61 - Fotografia Curral da fazenda



Fonte: Acervo da Autora (2023).

Figura 62 - Vista área do Cemitério com destaque para sua UTM



Fonte: Google Earth(2023)

A casa sede atual mede 18.6m de frente por 13.6m de lateral, onde vive um administrador chamado Leonardo com esposa e filhos há 2 anos trabalhando no local. A casa está situada a 50 metros distante do rio e 500 da vila de casas, que tem restos de construção ao longo de 1,5km.

Saindo da sede para a estrada vicinal que passa à sua frente, os entrevistados identificam como a localização do cemitério antigo, a 400m da sede atual em uso, uma área com medidas aproximadas de 500m de frente por 2km de lateral, sem evidências de sua existência na camada superficial observada.

Figura 63 - Local apontado como o cemitério



Fonte: Acervo da Autora (2022).

Figura 64 - Foto detalhe da cerca do local apontado como o cemitério



Fonte: Acervo da Autora (2022).

Distante 2km do cemitério está localizada a construção em ruína, local onde funcionou a segunda sede da fazenda após a demolição da vila no século XIX. A casa está abandonada e quase caindo, já não possui telhado e algumas paredes caíram.

Figura 65 - Foto da 3ª sede da fazenda – ruína



Fonte: Acervo da Autora (2022).

Figura 66 - Foto aérea da Lavandeira, em destaque a ruína da segunda sede dos anos 70



Fonte: Google Earth(2023)

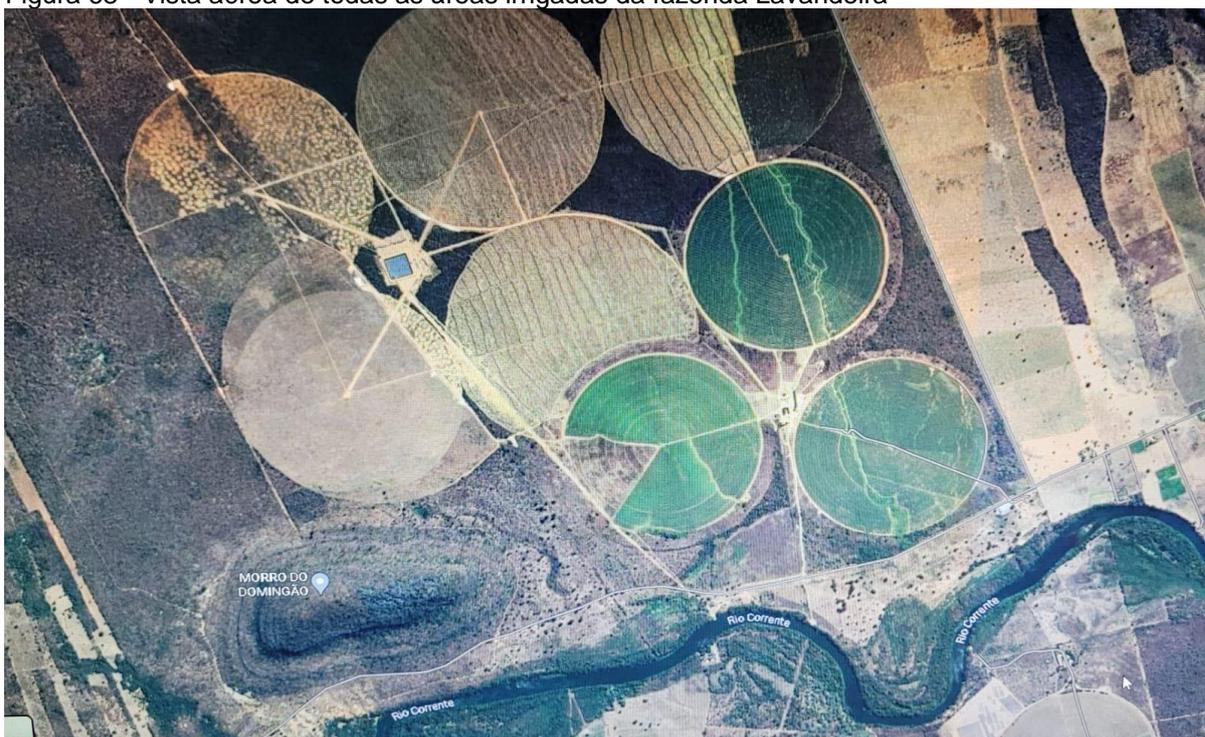
Figura 67 - Foto Ruína 2ª sede – vista dos fundos



Fonte: Acervo da Autora (2022).

Foi palco também de conflito armado pela disputa da terra, em período superior ao estudado por esta pesquisa. A ruína tem medidas de 18m×16m, está localizada em local alto e próximo ao rio. Ao lado dela está instalado o antigo local de depósito de água para irrigação e caixa de máquina e motor. O sistema está desativado e o pivô central retira água por outro local e um sistema mais moderno de alta vazão.

Figura 68 - Vista aérea de todas as áreas irrigadas da fazenda Lavandeira



Fonte: Google Earth<sup>8</sup>(2023)

Figura 69 - Tubo do Sistema de irrigação antigo



Fonte: Acervo da Autora (2022).

---

<sup>8</sup> Disponível em:  
<<https://www.google.com/maps/place/13%C2%B022'04.6%22S+44%C2%B006'43.5%22W/@-13.36795,-44.112074,17z/data=!3m1!4b1!4m4!3m3!8m2!3d-13.36795!4d-44.112074?entry=ttu>>.  
Acesso em: set. 2023.

Figura 70 - Foto antiga Caixa de água e casa do motor antigo – 50 mil litros



Fonte: Acervo da Autora (2022).

Figura 71 - Foto Reservatórios de água dos pivôs – setembro 2023



Fonte: Acervo da Autora (2023).

Durante a pesquisa, pouco foi possível obter de informação através do contato com os proprietários, apesar de eles terem liberado a entrada para a pesquisa e os

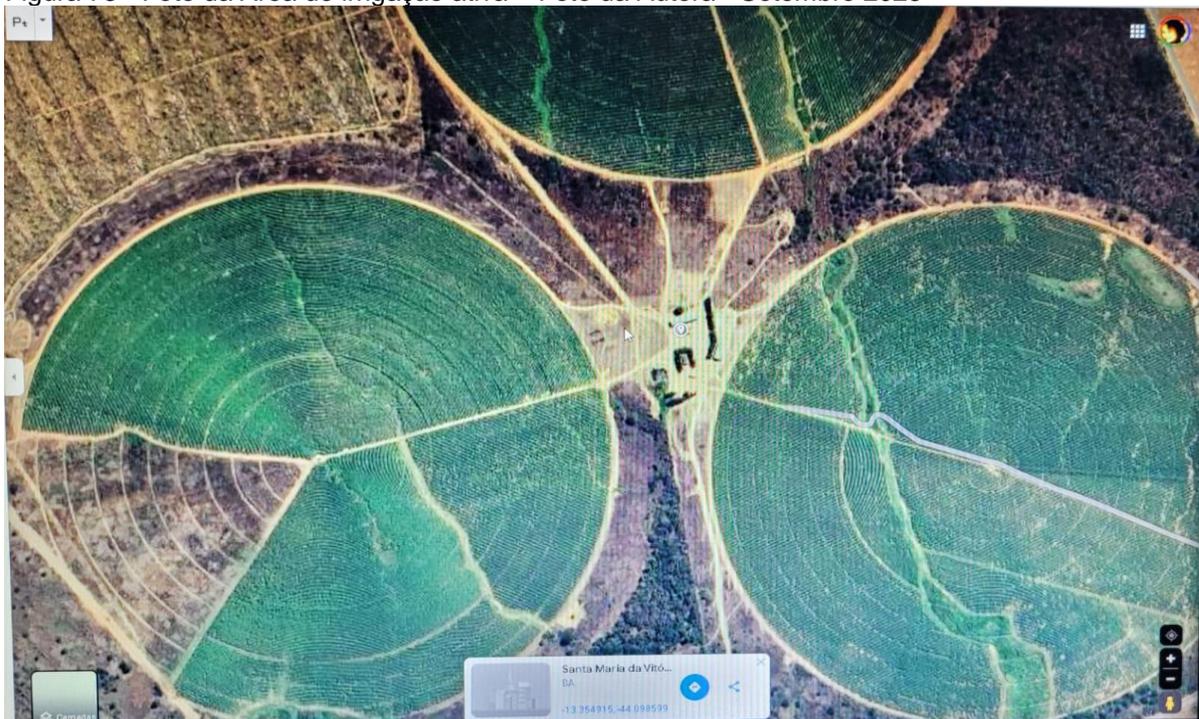
próprios colaborarem com informações orais; ainda assim, não foi possível acessar as plantas, documentos da fazenda etc.

Figura 72 - Foto Pivô central em funcionamento



Fonte: Acervo da Autora (2021).

Figura 73 - Foto da Área de irrigação ativa – Foto da Autora - Setembro 2023



Fonte: Acervo da Autora (2023).

Marcamos este ponto no centro da área irrigada, localizado em nova área de plantio irrigado, nas coordenadas 13°21'17.0"S 44°05'54.9"W, área que usamos como inícios das linhas de caminhamento, partindo do pressuposto de que em toda a área beira-rio está concentrado o espaço de ocupações dos sujeitos partícipes da Guerra da Lavandeira. O trabalho ocorreu com a participação de trabalhadores e moradores, além do referencial e do esforço para localizar documentação da fazenda. Ressaltamos que, com a criação do novo sistema de irrigação, ocorreu a transformação da fazenda numa "área de supressão de vegetação nativa e manejo de fauna", conforme sua nova placa inserida na entrada principal da fazenda, ao lado da placa anterior de identificação da Fazenda Lavandeira, ainda não retirada. No local da antiga placa havia uma casa antiga, que foi demolida em inícios do ano de 2023 e, distante 500m dela, está sendo construída outra casa.

Toda a dinâmica de preservação da área agora corre risco de desaparecer. A estrutura de irrigação atravessa proximidades da área de localização do cemitério. O local onde se instalou o antigo porto, agora está coberto pela gigantesca estrutura de retirada de água para o pivô central, ocupando a margem do rio completamente. As áreas de comércio, até então intactas em suas camadas subterrâneas, estão atravessadas por grandes tubos de alumínio que realizam o transporte da água para os pivôs de irrigação da monocultura do mamão da fazenda Triunfo, que chega até o Povoado Cuscuzeiro, fazendo limites com o município vizinho de Santana.

O patrimônio e a memória existentes no Povoado Lavandeira correm sérios riscos de não poder serem preservados se não houver sensibilização urgente para um trabalho de preservação e pesquisa da guerra da Lavandeira e de suas implicações para suas populações.

Figura 74 - Foto Cantina e área central dos pivôs



Fonte: Acervo da Autora (2021).

Figura 75 - Foto Porto Lavandeira



Fonte: Acervo da Autora (2021).Foto Porto Lavandeira

Figura 76 - Foto Porto Lavandeira – 500m dezembro 2022



Fonte: Acervo da Autora (2022).

Figura 77 - Foto Porto Lavandeira



Fonte: Acervo da Autora (2022).

Figura 78 - Foto Porto Lavandeira



Fonte: Acervo da Autora (2023).

Figura 79 - Foto Sistema de irrigação em construção



Fonte: Acervo da Autora (2023).

Figura 80 - Foto Pivô central em funcionamento



Fonte: Acervo da Autora (2023).

Figura 81 - Foto Sistema de irrigação em construção



Fonte: Acervo da Autora (2023).

Figura 82 - Foto Sistema de irrigação em construção



Fonte: Acervo da Autora (2023).

As marcas na paisagem Lavandeira têm suas características temporais em fins do século XIX e persistem sua caracterização simbólica, cercada de significados. O Entrevistado Q colaborou com nosso questionário e pôde demonstrar os locais onde conheceu algumas estruturas da antiga Vila Lavandeira:

Conheci já com D. Catu e muitos marcos de estrutura das vendas, em torno do vapor e do cruzeiro do cemitério. Sempre soube que aqui era o porto e que as embarcações eram abastecidas as suas caldeiras na beira do rio, utilizando muitos lugares como lenheiro onde se juntava madeira para abastecer a caldeira do vapor. Muita estrutura das casas tem aqui. Fica no centro do campo de avião, na beira do rio tinha muita casa, ao lado do curral até a estrada ao lado do cemitério, tudo era comércio.

Num contexto de conflito e da atual atividade agroexportadora realizada no local, não havendo aparências para sequência da pesquisa somente no campo da prospecção humana e do terreno, em sua camada superficial. As informações da maioria dos participantes que responderam ao questionário, moradores, trabalhadores da fazenda, produtores de fruticultura e agricultores em geral, apontam como o Entrevistado A: “Morei na Lavandeira e para todo lado tinha marca de alicerce de casa antiga, cemitério que os ossos desciam rio abaixo e as ruínas”. Questionados sobre a razão de não haver marcas aparentes de um fato que causa inquietações a tanta gente, o Entrevistado B apresenta seu depoimento: “Também tinham muitos alicerces na beira do rio e não tem mais, foi arrancado de trator, conheci o local de ancorar o vapor, mas foi cortado”. Buscamos entender porque o assunto causa desconforto em alguns participantes. Muito silêncio e, em alguns momentos, foi possível entender o porquê de não se ver nada da destruição da Vila, interpretando as falas dos entrevistados: “essa área não se fala nada, mas sempre foi orientado para esconder as coisas do comércio antigo”.

Nossa atribuição, desde os primórdios da pesquisa, foi a construção de uma base teórico-metodológica para discutir o tema, apresentar o estado da arte do Povoado Lavandeira e apontar áreas de realização de um possível registro arqueológico. Como resultado do levantamento de suas possíveis áreas com potencial para o registro arqueológico, destacamos que todas as áreas estudadas que compõem o contexto à beira do Porto Lavandeira apontam caminhos para maior estudo. As consideráveis contribuições da historiografia, das prospecções e também das entrevistas realizadas não apontam as materialidades anunciadas e as suas estruturas num percurso sem intervenção. Acompanhando nosso percurso, acrescenta que na área muita terra foi jogada, arrastado de trator: “O Porto e a Vila por muito tempo se via as ruínas, mas foram destruídas”, declarou o Entrevistado C.

O Entrevistado E, morador do Povoado Lavandeira, acompanhou nossas visitas por várias vezes, sempre querendo saber mais. Afirma que conheceu uma senhora que pesquisou no cemitério e levou consigo ossos que estavam espalhados pelo caminho. Nos diz: “Reconheço a Vila desde os anos 60, sempre em mudança de proprietários e plantando monocultura, criando gado e contratando quantidade de gente”. Perguntamos se sabia informar quem era a pesquisadora, ele não soube dizer. Tempos depois, a mulher foi citada novamente em outra entrevista: “A mulher de Juvêncio descobriu o cemitério antigamente e viu muitos corpos atrás da cerca da

estrada”, porém nada foi encontrado acerca de sua incursão no cemitério da Lavandeira. Nosso entrevistado E continua:

Havia ruínas à vista na área onde está a sede, marcos de bala, mas as estruturas foram destruídas e se fez novas sedes. Guardo apenas a memória. Apenas a memória, as pessoas sabem onde fica o lenheiro, o porto, a vila, o curral, o coro de fotos. Aqui é terra de exportar uma coisa só. Uma fazenda que se ocupava da monocultura e pecuária, cujos donos são de outros estados e contrata trabalhadores do local. Os perdedores dessa mudança são as famílias que eram proprietárias e tiveram seus modos de vida destruídos.

Os impactos que, desde a década de 1970 século passado, a mecanização da agricultura tem gerado no Oeste da Bahia são imensos na microrregião dos chapadões do rio Corrente e abrange uma área de 22.890 km e o centro mais importante para onde converge as principais atividades econômicas e de prestação de serviços é a cidade de Santa Maria da Vitória. A região foi motivo de chegada de muitas pessoas em busca de terras sem dono. Seus recursos naturais são bons condicionantes e potencial agroclimático atraem produtores e fazendeiros de muitas regiões do País. Dispõe de solos aptos para a agricultura e se produz, a partir da precipitação média anual de 800<sup>a</sup> 1.200mm, em seu período chuvoso localizado entre os meses de novembro a janeiro, além do potencial hidrográfico composto por muitos rios, sendo o Corrente o principal deles e afluente do rio São Francisco. Manteve a dinâmica do comércio circulante por via fluvial e relações comerciais com muitos centros urbanos desde a sua formação, além de a sua ocupação econômica inicial ter ocorrido a partir das descobertas de ouro nas imediações do rio das Éguas, ou rio Rico. Era habitada a região, segundo relatos do sertanista Francisco José Teixeira e para a região foram atraídos pelas ricas jazidas de ouro garimpeiros oriundos de Minas Gerais, Lençóis e Goiás. Com a decadência das lavras, a região perdeu a característica de divisão social do trabalho que o garimpo lhe impingiu e ficou esquecida.

Os antigos lavristas se transformaram em agricultores que, a partir do uso da terra, à época tinha poucos proprietários e baixo valor econômico, começam a produzir a agricultura tradicional dentro e fora das terras tituladas, seja atuando como meeiros, ou seja para os latifundiários da região. Assim se estabeleceram muitas posses da terra e nela se produziu para garantir a sobrevivência no povoado Lavandeira. O Entrevistado U relembra: “Dizem que aqui era comércio grande, lugar

que remeiro deixava dinheiro e dançava a noite toda, trazia mercadoria para vender e comprava fumo, rapadura, milho, lenha dos povos daqui. Hoje o ambiente da Lavandeira não atende as necessidades de quem mora aqui”.

O Entrevistado V acrescenta que os interesses de produção atendem a uma demanda do agronegócio: “Sempre tem donos novos e se planta com muita gente que vem de fora, mora na casa ao lado do galpão ou vão embora de ônibus. O dono quem tem todos trabalhando para eles”. A produção foi entregue aos fazendeiros e, pequena parte dela, aos arrendatários e meeiros que produziam para sobreviver e o excedente ia para a comercialização realizada a partir das embarcações que circulavam pelo vale do São Francisco.

As inferências realizadas a partir do conceito de paisagem ampliaram a visão conceitual do Povoado Lavandeira e nos permitiu observar suas características principais, destacando que a produção agrícola foi a forma de inserção do Povoado na economia local. Além de perceber os impactos de um tempo de fartura e onde o Porto movimentava a economia local. É o Entrevistado O que nos informa acerca de um fato envolvendo um incêndio numa fazenda da Lavandeira: “A fazenda de Balbino foi incendiada pela caldeira do vapor e cobrou da Marinha o prejuízo, pai da filha de Zé de Juvêncio. O incêndio ocorreu durante o abastecimento da caldeira do vapor. O lenheiro da fazenda Babosa era ponto de o vapor abastecer a caldeira, daí descia para a casa da festa, na beira do rio ao lado da casa grande”, foi aí que houve o incêndio que se espalhou por dias queimando toda a fazenda.

Além de manter viva a memória do passado, os moradores alimentam causos e assombrações ligados aos barulhos da Lavandeira. É ainda o entrevistado O que afirmou numa roda de conversa na casa de que a vida no Povoado de antigamente não sai da cabeça de muitos ainda nos dias atuais e que a fartura existente com as produções de todos sendo escoada pelas embarcações a vida era alegre e os seus antepassados foram mais felizes. São comuns as afirmações acerca do modo de vida alterado:

Não sei, mas a fazenda hoje é mais isolada do que produzindo... Lugar de visagem essa estrada... muita livusia aqui. O pau do cotovelo sempre tem alguma alma penada assombrando os passantes. Esses dias meu neto chegou de Goiânia e parou o carro ao lado do pau do cotovelo, porque estava vendo um carro vermelho parado embaixo da árvore pedindo socorro. Encostou na beira da estrada e, dentre os demais passageiros, ninguém mais viu o carro que desapareceu. Outro dia foi o morador de Brasília, sobrinho de

Isabel que viu um carro no mesmo local na beira da estrada e depois desapareceu.

Nosso objeto de pesquisa ocupa uma área de boa visibilidade, à beira do antigo porto, proximidade absoluta do curso de água e meio de navegação e transporte, área plana, podendo ser vista de qualquer ponto de observação e ainda é realizada atividades comerciais de produção agrícola, agora por meio de transporte terrestre. São as feiras da região o local de comercialização. O rio navegável e as opções de várias estradas de chão, além da BA 172, que se localiza a 12 km da entrada da fazenda, facilitando que as produções da agricultura tradicional continuem sendo realizadas, à sombra da grande produção da monocultura irrigada realizada em larga escala na mesma localidade.

Nos afirmaram os entrevistados que antigamente a produção escoada pelo navio era depositada num grande galpão, cujas portas foram retiradas no pós-guerra e levadas para outra fazenda no outro lado do rio. O Entrevistado P nos conta que conheceu a fazenda com muitas ruínas e alicerces e que as casas de venda era tudo aqui onde é o campo de avião e a casa-grande da fazenda. “As partes da casa de festa, as portas e as janelas existiam do outro lado do rio na fazenda de Senhorinha de D. Maria”. Várias visitas foram realizadas à fazenda localizada na outra margem do rio Corrente, na tentativa de encontrar as citadas portas, porém, a casa identificada como o local onde estavam as portas já não existe.

A região é marcada pela concentração da posse da terra. A forma tradicional de produção tem seu formato assentado no latifúndio e na unidade camponesa, incrementada por uma pouca produção comercial ligada à pecuária, cultivo de mamona e algodão, sendo a força maior da produção a agricultura de subsistência, com base no feijão, arroz, milho, mandioca, etc.

A região, apesar de pouco interligada ao grande comércio, pois seus produtos eram produzidos para a subsistência da comunidade local, se destacou com a produção dos engenhos, produzindo cachaça e rapadura de qualidade. As condições climáticas e geológicas proporcionam grande diversidade de fauna e flora típicas do cerrado e da região de transição entre os biomas Cerrado e a Caatinga e seu ambiente natural segue favorável à produção agrícola, atividade que é ainda hoje extremamente explorada através do agronegócio em curso em toda área da fazenda, exceto nos locais onde são reconhecidos pela comunidade como a área onde se deu o conflito da Lavandeira.

A partir da expansão da fronteira agrícola ocorreu a reocupação do Além São Francisco, com apoio financeiro do estado. Como consequência, o índice de concentração de terras cresce assustadoramente e o espaço agrário é redefinido a partir de uma política agrícola nacional, que perpassa por programas como o PIN, Programa de Integração Nacional e diversas ações relacionadas ao campo, criando unidades institucionais do estado da Bahia para executar tais políticas como o Interba, Camab, etc. além de projetos do governo para ocupação do Cerrado, irrigação e reflorestamento, estando a região correntina vinculada ao movimento de expansão da fronteira agrícola há mais de 50 anos e essas transformações estão ligadas na evolução e na modernização da agricultura brasileira, alterando modos de vida e paisagens.

O levantamento de dados que esta pesquisa oferece nos põs em frente ao problema da invisibilidade da guerra da Lavandeira e reforça a necessidade de entender os grupos sociais que nela foram envolvidos, tiveram suas vidas modificadas e não se tratou dos impactos causados tanto à paisagem quanto às populações que conformaram o Povoado e a vila Lavandeira. Embora as marcas materiais do passado já não estejam visíveis, se reforça a hipótese de sua existência quando por mais de um século se mantêm as áreas onde ocorreu o conflito intocadas, apesar de disfarçadas as suas marcas e cobertas por terraplanagens sucessivas. O não uso para o plantio e/ou outras atividades foi o questionamento não respondido nas conversas informais com os diversos informantes que participaram da pesquisa. Perguntamos a razão do não uso da terra e as respostas foram sempre desviadas do tema. O Entrevistado B informa: “Morei na Lavandeira e para todo lado tinha marca de alicerce de casa antiga, cemitério que os ossos desciam rio abaixo e as ruínas”. Indagado da razão de não se ver, nem se falar sobre a destruição e sobre a guerra, afirma o Entrevistado B que “Esta área não se fala nada, mas sempre foi orientado para esconder as coisas do comércio antigo”. O morador do local: “Também tinham muitos alicerces na beira do rio e não tem mais, foi arrancado de trator. Uma vila de casas; estão encobertas por mais de um quilômetro. Conheci o local de ancorar o vapor, mas foi cortado”. Reafirma que no Porto e na Vila por muito tempo se via as ruínas, mas foram destruídas pelo plantio ao longo dos tempos.

Nosso Entrevistado H considera que o Conflito da Lavandeira “é a lembrança de uma comunidade que a guerra destruiu e não existe mais. Todos perderam, quem ganhou só foram os fazendeiros que era os donos das terras”. Ele é pedreiro e afirma

ter trabalhado construindo casas nos anos 1970, na beira do rio, próximo à sede 2 e que existem marcas de alicerces nessa lateral do rio. Muitos dos materiais dessas casas foram reutilizados em novas construções. Ele nos informa que sempre soube que:

Ao lado do porto tinha uma vila de casas, havia moedas enterradas e elas sempre eram encontradas em toda a área que hoje está o campo de pouso e na beira do rio. Onde está o campo de avião era a vila, as casas de comércio, a casa de festa e o cemitério são lugares que não podemos deixar remexer, trator quebrar. Vimos muita coisa ser enterrada aqui.

O Entrevistado J1 é um entusiasta do projeto e tem esperanças de que haja continuidade. Quer ser voluntário caso se escave a área. Ele é enfático ao afirmar que ainda que se tente esconder o que houve “Nunca some tudo, sempre aparece alguma parte quando chove muito e vi as máquinas derrubando alicerces. É um lugar que todo mundo diz que ali viveu seu avô, bisavô, o meu morreu na guerra”. Resume nosso entrevistado que o arado e o trator passam, destruindo tudo, mas a natureza reclama sua história e as materialidades são fontes de atestar ou não as transformações que o trabalho humano produziu nos ambientes naturais.

Muitas personalidades artísticas foram apontadas pelos entrevistados como frequentadoras do Povoado Lavandeira. O entrevistado Z nos informou que seu bisavô era músico e vinha de Januária receber os vapores que aqui chegavam cheios de carga. As cargas de mercadorias eram oriundas de muitos distritos circunvizinhos. Chegavam até a Lavandeira em carros de bois e eram distribuídas desde o curral das éguas, onde é a segunda sede, construção que a comunidade afirma que foi destruída na guerra com Dr. Paulo Sobral, na década de 1970 até o Porto. No porto era forte o comércio de rapadura e para lá chegava gente para comercializar todo tipo de produção agropecuária e despachava no vapor. Nos afirma:

O lenheiro da fazenda do pai de Edezio, onde se pagava por metro quadrado, os carros de boi entupido de madeira que chegava de toda região, e fazia contrato de compra de lenha para abastecer a caldeira do vapor. Os carros de bois distribuíam as mercadorias para os depósitos de Joaquim Bodeiro, Mario Campos, Joaquim Lisboa na cidade e em Açudina e Santo Antônio

O desuso e o esquecimento andam juntos e não há facilidade para falar mais profundamente sobre tal assunto. Segue o depoimento do Entrevistado B,

Meu avô comprou a terra, era abandonada e a destruição por bala aparecia em todo lado. Os participantes do barulho foram para o outro lado do rio. A minha avó dizia que aqui a fartura era grande, sempre vinha gente falando da guerra, meu marido já deu entrevista para jornalista, mas nunca vi essas fotos e nem documentos das entrevistas. Aqui é lugar de guerra, muita violência, tirou as pessoas daqui... muita morte, muitos se jogaram no rio, outros desapareceram e fugiram para não morrer.

É como “Uma fazenda que guarda a tristeza de ser o lugar que nossos antepassados foram expulsos, sem nunca mais voltar ao lugar” que nosso Entrevistado T se refere ao que significa o Povoado Lavadeira e espera que a pesquisa seja caminho de dar visibilidade ao conflito. O Entrevistado A acrescenta a discussão que essa trama tem muita participação de poderosos locais

A mando dos Affonsos, fundadores de Santa Maria, jagunços invadiram a Lavadeira e destruíram praticamente tudo. Na sequência o Cel. Severiano Magalhães foi, com seus jagunços, se solidarizar com o povo da Vila. Os coronéis de Santa Maria, que retomaram a hegemonia econômica do Vale do Rio Corrente são os vencedores e é quem tem monumentos espalhados pela cidade como benfeitores da região.

Figura 83 - Vista aérea de detalhes sistema de irrigação em construção



Fonte: Google Earth (2023).

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tudo quanto é de lugar embaixo dessa sede nova, tem estrutura antiga da vila, basta olhar direitinho. Todos perderam, mas como não há o comércio e as pessoas fugiram e nunca mais poderiam voltar, sigo procurando meus antepassados. Entrevistado P – Lavandeira 2021

Durante os últimos anos, muitas pesquisas foram sendo desenvolvidas acerca da Arqueologia pré-histórica na Bahia e também no Território de Identidade Cultural da Bacia do Rio Corrente. As referidas pesquisas nos apontam uma sequência de estudos acerca das ocupações pré-coloniais na região. Porém, se mantém enorme a lacuna acerca de pesquisas no tocante à Arqueologia Histórica.

Identificados seus principais equipamentos de produção, como lenheiros, roças, áreas de residência e comércio até os dias atuais, através da análise dos artefatos presentes e que evocam inferências da ocupação do local. Buscamos aproximar o povoado da discussão do patrimônio cultural, pois compreendemos que as contribuições das narrativas daquelas populações e a cultura material local forneceram elementos para a caracterização e identificação de identidades coletivas, contribuindo para elucidar os fatos que envolvem o fenômeno conflituoso ocorrido na Lavandeira. Nossa contribuição com a produção de material teórico inicial para futuras consultas e complementações científicas apoiarão novas etapas do trabalho, além de estimular sentimento de pertença ao local, como se afirmou em nossos questionários e durante todo o percurso da pesquisa.

A proposta de zoneamento do Povoado Lavandeira, porto e vila que fizeram parte do caminho da navegação do rio São Francisco, está caracterizada pelas nuances que perpassam o Rio-Estrada no sertão baiano, no trabalho de investigação dos vestígios arqueológicos, no município de Santa Maria da Vitória, situado no Oeste Baiano, onde está localizado o distrito denominado Povoado Lavandeira, sob as coordenadas geográficas 13°22'04.6" S e 44°06'43.5" W. Os elementos vestigiais levantados no Povoado Lavandeira apontaram suas implicações nas áreas estudadas. As áreas onde os conflitos ocorreram são conhecidas de todos os moradores. Elas são compostas pelo porto, a área da antiga Vila, cemitério, sede e campo de pouso. Há uma linha tênue entre o que se preservou e o que a comunidade sabe a respeito. A narrativa dos que perderam não tem uma historiografia oficial. A área do conflito existe e não tem outras funções mais destruidoras e há uma disputa

por dar visibilidade aos fatos. Essa disputa simboliza a vida de seus antepassados e afirmam manter intencionalmente as marcas de bala e destruição como presenças dos que tombaram durante as guerras.

Levantado o potencial arqueológico da Vila e do Povoado, abarcando suas ruínas e estruturas soterradas, as formas de distribuição da água e o uso do porto, surge a urgente necessidade de compreensão da Vila e de suas atividades ali desenvolvidas para maior entendimento das consequências do conflito ali deflagrado, sendo oportuno aprofundar o estudo de seu contexto paisagístico para realização de uma ampla análise arqueológica e registro sistemático de suas características ambientais e de suas relações com os diferentes contextos sociais, mapeando suas transformações antrópicas e humanas ocorridas na paisagem. Nossa discussão apresentada aponta a Arqueologia do Conflito e a Arqueologia da Paisagem como valiosas ferramentas onde as duas subáreas da Arqueologia estão intrinsecamente ligadas na trama da Lavandeira e apontam a necessidade de outros olhares serem atraídos para a compreensão do fenômeno da Guerra da Lavandeira.

A nova placa da fazenda anuncia ter aprovação, através do processo nº 2019.001.007084/INEMA/com identificação de licenciamento ambiental nº 07084, portaria nº 25.805, de 11 de abril de 2022, na área total de 440 km foi autorizada a realizar a monocultura. A fazenda Lavandeira agora é identificada como Fazenda Triunfo. Aos trabalhadores e comunidade se alarga a necessidade de dar visibilidade aos impactos que a guerra causou e buscar formas de envolver os governantes em ações que deem visibilidade e escutem aos que preservam a memória de um fato que modificou completamente a paisagem do povoado e de seus moradores; até hoje não houve nenhuma ação para amenizar as dores causadas pela Delenda Lavandeira, conflito esquecido na historiografia, porém ainda aberto em cicatrizes gritantes e sem diálogo com os latifundiários que ocuparam as terras, modificando seus modos de vida.

Nossa planta que conforma as quatro linhas do caminhamento foi em quatro etapas. A prospecção da linha 1, teve como ponto de o centro da vila e usamos a sede da fazenda como ponto de referência, chegando até o rio, em caminhamento de linha reta no total de 500 metros. Linha 2, nosso ponto de partida saída também utilizou o centro e a sede, perfazendo a observação da área até a estrada vicinal, no total de 400 metros. O campo de pouso foi o local onde se realizou a prospecção. Observamos

o terreno num percurso de 700 metros, iniciando o caminhamento a partir da sede e tendo o centro da antiga vila como ponte de referência também na linha 3.

Para realizar a prospecção da linha 4, saímos como ponto de referência a área de início da irrigação, em direção ao curral e ao porto, percorrendo uma área que totalizou 1000 metros de extensão, observando todo o percurso, atravessando a estrada vicinal no Km 9 da BR 242, a área do cemitério, passando pela área do curral, até o porto.

Esta pesquisa está buscando diálogo com o poder público municipal, com a pretensão de iniciar alguma medida de proteção do patrimônio cultural do Povoado Lavandeira e sua longa busca por dados para realizar uma proposta de zoneamento dos vestígios arqueológicos de um porto no rio-estrada, além de realizar o levantamento geral do estado da arte do fenômeno Guerra Lavandeira, aporta informações acerca do uso da paisagem e da possibilidade de destruição dos vestígios que podem existir sobre o fato no local que indescritivelmente não houve uma política de preservação, mas não houve exploração dos locais citados além da camada superficial do terreno. O fato reforça a crença popular de que estão soterrados todos os artefatos necessários para se conhecer as formas de ocupação através da análise de sua cultura material.

## REFERÊNCIAS

Andrade, J. A. S. A Salvação do Rio São Francisco por um sanfranciscano. **Oficinas Graphics d'A Luva**, Salvador, p.18-22, 1933.

Andrade Lima, T. **Arqueologia histórica no Brasil**: balanço bibliográfico (1960-1991). **Anais [...]**. Museu Paulista, História e Cultura Material (Nova série), São Paulo, v. 1, p. 225-262, 1993.

Barreto, C. **Arqueologia brasileira**: uma perspectiva histórica e comparada. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. **Anais [...]**. da I reunião Internacional de Teoria Arqueológica na América do Sul. São Paulo, v. 3, p. 201-212, 1999.

Brandão, P. R. B. Um território indiferenciado dos sertões: a geografia pretérita do oeste baiano. **Boletim Goiano de Geografia: Universidade Federal de Goiás**, , Goiás, v.29. n. 1, p.47-56, 2009.

Burke, Peter. **História e teoria social**. São Paulo: UNESP, 2002.

\_\_\_\_\_. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

\_\_\_\_\_. Teorias e métodos na arqueologia contemporânea: o contexto da arqueologia histórica. **Mneme Revista de Humanidades**, Caicó, v. 6, n. 13, p. 1-5, dez. 2004.

Caldarelli, Solange Bezerra; SANTOS, Maria do Carmo Monteiro dos. Arqueologia de contrato no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, v. 44, p. 52-73, 2000.

Carman, R. J. **Archaeologies of Conflict**. Inglaterra: Bloomsbury Publishing. 2014.

Certeau, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

Cope, S.M; Rosa, C. D. A arqueologia como uma prática interpretativa sobre o passado no presente: perspectivas teórico-metodológicas. In: **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2008.

Costa, C; Etchevarne, C. A ocupação humana do nordeste brasileiro antes da colonização portuguesa. **REVISTA USP**, São Paulo, n. 44, p. 112-141, dez./fev. 1999-2000.

Deetz, James. **In small things forgotten**: the archaeology of early american life. Nova York: Anchor Press, 1977.

Domingo, Inés; BURKE, Heater; SMITH, Claire. La búsqueda de yacimientos. In: **Manual de Campo del Arqueólogo**. Editorial Ariel. 2015.

Elias, Norbert. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

Florenzano, M. B. **Cidade e território na Grécia antiga**: organização do espaço e sociedade. Projeto Temático de Pesquisa apresentado à Fapesp, São Paulo, 2004. Disponível em: <www.mae.usp.br/labeca>. Acesso em: jul; 2023.

Freitas, Luciana S. Cultura material, prática arqueológica e gênero: um estudo de caso. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu (Org.). **Arqueologia histórica e cultura material**. Campinas, SP: UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998. p. 275-317.

Freitas, A. F. G. Oeste da Bahia: formação histórico-cultural. **Cadernos do CEAS**, Salvador, n.182. 1996.

Funari, P.; OLIVEIRA, N. A arqueologia do conflito no Brasil. In: FUNARI, P.; ZARANKIN, A.; REIS, J. (Orgs.). **Arqueologia da repressão e da resistência: América Latina na era das ditaduras (décadas de 1960-1980)**. São Paulo, Annablume, 2008, p.141-149.

Funari, Pedro Paulo A. O amadurecimento de uma Arqueologia Histórica Mundial. **Revista de História**, São Paulo, n. 135, p. 163-168, dez. 1996.

Herberts, Ana Lúcia. **Arqueologia do caminho das tropas**: estudo das estruturas viárias remanescentes entre os rios Pelotas e Canoas, SC. 2009. 538 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, 2009.

Hodder, I. Developing a reflexive method in archaeology. In: HODDER, I. (Ed.). **Towards Reflexive Method in Archaeology: the example of the Çatalhöyük**. Cambridge, McDonald Institute for Archaeological Research, 2000, p.3-15.

IBGE. **Diagnóstico da qualidade ambiental da bacia do rio São Francisco**: sub bacias do Oeste Baiano e Sobradinho/Primeira Divisão de Geociências do Nordeste. IBGE, Rio de Janeiro, 1994, p. 111.

Lima, Leilane Patrícia de. **Contribuição para a arqueologia histórica em Angra dos Reis**: as fortificações em Ponta Leste – um estudo de caso. 2008. 228 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

Lima, Tania Andrade. Arqueologia Histórica no Brasil: um balanço bibliográfico (1960-1991). **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 225-262, 1993.

Lopes, Sérgio Nunes. **O patrimônio histórico cultural e a representação simbólica**: uma reflexão sobre os limites da História e o protagonismo dos historiadores. 2009. 85 f. Monografia (Graduação) – Curso de História, Centro Universitário Univates, Lajeado, 2009.

Lino, J. T.; FUNARI, P. P. Considerações Sobre a Arqueologia da Guerra e do Conflito. Lino, J. T.; Funari, P. P. (Orgs.) **Arqueologia da Guerra e do Conflito. Erechim**: Habilis, p. 13-22, 2013.

Lino, J. T. Arqueologia da Paisagem como Enfoque Teórico para o Estudo Arqueológico da Guerra do Contestado. **Tempos Acadêmicos**, n. 25, p. 58-67, 2012a.

\_\_\_\_\_ A Cultura Material da Guerra do Contestado como Documento Histórico. **Cadernos do Ceom**, n. 25, p. 45-70, 2012b.

Machado, Neli Teresinha Galarce. **Entre guardas e casarões**: um pouco da história do interior do RS – uma perspectiva arqueológica. 2004. 255 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

Meneses, U.B. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, São Paulo, 15 (Nova Série): 103-112, 1983.

Motta, Letícia de Barros. **A tralha doméstica e o processo de urbanização de Porto Seguro**. 1998. 164 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

Najjar, Rosana. **Arqueologia histórica**: manual. Brasília: IPHAN, 2005.

Nascimento, Cláudia Bibas do. **Múltiplos olhares sobre a presença negra na Lapa – Paraná**: história e arqueologia (séculos XIX e XX). 2009. 237 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

Oliveira, Lizete Dias de; SYMANSKI, Luís Cláudio de. Arqueologia Histórica no Sul do Brasil: um breve panorama. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v. 23, n. 29, p. 259-261, jan/jun. 1999.

Orser Jr., Charles. **Introdução à Arqueologia Histórica**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992.

\_\_\_\_\_. O desafio da raça para a arqueologia histórica americana. In: FUNARI, Pedro Paulo Abreu; ORSER Jr., Charles; SCHIAVETTO, Solange Nunes de Oliveira (Orgs.). **Identities, discurso e poder**: estudos da arqueologia contemporânea. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005. p. 59-75.

Oosterbeek, Luiz. **Arqueologia, patrimônio e gestão do território**. Erechim: Habilis, 2007:128

O POSSEIRO, Santa Maria da Vitória, v.4, n 47, p. 6-7, fev. 1984.

Pena, Rodolfo F. Alves. Geomorfologia. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/geomorfologia.htm>. Acesso em: 5 nov. 2022.

Prous, A. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: UNB, 1992.

Rede, Marcelo. História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 265-282, jan./dez. 1996.

Renfrew, Colin; BAHYN, Paul. **Arqueologia**: teorias, métodos y prácticas. Ediciones Akal, S.A., Madrid, 2011.

Santos, Cristovão Bispo dos; SILVA, Cristiane Neres; VILLA, Paulo César M. C.; ROCHA, Bruno S. S. A utilização de dataloggers no projeto rimas (rede integrada de monitoramento de águas subterrâneas) no Aquífero Urucuia no oeste da Bahia. XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE ÁGUA SUBTERRÂNEA. Bonito, 2012. **Anais**

[...].XVIII Encontro Nacional de Perfuradores de Poços; VII FENÁGUA - Feira Nacional da Água, Bonito, 2012.

Schiffer, M. B. **Archaeological context and systemic context**. Tradução de Tânia Andrade Lima. Washington, 1972.

Schmitz, P.I.; BARBOSA, A.S.; RIBEIRO, M.B. **Temas da Arqueologia Brasileira 1980**: Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2015.

Senatore, María Ximena; ZARANKIN, Andrés. Leituras da sociedade moderna: cultura material, discursos e práticas. In: ZARANKIN, Andrés; SENATORE, María Ximena (Orgs.). **Arqueologia da sociedade moderna na América do Sul**. Buenos Aires: Ediciones Del Trindade, 2002. p. 5-18.

Silva, Rafael Sancho Carvalho da. **O Grande Sertão do império: tensões políticas e sociais nos sertões do Rio São Francisco (1827 – 1889)**. 2021. 311 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

Souza, Ana Cristina de. **Fábrica de pólvora e Vila Inhomirim: aspectos de dominação e resistência na paisagem em espaços domésticos (século XIX)**. 1998. 255 f. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

Souza, Rafael de Abreu. Globalização, consumo e diacronia: populações sertanejas sob ótica arqueológica. **VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v. 9, n. 2, jul./dez., 2015.

Symanski, Luís Cláudio P. A louça na pesquisa arqueológica: análises e interpretações processuais e pós-processuais. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v. 20, n. 23, p. 59-76, mar. 1996.

Trigger, Bruce G. **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

Zanettini, Paulo Eduardo. **Maloqueiros e seus palácios de barro: o cotidiano doméstico na casa bandeirista**. 2005. 424 f. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

Zarankin, Andrés. **Paredes que domesticam: arqueologia da arquitetura escolar capitalista**. Campinas: FAPESP, IFCH, Centro de História da Arte e Arqueologia, 2002.

## **APÊNDICES**



## APÊNDICE B - QUESTIONÁRIOS

Quadro 1 - Questionários

ENTREVISTADO	IDADE	SEXO	ATIVIDADE	VINCULO	OBS	TEMPO DE ENTREVISTA
A	60	M	PROFESSOR	-		1.40 min
B	90	F	AGRICULTORA	MORADORA		30 mim
C	68	M	AGRICULTOR	FUNCIONÁRIO		25 min
D	30	M	AGRICULTOR	FUNCIONÁRIO		60 min
E	67	M	AGRICULTOR	NÃO INFORMADO		90 min
F	80	M	VIZINHO	MORADOR		38 min
G	58	M	MORADOR	FUNCIONÁRIO		40 min
H	70	M	AGRICULTOR	NÃO INFORMADO		50 min
I	70	M	ADVOGADO	NÃO INFORMADO		39 min
J	67	F	AGRICULTORA	VIZINHO		40 min
K	50	M	AGRICULTOR	NÃO INFORMADO		120 min
L	37	M	AGRICULTOR	VIZINHO		2.12min
M	69	M	AGRICULTOR	VIZINHO		1.34 min
N	75	M	AGRICULTOR	VIZINHO		43 min
O	79	M	PEDREIRO	VIZINHO		60 min
P	69	F	AGRICULTORA	NÃO INFORMADO		25 min
Q	73	M	AGRICULTOR	VIZINHO		46 min
R	76	F	AGRICULTORA	VIZINHO		1.30 min
S	58	F	AGRICULTOR	VIZINHO		2.17 min
T	69	M	AGRICULTOR	MORADOR		1.19 min
U	75	M	AGRICULTOR	VIZINHO		60 min
V	75	M	AGRICULTOR	NÃO INFORMADO		87 min

Fonte:Elaboração própria (2023).

## APÊNDICE C - FORMULÁRIO DE ENTREVISTAS - A

Nome: A

Sexo: masculino

Data: 10.1.2023

Local: Santa Maria

1- Onde você mora? De onde vieram seus familiares?

R: Na Praça Argemiro Filardi, s/n, Santa Maria, BA. Familiares oriundos de Minas, Goiás e da própria Bahia.

2- Sabe dizer como se iniciou a história da Vila?

R: Não sei como começou.

3- Você conheceu ou ouviu falar na Vila? Tem alguma foto ou documento do local?

R: Temos no acervo da Casa da Cultura Antônio Lisboa de Moraes-Biblioteca Campesina alguns documentos acerca da história da Vila.

4- Houve algum fato que marcou esse lugar?

R: A mando dos Affonsos, fundadores de Santa Maria, jagunços invadiram a Lavandeira e destruíram praticamente tudo.

R: Na sequência o Cel. Severiano Magalhães foi, com seus jagunços, se solidarizar com o povo da Vila.

5-Para onde foram as pessoas após o conflito?

R: Correram pra Açudina e Santo Antônio, povoados próximos.

6- Você sabe onde ficavam as casas ou outras partes da Vila?

R: Não sei.

7-Existem locais que mostram a existência de atividades comerciais da Vila?

R: Idem idem.

8- Por que não se vê nada da destruição da Vila?

R: Não posso afirmar porque não conheço a Vila.

9- O que é o ambiente da lavadeira hoje? Quem perdeu com a destruição?

R: Quem perdeu com a destruição foram todos os moradores do lugar.

10- Quem foi o ganhador?

R: Os coronéis de Santa Maria, que retomaram a hegemonia econômica do Vale do Rio Corrente.

## APÊNDICE D - FORMULÁRIO DE ENTREVISTAS - B

Nome: B

Sexo: Feminino

Data: 5.1.2021

Idade: 90

Local: Santa Maria

1- Onde você mora? De onde vieram seus familiares?

R: Vivia no Domingão, vim dos Poços em Santa Maria.

2- Sabe dizer como se iniciou a história da Vila?

R: Meu avô comprou a terra, era abandonada e a destruição por bala aparecia em todo lado. Os participantes do barulho foram para o outro lado do rio.

3- Você conheceu ou ouviu falar na Vila? Tem alguma foto ou documento do local?

R: A minha avó dizia que aqui a fartura era grande, sempre vinha gente falando da guerra, meu marido já deu entrevista para jornalista, mas nunca vir essas fotos e nem documentos das entrevistas.

4- Houve algum fato que marcou esse lugar?

R: Aqui é lugar de guerra muito violência, tirou as pessoas daqui muita morte, muitos se jogaram no rio, outros desapareceram e fugiram para não morrer.

5. Para onde foram as pessoas após o conflito? R: Para bem longe, para o pé do morro e para o Brejo.

6- Você sabe onde ficavam as casas ou outras partes da Vila?

R: Morei na Lavadeira e para todo lado tinha marca de alicerce de casa antiga, cemitério que os ossos desciam rio abaixo e as ruínas.

7-Existem locais que mostram a existência de atividades comerciais da Vila?

R: Também tinham muitos alicerces na beira do rio e não tem mais, foi arrancado de trator, conheci o local de ancorar o vapor, mas foi cortado.

8- Por que não se vê nada da destruição da Vila?

R: Essa área não se fala nada, mas sempre foi orientado para esconder as coisas do comércio antigo.

9- O que é o ambiente da lavadeira hoje? Quem perdeu com a destruição? Quem foi o ganhador?

R: Vendemos a terra e aqui se planta só para exportar frutas, muito veneno.

**APÊNDICE D - FORMULÁRIO DE ENTREVISTAS - C**

Nome: C

Sexo: Masculino

Data:

Local: Santa Maria da Vitória - Bahia.

1 - Onde você mora?

R: Em Lavandeira, Paratinga.

2 - De onde vieram seus familiares?

R: Vim morar aqui para trabalhar nas terras que eram de família, na entrada Vila Destruída.

3- Você conheceu ou ouviu falar na Vila? Tem alguma foto ou documento do local: Soube que minha família queria usar a morar na vila, não tem fotos.

4- Houve algum fato que marcou esse lugar?

R: Se espalhou toda a gente depois dos “barulhos “.

5-Para onde foram as pessoas após o conflito?

R: Para a redondeza, para o Brejo.

6- Você sabe onde ficavam as casas ou outras partes da Vila? R: Minha família diz que o comércio era na área, onde está a sede nova, em frente ao cemitério.

7-Existem locais que mostram a existência das atividades comerciais da Vila? R: O Porto e a Vila por muito tempo se via as ruínas, mas foram destruídas pelo plantio.

8- Por que não se vê nada da destruição da Vila? R: Pelo motivo do plantio e criação de gado.

9- O que é o ambiente da lavadeira hoje? Quem perdeu com a destruição? R: Hoje só tem os empregados, a Vila não existe como comércio e ao seu redor, novas propriedades foram surgindo e se fez nova lavanderia.

10- Quem foi o ganhador?

R: Novos proprietários.

**APÊNDICE E - FORMULÁRIO DE ENTREVISTAS - D**

Nome: D

Sexo: Masculino

Data:

Local: Santa Maria da Vitória-Bahia.

1- Onde você mora? De onde vieram seus familiares?

R: Em Santa Maria da Vitória, Bahia-Pernambuco.

2- Sabe dizer como se iniciou a história da Vila? R: Só ouvir falar aqui na comunidade.

3- Você conheceu ou ouviu falar na Vila? R: Tem alguma foto ou documento do local? Todo mundo fala da Vila aqui. Não vi foto.

4- Houve algum fato que marcou esse lugar?

R: Até hoje as pessoas falam que houve uma guerra com muitas armas de fogo.

5-Para onde foram as pessoas após o conflito?

R: Correram tudo para lugares distantes, e também para o Brejo, dizia Catu, que era dona da Lavadeira.

6- Você sabe onde ficavam as casas ou outras partes da Vila? R: não sei, mas dizem que é onde fica a nova sede.

7-Existem locais que mostram a existência de atividades comerciais da Vila? R: Não sei onde fica.

8- Por que não se vê nada da destruição da Vila?

R: Aqui passa muito maquinário parado o ano todo.

9- O que é o ambiente da lavadeira hoje? Quem perdeu com a destruição? R: É uma fazenda, nunca vi o dono, só conheço o gerente, que veio de fora, morar aqui.

10- Quem foi o ganhador?

R: Não sei dizer.

## APÊNDICE F - FORMULÁRIO DE ENTREVISTAS - E

Nome: E

Sexo: Masculino

Data:

Local: Santa Maria da Vitória – Bahia.

1- Onde você mora? De onde vieram seus familiares?

R: De Minas Gerais, nasceu em Santa Maria da Vitória – Bahia.

2- Sabe dizer como se iniciou a história da Vila?

R: Se sabe que existia Vila pelos antigos, novas casas e as marcas da destruição são escondidas. Existem, porém não mais visíveis.

3- Você conheceu ou ouviu falar na Vila? Tem alguma foto ou documento do local?

R: Reconheço a Vila desde os anos 60, sempre em mudança de proprietários e plantando monocultura, criando gado e contratando quantidade de gente.

4- Houve algum fato que marcou esse lugar?

R: Se ouvir falar da guerra, os moradores são trabalhadores e não mais os donos.

5-Para onde foram as pessoas após o conflito?

R: Muitos se alojaram nos arredores do Morro do Domingão, no Brejo ou foram para seus lugares de origem.

6- Você sabe onde ficavam as casas ou outras partes da Vila?

R: Havia ruínas à vista na área onde está a sede, marcos de bola, mas as estruturas foram destruídas e se fez novas sedes.

7-Existem locais que mostram a existência de atividades comerciais da Vila?

R: Apenas a memória, as pessoas sabem onde fica o banheiro, o posto, a vila, o curral, o coro de fotos.

8- Por que não se vê nada da destruição da Vila?

R: Tudo foi destruído pelo trator, em deveras ocupadas.

9- O que é o ambiente da lavadeira hoje? Quem perdeu com a destruição?

R: Uma fazenda que se ocupava da monocultura e pecuária, cujos donos são de outros estados e contrata trabalhadores do local. Os perdedores são as famílias que eram proprietários e tiveram seus modos de vida destruídos e viram habitantes seus destruir vidas.

10- Quem foi o ganhador?

**APÊNDICE G - FORMULÁRIO DE ENTREVISTAS - F**

Nome: F

Sexo: Masculino

Data:

Local: Santa Maria da Vitória – Bahia.

1- Onde você mora? De onde vieram seus familiares?

R: Em Santa Maria da Vitória – Bahia, Juazeiro.

2- Sabe dizer como se iniciou a história da Vila?

R: Não.

3- Você conheceu ou ouviu falar na Vila? Tem alguma foto ou documento do local?

R: Sim, meus avós diziam que aqui era o Ponto inicial.

4- Houve algum fato que marcou esse lugar?

R: Se fala numa guerra e até hoje tem marcos e gente que desapareceu.

5-Para onde foram as pessoas após o conflito?

R: Minha família foi morar no Brejo, outras foram para Juazeiro.

6-Você sabe onde ficavam as casas ou outras partes da vila?

R: Antigamente se via os alicerces, hoje o trator arrancou tudo.

7-Existem locais que mostram a existência de atividades comerciais da Vila?

R: Sabemos onde ficavam, porque os avós contavam, mas não se vê, mais nada tenho da vila.

8- Por que não se vê nada da destruição da Vila?

R: Porque o trator, o arado removeu tudo.

9- O que é o ambiente da lavadeira hoje? Quem perdeu com a destruição?

R: A comunidade foi desalojada.

10- Quem foi o ganhador?

**APÊNDICE H - FORMULÁRIO DE ENTREVISTAS - G**

Nome: G

Sexo: Masculino

Data:

Local: Santa Maria da Vitória - Bahia.

1- Onde você mora? De onde vieram seus familiares?

R: De Santa Maria da Vitória - Bahia e meus avós de Januária.

2- Sabe dizer como se iniciou a história da Vila?

R: Não.

3- Você conheceu ou ouviu falar na Vila? Tem alguma foto ou documento do local?

R: Aqui no Domingão todos falam que aqui era um lugar de riqueza e multi-comércio.

4- Houve algum fato que marcou esse lugar?

R: Essa guerra todos falavam dela.

5-Para onde foram as pessoas após o conflito?

R: Não sei.

6- Você sabe onde ficavam as casas ou outras partes da Vila?

R: As casas e o comércio dizem que estão encobertos na parte da sede.

7-Existem locais que mostram a existência de atividades comerciais da Vila?

R: Nunca some tudo, sempre aparece alguma parte quando chove muito e vi as máquinas derrubando alicerces.

8- Por que não se vê nada da destruição da Vila?

R: O arado e o trator passam, destruindo tudo.

9- O que é o ambiente da lavadeira hoje? Quem perdeu com a destruição?

R: É um lugar que todo mundo diz que ali viveu seu avô, bisavô, o meu morreu na guerra e ninguém achou o corpo.

10- Quem foi o ganhador?

## APÊNDICE I - FORMULÁRIO DE ENTREVISTAS - H

Nome: H

Sexo: Masculino

Data:

Local: Santa Maria da Vitória - Bahia.

1- Onde você mora? De onde vieram seus familiares?

R: Na Lavanderia. Santa Maria da Vitória - Bahia.

2- Sabe dizer como se iniciou a história da Vila?

R: Não sei, só ouvir falar.

3- Você conheceu ou ouviu falar na Vila? Tem alguma foto ou documento do local?

R: Não tenho foto, mas o lenheiro fica do lado de minha casa. Dizem que a casa de festa era ao lado da ponte.

4- Houve algum fato que marcou esse lugar?

R: Todos contam de uma guerra que destruiu tudo e encerrou as atividades da ponte dos ônibus.

5-Para onde foram as pessoas após o conflito?

R: Muitos vivem até hoje aos arredores do morro do Domingão.

6- Você sabe onde ficavam as casas ou outras partes da Vila?

R: Ao lado da ponte tinha uma vila de casas de moedas e todo o centro, onde o campo de avião era a vila, as casas de comércio, a casa de festa e o cemitério.

7-Existem locais que mostram a existência de atividades comerciais da Vila?

R: Existia, mas hoje não se vê, mas nada a olho nu.

8- Por que não se vê nada da destruição da Vila?

R: Ah! Moça, máquina pesada rola nesta terra há muito tempo.

9- O que é o ambiente da lavadeira hoje? Quem perdeu com a destruição?

R: É a lembrança de uma comunidade que a guerra destruiu e não existe mais. Todos perderam, quem ganhou só foram os fazendeiros que era os donos das terras.

10- Quem foi o ganhador?

**APÊNDICE J - FORMULÁRIO DE ENTREVISTAS - I**

Nome: I

Sexo: Masculino

Data:

Local: Santa Maria da Vitória - Bahia.

1- Onde você mora? De onde vieram seus familiares? R: Na Lavanderia. De Santana.

2- Sabe dizer como se iniciou a história da Vila? R:

R: Meus bisavôs dizem que toda população fazia suas coisas para vender aqui em troca de sal, jabá e outras coisas.

3- Você conheceu ou ouviu falar na Vila? Tem alguma foto ou documento do local?

R: Sempre soube que a vila existiu, mas não tenho foto, nunca vi.

4- Houve algum fato que marcou esse lugar?

R: A tragédia aqui foi o “barulho” que destruiu tudo nesta vila e ficamos sem nada de venda.

5-Para onde foram as pessoas após o conflito?

R: Para outros lugares perto, o Brejo recebeu muita gente.

6- Você sabe onde ficavam as casas ou outras partes da Vila?

R: A parte do comércio era onde tem a sede e o campo de avião.

7- Existem locais que mostram a existência de atividades comerciais da Vila?

R: Era no antigo curral e no centro do campo de avião que existiam alicerces de pedra, que hoje não se veem mais.

8- Por que não se vê nada da destruição da Vila?

R: Muitos maquinários para plantar roça.

9- O que é o ambiente da lavadeira hoje? Quem perdeu com a destruição?

R: Uma terra que todo dia chega dono novo e planta e remexe tudo e ninguém daqui gosta porque lá não fica ninguém.

10- Quem foi o ganhador?

**APÊNDICE K - FORMULÁRIO DE ENTREVISTAS - J**

Nome: J

Sexo: Masculino

Data:

Local: Santa Maria da Vitória – Bahia.

1- Onde você mora? De onde vieram seus familiares?

R: Santa Maria da Vitória – Bahia, Minas Gerais.

2- Sabe dizer como se iniciou a história da Vila?

R: Não.

3- Você conheceu ou ouviu falar na Vila? Tem alguma foto ou documento do local?

R: Escuto o povo falar que Dinda vai reconstruir o lugar, mas não tem nada.

4- Houve algum fato que marcou esse lugar?

R: O fato que todos aqui conhecem é a guerra que destruiu a ponte e a vila.

5-Para onde foram as pessoas após o conflito?

R: Não sei.

6- Você sabe onde ficavam as casas ou outras partes da Vila?

R: Dizem que é no local da atual sede.

7-Existem locais que mostram a existência de atividades comerciais da Vila?

R: Existiam, não tem mais.

8- Por que não se vê nada da destruição da Vila? R: Tudo debaixo da terra, o trator arrancou.

9- O que é o ambiente da lavadeira hoje? Quem perdeu com a destruição?

R: Nada como antes, só plantio. Ganha quem é dono e tira muito dinheiro no banco com a terra.

10- Quem foi o ganhador?

## APÊNDICE L - FORMULÁRIO DE ENTREVISTAS - L

Nome: L

Sexo: Feminino

Data:

Local: Santa Maria da Vitória – Bahia.

1- Onde você mora? De onde vieram seus familiares?

R: Lavandeira, Santa Maria da Vitória – Bahia.

2- Sabe dizer como se iniciou a história da Vila?

R: Não, mas sei que aqui todo mundo vendia rapadura, milho, etc.

3- Você conheceu ou ouviu falar na Vila? Tem alguma foto ou documento do local?

R: Não conheci, vim morar pequena, quando minha bisavó morreu e aqui ficaram parentes, que sobreviveram de quando destruiu a vila.

4- Houve algum fato que marcou esse lugar?

R: Cresci ouvindo falar de quem eram os “barulhos”.

5-Para onde foram as pessoas após o conflito?

R: Minha família foi para Juazeiro.

6- Você sabe onde ficavam as casas ou outras partes da Vila?

R: Não.

7-Existem locais que mostram a existência de atividades comerciais da Vila?

R: Não conheci, não tem mais nada.

8- Por que não se vê nada da destruição da Vila?

R: O povo fala que tudo aqui o trator arrancou.

9- O que é o ambiente da lavadeira hoje? Quem perdeu com a destruição?

R: Eu trabalho nas fazendas e aqui quando bota veneno, eu trabalho também.

10- Quem foi o ganhador?

**APÊNDICE M - FORMULÁRIO DE ENTREVISTAS - M**

Nome: M

Sexo: masculino

Data:

Local: Santa Maria da Vitória – Bahia.

1- Onde você mora? De onde vieram seus familiares?

R: Canoa velha, Jacobina.

2- Sabe dizer como se iniciou a história da Vila?

R: Não.

3- Você conheceu ou ouviu falar na Vila? Tem alguma foto ou documento do local?

R: Nunca existiu foto daqui, mas sempre soube que a guerra destruiu esse comércio.

4- Houve algum fato que marcou esse lugar?

R: A queima de casas e a retirada do povo fugindo deixando tudo para trás.

5-Para onde foram as pessoas após o conflito?

R: Não sei.

6- Você sabe onde ficavam as casas ou outras partes da Vila?

R: Ficava tudo perto da ponte até a entrada do cemitério.

7-Existem locais que mostram a existência de atividades comerciais da Vila?

R: Não existe mais nada desse tempo.

8- Por que não se vê nada da destruição da Vila?

R: Não se vê, porque com o tempo, as máquinas destroem tudo.

9- O que é o ambiente da lavadeira hoje? Quem perdeu com a destruição?

R: Uma terra sem gente e quando planta vende para fora.

10- Quem foi o ganhador?

**APÊNDICE N - FORMULÁRIO DE ENTREVISTAS - N**

Nome: N

Sexo: Masculino

Data:

Local: Santa Maria da Vitória – Bahia.

1- Onde você mora? De onde vieram seus familiares?

R: Santa Maria da Vitória – Bahia. De Pernambuco.

2- Sabe dizer como se iniciou a história da Vila?

R: Não.

3- Você conheceu ou ouviu falar na Vila? Tem alguma foto ou documento do local?

R: Não, mas o povo diz que aqui houve uma grande Vila onde se vendia de tudo no porto e se comprava as novidades que chegava.

4- Houve algum fato que marcou esse lugar?

R: Tudo acabou com a guerra.

5-Para onde foram as pessoas após o conflito?

R: Para muitos lugares distantes e nunca mais voltaram.

6- Você sabe onde ficavam as casas ou outras partes da Vila?

R: Tudo quanto é de lugar embaixo dessa sede nova, tem estrutura antiga da vila, basta olhar direitinho.

7-Existem locais que mostram a existência de atividades comerciais da Vila?

R: Não existe mas prova de uma terra.

8- Por que não se vê nada da destruição da Vila?

R: Aqui tudo revira com a máquina perdida.

9- O que é o ambiente da lavadeira hoje? Quem perdeu com a destruição?

R: Todos perdem, mas não há o comércio e as pessoas fugiram e nunca mais poderiam voltar.

Quem foi o ganhador?

**APÊNDICE O - FORMULÁRIO DE ENTREVISTAS - O**

Nome: O

Sexo: Feminino

Data:

Local: Santa Maria da Vitória – Bahia.

1- Onde você mora? De onde vieram seus familiares?

R: No Domingão – De Pernambuco.

2- Sabe dizer como se iniciou a história da Vila?

R: Não.

3- Você conheceu ou ouviu falar na Vila? Tem alguma foto ou documento do local?

R: A fazenda de Balbino foi incendiada pela caldeira do vapor e cobrou da Marinha o prejuízo, pai de Ruth, filha de Zé de Juvêncio.

4- Houve algum fato que marcou esse lugar?

R: Aqui tinha 3 vapores: Amaro Cavalcante, Afonso Arinos, Saldanha Marinho e levaram 30 dias até Pirapora.

5-Para onde foram as pessoas após o conflito?

R: Para longe, do outro lado do rio, mora no Brejo.

6- Você sabe onde ficavam as casas ou outras partes da Vila?

R: O lenheiro da fazenda Babosa, era ponto de o vapor abastecer a caldeira, daí descia para a casa da festa, na beira do rio ao lado da casa grande.

7-Existem locais que mostram a existência de atividades comerciais da Vila?

R: Não existe nada mais.

8- Por que não se vê nada da destruição da Vila?

R: Tudo foi coberto por terra.

9- O que é o ambiente da lavadeira hoje? Quem perdeu com a destruição? R: Não sei, mas a fazenda hoje é mais isolada do que produzindo... Lugar de visagem essa estrada... muita livusia aqui. O pau do cotovelo sempre tem alguma alma penada assombrando os passantes. Esses dias meu neto chegou de Goiânia e parou o carro ao lado do pau do cotovelo, porque está vendo um carro vermelho parado embaixo da árvore pedindo socorro. Encostou na beira da estrada e os demais passageiros ninguém mais viu o carro que desapareceu. Outro dia foi o morador de Brasília, sobrinho de Isabel que viu um carro no mesmo local na beira da estrada e depois desapareceu.

R: Não vi, mas a fazenda hoje é mais isolada do que produzindo.

10- Quem foi o ganhador?

**APÊNDICE P - FORMULÁRIO DE ENTREVISTAS - P**

Nome: P

Sexo: Feminino

Data:

Local: Santa Maria da Vitória – Bahia.

1- Onde você mora? De onde vieram seus familiares? R:

2- Sabe dizer como se iniciou a história da Vila? R:

3- Você conheceu ou ouviu falar na Vila? Tem alguma foto ou documento do local?

4- Houve algum fato que marcou esse lugar?

5-Para onde foram as pessoas após o conflito?

6- Você sabe onde ficavam as casas ou outras partes da Vila?

R: As casas de venda era tudo aqui onde é o campo de avião e a casa grande da fazenda. As partes da casa de festa, existiam do outro lado do rio na fazenda de senhorinha D. Maria vendia.

7-Existem locais que mostram a existência de atividades comerciais da Vila?

R: Nunca vi, mas o povo fala que tem debaixo aí de tudo.

8- Por que não se vê nada da destruição da Vila?

R: Há muito tempo, outra sede foi construída.

9- O que é o ambiente da lavadeira hoje? Quem perdeu com a destruição?

R: Uma terra que vira planta com muito veneno, pivô e máquina que revendia tudo.

10- Quem foi o ganhador?

**APÊNDICE Q - FORMULÁRIO DE ENTREVISTAS - Q**

Nome: Q

Sexo: feminino

Data:

Local: Santa Maria da Vitória – Bahia.

1- Onde você mora? De onde vieram seus familiares?

R: Santa Maria da Vitória – Bahia, De São Pedro.

2- Sabe dizer como se iniciou a história da Vila?

R: Não.

3- Você conheceu ou ouviu falar na Vila? Tem alguma foto ou documento do local?

R: Conheci já com D. Catu e muitos marcos de estrutura das vendas, em torno do vapor e do cruzeiro do cemitério.

4- Houve algum fato que marcou esse lugar?

R: Dizem que a guerra deixou muitos enterrados e outros desaparecidos até hoje.

5-Para onde foram as pessoas após o conflito?

R: Morreram ou fugiram para longe.

6- Você sabe onde ficavam as casas ou outras partes da Vila?

R: Fica no centro do campo de avião, na beira do rio tinha minha casa, ao lado do curral até a estrada ao lado do cemitério, tudo era comércio.

7-Existem locais que mostram a existência de atividades comerciais da Vila?

R: Não tem mais nada.

8- Por que não se vê nada da destruição da Vila? R: Aqui tudo foi destruído com o tempo, o plantio.

9- O que é o ambiente da lavadeira hoje? Quem perdeu com a destruição?

R: Uma terra arrasada, que ninguém sustenta nela.

10- Quem foi o ganhador?

**APÊNDICE R - FORMULÁRIO DE ENTREVISTAS - R**

Nome: R

Sexo: Masculino.

Data:

Local: Santa Maria da Vitória - Bahia.

1- Onde você mora? De onde vieram seus familiares?

R: Canoa Velha, de Lavandeira.

2- Sabe dizer como se iniciou a história da Vila? R: Não.

3- Você conheceu ou ouviu falar na Vila? Tem alguma foto ou documento do local?

R: Não conheço, mas sempre se diz que a Vila era grande e gerava movimento dos produtos que tinha, vendia no vapor, trocava.

4- Houve algum fato que marcou esse lugar?

R: Aí tudo foi acabado com a guerra e o “barulho” espantou o povo que nunca mais voltou.

5-Para onde foram as pessoas após o conflito?

R: Para o Brejo, Espírito Santo, Pé de morro.

6- Você sabe onde ficavam as casas ou outras partes da Vila?

R: Não.

7-Existem locais que mostram a existência de atividades comerciais da Vila?

R: Não sei.

8- Por que não se vê nada da destruição da Vila?

R: Ah, sempre tem plantação.

9- O que é o ambiente da lavadeira hoje? Quem perdeu com a destruição?

R: A fazenda planta mamão e cria boi e não sei quem ganhou porque os antigos já morreram.

10- Quem foi o ganhador?

**APÊNDICE S - FORMULÁRIO DE ENTREVISTAS - S**

Nome: S

Sexo: Masculino

Data:

Local: Santa Maria da Vitória – Bahia.

1- Onde você mora? De onde vieram seus familiares?

R: Santa Maria da Vitória – Bahia. Vim do Pernambuco.

2- Sabe dizer como se iniciou a história da Vila?

R: Não.

3- Você conheceu ou ouviu falar na Vila? Tem alguma foto ou documento do local?

R: Não.

4- Houve algum fato que marcou esse lugar?

R: Meu bisavô fala da guerra que expulsou todo mundo.

5-Para onde foram as pessoas após o conflito?

R: Nossa família foi para o Cuscuzeiro.

6- Você sabe onde ficavam as casas ou outras partes da Vila?

R: Não.

7-Existem locais que mostram a existência de atividades comerciais da Vila?

R: Não tem.

8- Por que não se vê nada da destruição da Vila?

R: R: Aqui tem muitos tratores toda hora.

9- O que é o ambiente da lavadeira hoje? Quem perdeu com a destruição?

R: Ninguém antigo voltou para a Lavadeira. Outros moradores viraram donos e nunca mais a vila foi para a frente.

10- Quem foi o ganhador?

**APÊNDICE T - FORMULÁRIO DE ENTREVISTAS - T**

Nome: T

Sexo: Feminino

Data:

Local: Santa Maria da Vitória – Bahia.

1- Onde você mora? De onde vieram seus familiares?

R: Santa Maria da Vitória – Bahia, De Petrolina.

2- Sabe dizer como se iniciou a história da Vila? R: Não.

3- Você conheceu ou ouviu falar na Vila? Tem alguma foto ou documento do local?

R: Não, mas o povo conta que todos os parentes sumiram, fugindo e nunca e nunca mais voltaram.

4- Houve algum fato que marcou esse lugar?

R: Houve a guerra que uns homens invadiram tudo e tocaram fogo nas casas.

5-Para onde foram as pessoas após o conflito?

R: Todos no Brejo, Cuscuzeiro ou no vapor.

6- Você sabe onde ficavam as casas ou outras partes da Vila?

R: Era no lugar da casa grande.

7-Existem locais que mostram a existência de atividades comerciais da Vila?

R: Não existe mais.

8- Por que não se vê nada da destruição da Vila?

R: As portas pesadas e enormes até do outro lado do rio, tudo foi arrancado com trator, casa com ela, e o resto tudo.

9- O que é o ambiente da lavadeira hoje? Quem perdeu com a destruição?

R: Uma fazenda que guarda tristeza de que nossos antepassados foram expulsos sem nunca mais voltar ao lugar.

10- Quem foi o ganhador?

**APÊNDICE U - FORMULÁRIO DE ENTREVISTAS - U**

Nome: U

Sexo: Feminino.

Data:

Local: Santa Maria da Vitória – Bahia.

1- Onde você mora? De onde vieram seus familiares?

R: Santa Maria da Vitória – Bahia, de Pernambuco.

2- Sabe dizer como se iniciou a história da Vila?

R: Não.

3- Você conheceu ou ouviu falar na Vila? Tem alguma foto ou documento do local?

R: Dizem que aqui era comércio grande, lugar que rameiro deixava dinheiro e dançava a noite toda, trouxe mercadoria para vender e comprava fumo, rapadura, milho, lenha dos povos daqui.

4- Houve algum fato que marcou esse lugar?

R: O povo antigo fala dessa guerra que queimou todas as casas.

5-Para onde foram as pessoas após o conflito?

R: Não sei.

6- Você sabe onde ficavam as casas ou outras partes da Vila?

R: dizem que é no campo de futebol, perto do cemitério.

7-Existem locais que mostram a existência de atividades comerciais da Vila?

R: Não sei, mas o povo diz que era na beira do rio e perto das casas, perto dos cães.

8- Por que não se vê nada da destruição da Vila?

R: Tudo aqui é derrubado e faz novas casas.

9- O que é o ambiente da lavadeira hoje? Quem perdeu com a destruição?

R: Sempre tem donos novos e se planta com muita gente que vem de fora, mora na casa ao lado do galpão ou vão embora de ônibus. O dono quem tem todos trabalhando para eles.

10- Quem foi o ganhador?

## APÊNDICE V - FORMULÁRIO DE ENTREVISTAS - V

Nome: V

Sexo: masculino

Data:

Local: Santa Maria da Vitória - Bahia.

1- Onde você mora? De onde vieram seus familiares?

R: Lavadeira- poços, de Santa Maria da Vitória - Bahia.

2- Sabe dizer como se iniciou a história da Vila?

R: Não.

3- Você conheceu ou ouviu falar na Vila? Tem alguma foto ou documento do local?

R: Aqui as pessoas vendiam e cresciam no comércio.

4- Houve algum fato que marcou esse lugar?

R: Aí chegou os barulhos e destruiu toda a vila.

5-Para onde foram as pessoas após o conflito?

R: A mulher de Juvêncio descobriu o cemitério antigamente, e viu muitos corpos atrás da cerca da estrada.

6- Você sabe onde ficavam as casas ou outras partes da Vila?

R: Do curral até o campo de avião, tudo era casa de comércio.

7-Existem locais que mostram a existência de atividades comerciais da Vila?

R: Não tem mais nada.

8- Por que não se vê nada da destruição da Vila?

R: Porque não deixam nada com as máquinas arrancando.

9- O que é o ambiente da lavadeira hoje? Quem perdeu com a destruição?

R: Nem de dona Cornélia, diz que a Lavadeira era, parte do povo de Dona Cornélia comprou, tem toda gente compra para vender, hoje nada cresce.

10- Quem foi o ganhador?

**APÊNDICE W - FORMULÁRIO DE ENTREVISTAS - X**

Nome: X

Sexo: Feminino

Data:

Local: Santa Maria da Vitória - Bahia.

1- Onde você mora? De onde vieram seus familiares?

R: Lavadeira, de Itapetinga.

2- Sabe dizer como se iniciou a história da Vila?

R: Não.

3- Você conheceu ou ouviu falar na Vila? Tem alguma foto ou documento do local?

R: Nunca vi foto, mas o povo do meu marido fala que os parentes antigos moravam aqui.

4- Houve algum fato que marcou esse lugar?

R: A guerra e os barulhos aqui todo mundo sabe falar.

5-Para onde foram as pessoas após o conflito?

R: Não sei.

6- Você sabe onde ficavam as casas ou outras partes da Vila?

R: Não, quando cheguei aqui criança, o povo dizia que era lá no lugar da casa grande.

7-Existem locais que mostram a existência de atividades comerciais da Vila?

R: Nunca vi falar.

8- Por que não se vê nada da destruição da Vila?

R: Acho que é porque passa trator em tudo.

9- O que é o ambiente da lavadeira hoje? Quem perdeu com a destruição?

R: Não sei, eu moro aqui desde de pequeno e diz que meus parentes era dono daqui até queimar tudo na guerra.

10- Quem foi o ganhador?

## APÊNDICE X - FORMULÁRIO DE ENTREVISTAS - Z

Nome: Z

Sexo: Masculino

Data:

Local: Santa Maria da Vitória - Bahia.

1- Onde você mora? De onde vieram seus familiares?

R: Santa Maria da Vitória - Bahia. De Caraíbas.

2- Sabe dizer como se iniciou a história da Vila?

R: Não sei, mas era comércio forte.

3- Você conheceu ou ouviu falar na Vila? Tem alguma foto ou documento do local?

R: Não conheci, mas sei que existiu e ainda hoje se vê cemitério e o povo fala da fatura.

4- Houve algum fato que marcou esse lugar?

R: Passava: são Francisco, Fernando de Cunha, Saldanha Afonso, Arinos, 30 dias em Pirapora.

5- Para onde foram as pessoas após o conflito?

R: Do curral das éguas, onde é a sede antiga que na guerra com Dr. Paulo Sobral até o Porto onde era forte o comércio de rapadura.

6- Você sabe onde ficavam as casas ou outras partes da Vila?

R: Do curral das éguas onde é a sede antiga, que na guerra com Di Paulo Sobral até o Porto onde era forte o comércio de rapadura.

7- Existem locais que mostram a existência de atividades comerciais da Vila?

R: O lenheiro da fazenda do pai de Edezio, onde se pagava por metro quadrado, os carros de boi entupido de madeira que chegava de toda região, e fazia contrato de compra de lenha para abastecer a caldeira do vapor. Os carros de bois distribuíam as

mercadorias para os depósitos de Joaquim Bodeiro, Mario Campos, Joaquim Lisboa na cidade e em Açudina e Santo Antônio.

8- Por que não se vê nada da destruição da Vila?

R:

9- O que é o ambiente da lavadeira hoje? Quem perdeu com a destruição?

R: Acabou tudo em guerra.

10- Quem foi o ganhador?

**APÊNDICE z - FORMULÁRIO DE ENTREVISTAS – JOVINO ALVES**

Nome: Jovino Alves

Sexo: Masculino

Data:

Local: Santa Maria da Vitória - Bahia.

1- Onde você mora? De onde vieram seus familiares?

R: De Canoa Velha, Santa Maria da Vitória - Bahia.

2- Sabe dizer como se iniciou a história da Vila?

R: Não.

3- Você conheceu ou ouviu falar na Vila? Tem alguma foto ou documento do local?

R: Não conheço foto, mas sempre soube que existiu a vila antigamente.

4- Houve algum fato que marcou esse lugar?

R: A destruição da Vila.

5-Para onde foram as pessoas após o conflito?

R: Para o Brejo.

6- Você sabe onde ficavam as casas ou outras partes da Vila?

R: Não.

7-Existem locais que mostram a existência de atividades comerciais da Vila?

R: Aqui na entrada, dizem tem o pau do cotovelo, onde decorava a sede até chegar no cemitério perto da casa de Zé de Duda

8- Por que não se vê nada da destruição da Vila?

R: O Getúlio recolheu tudo para fazer o campo de avião e vila nova casa grande.

9- O que é o ambiente da lavadeira hoje? Quem perdeu com a destruição?

R: só pivô e plantação de mamão para vender para fora.

10- Quem foi o ganhador?